

# TERRA DE DEMÔNIOS

MÁRCIO CATUNDA

\*\*

## SUMÁRIO

### **Terra de Demônios - Capítulos:**

As primeiras impressões do personagem sobre a Ilha dos Patrupachas e o trabalho na empresa Ventura.....	
O despacho.....	
Os desmandos.....	
A exposição das relíquias.....	
A visita do Ouvidor.....	
O enfrentamento.....	
O diálogo dos serviçais.....	
O implacável Dr. Ferro.....	
O atentado.....	
Peripécias do ominoso homem.....	
As estranhas transformações do Dr. Lúcio Ferro e de outros habitantes da Ilha.....	

### **Posfácio:**

*Terra de Demônios, ou: a ilha uivante de Márcio Catunda — uma nova estratégia romanesca — Carlos Emílio Corrêa Lima.....*

“Os patruchas também amam.  
E, apesar do seu ódio pelas estrelas,  
ficam enternecidos como peixes mortos.”

José Alcides Pinto

“Demorou quarenta dias  
sem ingestão de alimento.  
Água, também, não bebeu.  
Sentiu fome num momento.  
Entretanto, não comeu,  
às gestões do Demo atento”.

Vianney Mesquita

# TERRA DE DEMÔNIOS

## **As primeiras impressões do personagem sobre a Ilha dos Patrupachas e o trabalho na empresa Ventura**

Crátilo Portela parecia um rapaz ingênuo. De estatura média, idealista, frequentador de praias, era leitor de literaturas orientais, inclusive dos diários de Mahatma Ghandi. Tinha a inocência de acreditar que todas as pessoas eram boas e o egocentrismo de achar que todos eram seus aliados, que o ajudariam em qualquer dificuldade.

Dera-lhe seu pai o nome de um discípulo de Platão, educando-o para ser político ou militar. Porém, Crátilo abandonou a Faculdade de Letras e foi trabalhar num cartório de registro civil de um cabo eleitoral da família. Logo desistiu do emprego, porque queria uma vida de aventuras, longe da monotonia do trabalho burocrático. Sentia-se robotizado. Queria ter o tempo livre para dedicar-se à carreira de escritor.

No entanto, a única forma de viver *aventuras* foi ingressar na empresa *Ventura*. Assim, em vez de escritor, tornou-se escriturário.

A Ventura recrutava funcionários para trabalhar em países periféricos. Desse modo, leu livros sobre comércio internacional, prestou concurso para vaga oferecida e foi aprovado.

Tinha 36 anos, quando chegou a Patrupacholândia, capital da Ilha dos Patrupachas. Sentia-se cheio de entusiasmo para a primeira missão a serviço da Ventura, onde exerceria a função de escriturário.

Esperava conhecer um grande país? Esperava encontrar uma região fértil, onde, com as riquezas da terra, poderia granjear as do céu? Uma ilha como a de Sancho Pança, em que a justiça se exercia com clemência? Em que os cargos e ofícios eram dados por merecimento? Um lugar como o da Utopia? Uma Nova Atlântida? Uma cidade do Sol? Não. Não alimentava tão auspiciosas expectativas. Sabia que se tratava de uma população de dois milhões de favelados. Que enfrentaria dificuldades decorrentes da mentalidade da sociedade local e da própria Ventura, que costuma ter sérios problemas. Não somente administrativos, mas também de sanidade mental dos seus

servidores. Não imaginava, porém, realmente, a dimensão do drama que enfrentaria.

Túlio, o arquivista da empresa, risonho, ostentando um cabelo encarapinhado e brincos nas duas orelhas, o esperava junto ao local onde se recolhiam as malas.

Um jovem de tez escura avançou na direção dos dois funcionários e, sem nada dizer, carregou a mala de Crátilo. Ao receber uns trocados, ele não agradeceu e foi seguindo o escriturário, insistindo em cobrar mais. Outras pessoas também o cercaram, pedindo-lhe dinheiro. Um deles queria 200 dólares. Crátilo respondeu que não era um banco.

Havia dezenas de taxistas, com olhos pedintes, esperando os passageiros à saída da porta de desembarque. Alguns ofereciam serviços, perseguindo os que chegavam. Túlio vinha com um taxista que contratara, com o qual havia negociado o preço, pois o veículo não tinha taxímetro.

Foram ao hotel Regente Patrúpacha, onde o sujeito da recepção fez a conta errada e lhe cobrou o pagamento adiantado do mês. Crátilo notou que a máquina do recepcionista estava programada para errar e fazer a conta ultrapassar o valor real. Refizeram os cálculos e o escriturário pagou a conta. Acomodou-se num quarto, sem saber que começaria a sofrer, desde o primeiro dia, na Ilha dos Patrúpachas.

Na noite anterior à viagem, tivera aquele sonho: seu carro sumira, os amigos o abandonaram e dois lutadores de caratê o ameaçavam. Interpretou o sonho como um augúrio. E comprovou, na prática, a veracidade.

Depois de chegar à capital dos Patrúpachas e alojar-se no hotel, foi, no dia seguinte, de manhã, apresentar-se ao Diretor da empresa. Expedito dos Anjos, o Diretor Interino, moreno, esbelto, trajava calças frouxas, mantidas por suspensórios. Fumando um charuto, franziu a testa, num gesto enigmático, quando o recebeu. Estava encarregado de administrar a companhia, após o velho Adolfo Dias haver sido declarado *persona non grata*. O ex-Diretor, impetuoso e autoritário, fez críticas ao ditador da Ilha e, por essa inconveniência, Hipócrates Dodô, o primeiro mandatário patrúpacha, notificou a Gerência Geral da empresa

do fato de que o Diretor Adolfo já não seria bem recebido, caso comparecesse às recepções sociais.

Expedito contou-lhe detalhes sobre a desavença do Dr. Adolfo Dias com o Presidente Dodô e lhe falou da dívida que o governo tinha para com a Ventura, que financiou a construção de uma estrada no território da Ilha e não recebeu o pagamento no prazo acordado. Adolfo Dias referiu-se ao mandatário do país como *um ditador abominável*, numa entrevista concedida ao *Patrúpacha's Diary*. Depois que ele partiu da Ilha, os dois cachorros, que havia trazido da rua para o escritório, infestavam o ambiente de pulgas.

Expedito dos Anjos recordou-se de que, em certa ocasião, um oficial visitou o escritório, acompanhado de uma criança, e um dos cachorros mordeu a perna do menino. O oficial reclamou. Adolfo Dias disse que mantinha os animais porque aquela era uma *ilha de merda*, cheia de bandidos, e o governo local não oferecia segurança às pessoas. Pagou caro pela insolência.

Assim recordava Expedito a figura imponente de Adolfo Dias:

— Era de vê-lo: alto, o cenho franzido, cruzando os umbrais a passos largos. Os cachorros a segui-lo, como discípulos obedientes. Debruçava-se sobre a máquina de escrever e redigia extensos ofícios aos burocratas da Gerência Geral. Os cães fiéis punham-se atentos, os olhos fixos no seu mestre que, de vez em quando, lhes atirava alguma migalha.

Depois que o velho Diretor foi retirado da Ilha, a fórceps, Expedito dos Anjos puxava os suspensórios e acendia charutos incessantemente, proferindo impropérios contra o seu ex-superior:

— Aquele louco, aquele idiota, o *filho da puta...* — Dentre outras lindezas. Tinha, por certo, que ficaria muito tempo em seu lugar, como encarregado do escritório, enquanto não se designasse um novo diretor. E encheu-se de arrogância. O que ele não sabia, porém, era que, depressa, a Gerência Geral enviaria um substituto (e que substituto!) para Diretor Interino da empresa.

Os olhos esbugalhados da Zulmira, a velha secretária, bisbilhotavam tudo para contar a Adolfo Dias, caso ele ainda

regressasse à Ilha. Em vão. O seu ídolo jamais regressaria. Tinha ela certa adoração pelo Adolfo Dias. Sobretudo, depois que ele a socorreu, fazendo-lhe respiração boca a boca e levando-a nos braços até a ambulância, numa ocasião em que a secretária teve um troço no coração. Depois do infarto, ela exibia a cicatriz, num decote que sobressaltava dos magros ossos.

Crátilo teve livre a tarde do primeiro dia para começar a buscar moradia. Enquanto esperava os corretores de imóveis, foi visitar o galpão comercial, que constituía a única área de lazer da cidade. Ao passar em frente a uma igreja, uma moça entregou-lhe um panfleto, com mensagem escatológica, que começava com os seguintes termos: *Satan, o grande ladrão de todos os tempos, tem a missão de matar e tornar os negócios, a família, as finanças, os casamentos e as vidas inúteis.* Recusou-se a ler o restante, mas guardou a mensagem no bolso.

Súbito, ao atravessar a rua, ele sentiu dor profunda na batata da perna. Surgiu-lhe um hematoma. Não conseguia andar. Foi imediatamente para o hospital que o escritório recomendava, num folheto com dicas, como o melhor da cidade. Na emergência, viu um pardieiro de enfermos indigentes. Tanto na sala cheia quanto pelos corredores: uns gemiam como loucos e outros sofriam em silêncio.

Disse ao médico, um caboclo gordo, olhões estufados, que viajara sete horas e meia de avião até Patrúpacholândia. O profissional diagnosticou-lhe logo, sem hesitação: *trombose, gangrena.* E foi taxativo: *Você não pode ir pra casa. Tem de ficar internado e se tratar.* A viagem de avião era prova suficiente para o diagnóstico. Havia um pequeno hematoma na perna, que parecia confirmar tudo. O médico mandou uma enfermeira gorda e sisuda aplicar-lhe três injeções de anticoagulantes. As picadas das agulhas foram terríveis e lhe deixaram os braços inchados e cheios de tumores.

Crátilo passou a noite acordado e angustiado, num quarto, sobre uma cama de faquir. No teto, um ventilador estridente; em frente ao leito, um televisor chiando e com imagens repulsivas. Permaneceu ali, durante longas horas, pensando em seu infortúnio. Preocupado, ansioso. As lâmpadas fluorescentes acesas. Uma pequena garrafa de água era sua única companhia.

No dia seguinte, foi submetido ao exame de sangue e à ecografia. O médico da ecografia disse não haver encontrado sinais de lesão em suas veias e que o problema era muscular. Crátilo ficou feliz e sorriu para as enfermeiras que lhe mediam a pressão, a cada meia hora. Esperava apenas a chegada do médico de plantão para liberá-lo. Era de manhã.

Passaram-se algumas horas e as enfermeiras disseram que o médico viria de tarde. Trouxeram-lhe então o café da manhã, que consistia numa xícara cheia de água quente. Deu dinheiro a um baixote, que passava pelo corredor, pra que fosse comprar café solúvel nalguma quitanda próxima. Tomou o café com a água já fria. Deitou-se, em seguida.

Permaneceu a tarde toda no quarto, deitado na cama. Depois, tomou banho de balde. Não havia água nas torneiras. Tampouco papel higiênico. Deu mais dinheiro ao mesmo catatau, pra que lhe fosse comprar o papel.

Comeu o almoço pastoso e oleoso que lhe trouxeram. Distribuiu notas de 10 patrupachis entre as enfermeiras. Esperou. Esperou.

Foi à enfermaria, já de noite, saber o que estava acontecendo. Conseguiu por fim localizar o plantonista, em meio à confusão de doentes esparramados nas camas, maltrapilhos e assustados, sendo Crátilo o mais perplexo de todos. Pediu então ao médico para receber alta. Disse que o exame da ecografia não acusara nenhum problema vascular, mas apenas muscular. E, embora ainda lhe doesse a perna, sentia que poderia voltar ao hotel. Além disso, no dia seguinte, precisaria trabalhar. O médico ponderou que seria necessário mais um exame de sangue, denominado Dímero D, para confirmar se o caso não era trombose.

Frustradíssimo, Crátilo teve de ficar, mais uma noite, naquele hospital de indigentes, considerado pelos colegas da Ventura o melhor da cidade. Tudo aquilo era inconcebível. Pensava já estar curado e que receberia alta. À noite, tentou dormir ou pelo menos descansar e esquecer o problema. A angústia permanecia, mas ele tinha esperança de que o novo exame confirmaria o resultado da ecografia e provaria que nada tinha de grave.

Ligou para o Expedito, que concordou com a ideia de que ele deveria permanecer hospitalizado, mais uma noite, para os exames do dia seguinte. De manhã, fez o exame de sangue, angustiado. De repente, chegaram cinco médicos. O mais velho falou, repreendendo o mais jovem:

— Se o *scanner* revelou um problema muscular, significa que ele não tem trombose. Então, não precisa dar-lhe anticoagulante.

Crátilo disse que ainda sentia dores. O médico velho recomendou que ele ficasse mais dois dias.

Veio a mulher do setor financeiro do hospital, uma mulata de rosto masculino, e disse:

— Você já sabe que tem de pagar três milhões?

Crátilo assustou-se e perguntou qual a diária. A mulher foi informar-se e falou em 350 dólares. Ele decidiu pagar no mesmo dia e abandonar o local. Sentia sede, tinha a garganta seca, mas não havia água pra beber. Pediu à mulher que chamasse o médico, pois queria receber alta no mesmo dia. Se possível, naquele mesmo instante. Redigiria, tal como exigiram, uma carta, declarando responsabilizar-se por sua decisão. Pagaria a conta e sairia. A mulher de cara máscula comunicou-se com o médico e disse que ele viria. Restava esperar. Esperar...

Só à tarde, depois de muita insistência, veio o médico que, a contragosto, aceitou que Crátilo redigisse a declaração, na qual solicitava alta. O doutor leu e releu o texto diversas vezes, com o cenho franzido. Por fim, poderia o escriturário sair daquele pardieiro? Ainda não! Precisava esperar pela conta.

Vinham, de vez em quando, diferentes enfermeiros, com diversas contas já pagas, e ele apresentava os respectivos recibos.

O baixote que vagava pelos corredores e que lhe comprara mercadorias era um estranho funcionário, pois em nada parecia ser enfermeiro ou auxiliar de enfermagem. Aproximou-se, sorrateiramente, e pediu-lhe dinheiro. Alegou ter a família faminta. Crátilo deu-lhe dois patrupachis, pois já lhe havia dado oito, no dia anterior, correspondentes ao troco de 10, que lhe dera para que comprasse um suco de frutas, que não devia ter custado mais de dois patrupachis.

A hora do pagamento foi a da confusão. Não aceitaram a quitação em euro. Embora a mulher do setor financeiro houvesse concordado previamente com o pagamento dos 1.200 dólares, em moeda europeia, voltou atrás. Não aceitou nem sequer em patrupachis, a moeda local.

— Por que não aceitam, se esta é a moeda do país? — Em vão, insistiu Crátilo. A mulher da caixa, com a cara enfezada, foi inflexível. Foi preciso ir, de táxi, com o catatau — espécie de mendigo e funcionário, ao mesmo tempo — até uma casa de câmbio distante, para converter euro em dólares.

Houve problemas, também, na hora de acertar o preço do táxi. O taxista havia cobrado inicialmente quatro patrupachis. Depois, cobrou seis, dizendo que a casa de câmbio mais próxima estava fechada e tinha de ir mais longe. O táxi percorreu alguns quilômetros na chuva. O taxista e o baixinho, coniventes, conversavam. Crátilo desconfiou que tramavam algum modo de enganá-lo. Após 40 minutos de engarrafamento, chegaram ao local. A casa de câmbio, no entanto, não tinha dólares.

Atordoadado, Crátilo percebeu que não lhe ocorrera a ideia de trocar o dinheiro no hotel. Pegou outro táxi e informou o endereço ao taxista. Ele perguntou:

— Você conhece o local?

Crátilo sabia apenas que ficava perto da loja Opeiba, pois, em Patrupacholândia, há poucas ruas com placas e nomes. O taxista errou o caminho. Depois de perguntar a diversos patrupachas, que andavam ao largo das valas dos esgotos, finalmente chegou. Trocou o dinheiro, voltou ao hospital e pagou a conta.

Pegou outro táxi e pediu que o motorista o levasse ao hotel. Devido ao calor que fazia, transpirava como numa sauna. O trânsito avançava a passo de pedestre. A fumaça dava-lhe banhos de gasolina em pó. Na buraqueira da avenida, a avalanche de carros. O taxista entendeu que deveria levá-lo a uma escola, e não ao hotel. Isso, depois de Crátilo haver falado, várias vezes, *Regente Patrupacha, hotel, hotel!* O escriturário disse:

— Eu não moro nessa escola. Não estou hospedado na escola.

Enquanto isso, o motorista fazia uma cara enigmática, como se não estivesse entendendo o que ele dizia. Um cansaço de desânimo e tristeza o desalentava. Tinha sintomas de gripe. Percebeu que a poluição não lhe fazia bem.

Chegou ao hotel e lhe disseram, na portaria, que no dia seguinte ele teria de sair, pois chegaria uma delegação de empresários para participar de uma reunião internacional.

Crátilo ficou perplexo. Não só com o fato de lhe pedirem para abandonar o hotel, sem prévio aviso, como que enxotado, mas também por haver reuniões internacionais num lugar de tão baixo nível quanto a Ilha dos Patrúchachas. Resmungou, protestou, mas não havia jeito.

No dia seguinte, de manhã cedo, pegou um táxi e foi para outro hotel. No caminho, num trânsito infernal e engarrafado, passou quase uma hora pra percorrer a distância de um bairro a outro. O taxista o levou a uma empresa e não ao hotel. Deu marcha a ré, na rua esburacada, sem asfalto, com o carro saltando nos buracos. Tanto Crátilo quanto o motorista perguntavam aos transeuntes a direção do hotel, que se chamava Imperial. Seus interlocutores, contudo, não entendiam o que eles perguntavam. O motorista tinha uma dislexia acentuada, como se mascasse chicletes. Mal conseguia falar. Falava com voz de bêbado. O táxi se balançava todo como se estivesse caindo aos pedaços. Parecia ter um ninho de grilos dentro. O taxista perguntou a outro transeunte, que pronunciou um som gutural — *ah, ah, ah* — e indicou a direção.

Ao chegar ao Imperial, Crátilo indagou na recepção sobre o preço e a forma de pagamento. Pediram 500 patrúchachis por dia, preço exorbitante, já que ele pagava 200 no hotel anterior. Tentou negociar um desconto, mas os patrúchachas foram inflexíveis. Por fim, teve de aceitar o preço.

Eles o colocaram numa suíte presidencial, mas faltava água e tinha tanto mosquito que, mal entrou, começou a sentir coceiras nas pernas. Os lençóis eram grossos como panos de chão. Como não havia água, Crátilo saiu com a mão ensaboada para reclamar na recepção. Soube que havia água, sim, mas que haviam desligado o abastecimento. Pôde, finalmente, tomar

banho e dormir, coberto da cabeça aos pés com a estopa que lhe deram a modo de lençol.

No dia seguinte, saiu para trabalhar. Na avenida, os carros ficavam parados de cinco a 10 minutos, em cada cruzamento. Saiu às sete horas e passou 50 minutos no trânsito, de um bairro a outro. Os carros não tinham ar-condicionado. Ele respirou profundamente o gás carbônico, como se estivesse sufocado. Uma palavra definia bem a sua condição: angústia. Alguns carros avançavam na contramão, tentando ultrapassar os outros. E Crátilo começou a sentir dor nas costas, de tensão. Como sempre, o taxista confundia o lugar e o levava a outro local, dizendo que havia entendido que o lugar era outro. Percebeu que esse comportamento, que parecia só burrice, era uma farsa para ludibriar os clientes. Então, repetiu o endereço. E o sujeito reclamou que não fora, antes, informado corretamente. E falou algo a respeito do trânsito, argumentando que havia cobrado pouco pela corrida.

*Se existe inferno, este é certamente o lugar.* — Pensou Crátilo.

O taxista não sabia ou fingia não saber o itinerário. Dava voltas. Perguntava aos pedestres, entrava em ruas sem saída e regressava. Crátilo teve a sensação de estar sendo sequestrado. O taxista advertiu-o de que cobraria mais 13 patrupachis, além dos sete que pedira. Cruzou uma preferencial e quase bateu num imenso caminhão. Entrou, outra vez, num beco sem saída. Voltou na direção oposta e disse que já não cobraria mais 13, mas 20 patrupachis pela corrida. Quando, finalmente, chegaram ao escritório, Crátilo deu-lhe 10 patrupachis e o advertiu, dizendo que ele precisava ser mais atencioso para com os clientes. O sujeito resmungou e foi embora.

Depois do expediente, Crátilo resolveu caminhar, pela buraqueira do bairro. Um moreno, gordito e de careca brilhosa, dizendo-se funcionário turístico, ofereceu-lhe os serviços da sua empresa para um passeio. Simultaneamente, pediam-lhe dinheiro uns pobres que, deitados nas calçadas, se levantaram para estender-lhe a mão. Também, outros, que pululavam no sinal de trânsito. Um menino, com os pés inchados, arrastando-se, estendia-lhe a mão mirrada. Outro, sem braços, e com uma

grande marca de queimadura na barriga, veio ao seu encontro. Tudo isso, em meio aos sufocantes gases dos carros e à lama ao redor. Moscas sobrevoavam os esgotos e o lixo.

O escriturário da Ventura tinha, na Ilha dos Patrúpachas, a sensação de claustrofobia em pleno espaço aberto.

\*\*\*\*\*

Sendo novo no trabalho, não imaginava a confusão que reinava na empresa. O clima de delação e ansiedade no ambiente o incomodava. Ouviu a conversa do ambicioso Expedito e da saudosa Zulmira, que falavam sobre a designação do Dr. Clemente Brandão, conhecido como Dom Demente Loucão, para a função de Diretor Interino. Zulmira perguntou a Expedito:

— Acaso o senhor o conhece das reuniões na sede internacional da Ventura? Ouvi dizer que ele é meio louquinho...

— Louquinho? Ele é loucaço! — Revelou Expedito, com certa preocupação.

Passada uma semana, Clemente — ou Demente, como preferem alguns — chegou à Ilha no voo da madrugada. E parece que nem dormiu: às seis horas da manhã, mandou despertar os funcionários e os chamou imediatamente ao escritório. Fez um sermão empolado. Falou, entre outras coisas, em organizar a *plutocracia estapafúrdia* e de sua predileção pela música de Pergolesi. Ao meio-dia, convidou os seus três assessores — Crátilo, Expedito e Túlio — para almoçar num restaurante. De brincadeira, chamou Crátilo de *irmão virtuoso*, ao saber que este não fumava nem gostava de vinho. Havia deixado uma boa impressão em todos.

Logo veio, porém, a decepção, quando perceberam o caos que o Diretor Interino criava no trabalho. Tornou-se comum, entre os colegas da Ventura, o sistema de esbirros, delatores, adutores, invejosos, rebeldes e bodes expiatórios. Ali, na Ilha dos Patrúpachas, o Dr. Clemente marcaria sua passagem como um dos chefes mais estranhos.

Naquele dia, Túlio passou pelo corredor, onde Crátilo tinha a sua mesa de trabalho, e comentou um *fato esquisito* que

*demonstrava o estado mental do chefe.* Disse, com certa gagueira, que vira um manequim de plástico no banheiro do diretor:

— É-é de loja, forte, de olhos azuis e está vestido com batina. Tem o no-nome Clemente Brandão bo-bordado no colarinho... — Completou.

— Eis o homem! — Ironizou Crátilo, que também vira o estranho artefato. Observara que, invariavelmente, às nove da noite, depois do expediente, Dr. Demente se ajoelhava diante do manequim e conversava com o artefato de plástico. Ele se levantava e trocava a camisa dele pela do boneco.

Magro e pardacento, ostentando a carapinha e brincos nas orelhas, Túlio queixou-se, em voz baixa, das condições do banheiro.

Crátilo riu da situação:

— É preciso aceitar a cruz... — Zombou.

Sentia-se cansado. Havia dormido mal, por causa das coceiras e do desassossego que vinha enfrentando, no trato diário com a população.

Túlio lamenta-se, alisando a cabeleira encarapinhada:

— Estamos vegetando nessa ca-caverna. Me-metidos num pardieiro, obedecendo ordens que são desordens. Mas, ao menos, eu vo-vou todas as noites ao hotel Papoula Brilhante, onde jogo no ca-cassino. Passa uma loura, eu olho; passa uma *nega*, eu olho... Assim, não sinto o té-tédio de morar aqui.

Diante dos papéis da burocracia, murmura Crátilo:

— A penitência é justa, em se tratando do pecado das nossas ambições. — Comenta e olha os papéis sobre a sua mesa de trabalho. Diversas pastas com papéis rabiscados, em que se lê a palavra *urgente*, escrita com a letra, quase ilegível, do Diretor Interino.

— O se-seu ídolo Ma-Mahatma Ghandi go-gostava de dormir com meninas. — Observa Túlio, provocador.

O escriturário da Ventura, sonhador, esperava sentir-se pleno no seu trabalho profissional e tinha o grande otimismo de acreditar que, no seu primeiro posto no Exterior, encontraria a mulher com quem se casaria. Essa foi outra decepção que teve

Crátilo. As patruchas eram feias, desengonçadas, gordotas e tinham a voz máscula. Enfim, não tinham qualquer traço de sensualidade que despertasse nele alguma atração afetiva ou sexual. Crátilo não era puritano. Com certa obsessão, gostava de mulheres. Porém, sentiu, na Patrucholândia, uma inibição total de sua libido. Sem qualquer vocação monástica, isolou-se numa espécie de retração dos sentidos.

Decidiu encarar a situação sem buscar nenhum cúmplice para o seu infortúnio.

Encerrado o expediente, Crátilo regressou ao hotel anterior, já que aquele temporário lhe cobrava uma fortuna. Afinal, 500 patruchas eram equivalentes a 500 dólares. Pagou mais 1500 patruchas, como depósito. E não lhe concederam nenhum desconto, mesmo ele argumentando ser funcionário da firma Ventura.

Deram-lhe o mesmo quarto onde havia estado, mas observou que já não havia cama. Ao lavar as mãos, viu que a pia estava entupida. Foi à recepção reclamar e vieram dois patruchas desentupir a pia. Deitaram-se no chão do banheiro e saíram. Em seguida, mais dois entraram, com uma espécie de sofá dobrável que colocaram no chão. Crátilo reclamou que aquilo não era uma cama. Um dos patruchas disse que todas as camas estavam sendo usadas pelos outros hóspedes. Indignado, Crátilo recusou aquela humilhação que lhe queriam impingir. Na recepção, a moça que o atendeu confirmou que só restava um sofá. Crátilo perguntou de quantas estrelas era o hotel. Disseram:

— Quatro.

— Então deveriam ter pelo menos uma cama. É o básico. Paguei 1500 patruchas pelo direito de dormir numa cama — enfadou-se muito o escriturário. A moça, com fingida preocupação, respondeu:

— Vou falar com o gerente. — Crátilo retrucou:

— Falarei com o dono, se preciso for.

Afinal, venceram os patruchas. Não havia cama. Voltaram com o sofá, prometendo que, no dia seguinte, colocariam um colchão. Crátilo resignou-se. Tinha de madrugar no dia seguinte, pois o expediente começava cedo. Resignou-se, mas não

completamente. Ficou pensando que seria melhor ter ficado no outro hotel, mas era demasiado distante. Além disso, o caminho era aquela avenida com engarrafamentos de uma hora. Então, chegou à conclusão de que escolher hotel na Patrupacholândia equivalia a eleger entre o inferno e a casa do demônio.

No dia seguinte, num átimo, vieram dois patrupachas roliços, retiraram o sofá e lhe trouxeram um colchão. Crátilo dormiu no chão, sem saber se seria melhor dormir mesmo no sofá, ainda que pelo preço de 220 patrupachis, equivalente a 220 dólares. Como qualquer outra opção era pior, permaneceu no hotel Regente Patrupacha durante um mês.

\*\*\*\*\*

Com o passar do tempo, constatou que os cidadãos da Ilha eram absolutamente inábeis e desqualificados. Ao filho do motorista Khornu, apertaram tanto o gesso na perna, que o garoto ficou aleijado. Cegaram o marido da secretária Tina, por imperícia: o acidente, um prego que lhe resvalou no olho, não foi de gravidade, mas o tratamento o fez perder a vista.

Crátilo teve melhor sorte. Embora tivesse comido o pão que o diabo amassou, naquele hospital horrível, fora lesado apenas no patrimônio. Mas fora vítima mais de uma vez das barbeiragens patrupachistas.

Um oculista lhe diagnosticou caratas e, quando ele consultou outro médico para checar o diagnóstico, este lhe disse que ele não tinha tal afecção visual. E, quando buscou a melhor óptica da cidade, pra fazer os óculos, cobraram-lhe cinco mil patrupachis, por lentes erradas. Foi a outra óptica, que também não fez os óculos corretamente. Crátilo andava enxergando precariamente, com a miopia associada à escuridão das ruas.

A moça do salão, ao aparar-lhe o cabelo, não lhe cortou a orelha, mas o próprio dedo dela.

Crátilo não tinha coragem de consultar os dentistas patrupachas, porque temia que eles lhe destroçassem os dentes.

Temia também a forma imprudente com que os motoristas dirigiam e achava o cúmulo do cinismo os taxistas levarem as pessoas a lugares diferentes dos que elas haviam solicitado.

Além do descaramento com que sempre devolviam o troco errado, ficando com uma parte do dinheiro.

Um dos taxistas o levou a um clube, quando ele queria ir ao Museu de História Patrupacha. Ao percorrer diversos bairros, conseguiu chegar ao museu, que era um pardieiro empoeirado, com fotografias desbotadas e paredes rachadas, cheias de teias de aranha. Achou que aquilo era uma espécie de maldição que se abateu sobre a Patrupacholândia. No trajeto, o celular tocou. Era o Dr. Clemente, chamando-o, por intermédio da Zulmira. Convocava-o com urgência ao escritório.

\*\*\*\*\*

Expedito, no escritório, puxava os suspensórios para levantar as calças e fumava charutos fedorentos. Referia-se à Ventura como *o Butantã onde os funcionários apertam as cobras e o veneno corrói o vidrinho*.

— Cansei de ser escrava Isaura. — Protestava. — Agora quero ser feitor. As pessoas passam por aqui, olham: *ai que bonito...* Já secaram cinco pimenteiras. Já botei alho cru contra os maus-olhados. Meu cachorro Johny, suíço, meteu-se debaixo de uma *Kombi*, ao sentir a carga magnética do Dr. Demente. Não adianta usar espelho, que ele queima e quebra. Isso aqui é um Carandiru! — Falava, com ar de deboche.

Certa vez, mudando o tom de voz, Expedito contou aos colegas que, como funcionário do Banco Mundial, havia servido em lugares escabrosos. E, no País dos Nibelungos, onde começou a trabalhar para a Ventura, foi vítima de um acidente num território minado. A bomba explodiu sob o seu carro e ele teve que submeter-se a duas cirurgias na coluna vertebral, que deixaram sequelas. Atesta, no entanto, que, em nenhuma parte, viu gente tão mesquinha quanto na Patrupacholândia.

Túlio sempre comentava o hábito do Diretor Demente de falar, no banheiro, com o manequim de plástico. Dizia que, segundo um contínuo, de nome Tupy, o Dr. Clemente teve um caso com um violinista cubano e, um dia, se vestiu de baiana numa cerimônia na nunciatura. O assunto foi retirado dos anais da empresa.

Expedito confidenciou a Crátilo e a Túlio que, no escritório da Ventura, no País dos Nibelungos, um chefe maluco perturbou tanto os subordinados que um contínuo colocou veneno no café a ele destinado. Um funcionário ia passando e, inadvertidamente, bebeu do café envenenado. Era um rapaz alto e belo, bom funcionário, que morreria mais tarde em consequência das sequelas do envenenamento. Além disso, talvez por inspiração diabólica, o chefe obrigou o tal contínuo a tomar o café. O infeliz bebeu, colocou as mãos no estômago e caiu, contorcendo-se no chão.

— Admiro-me de que a Gerência Geral permita tanta decadência! Por exemplo, falta comida pros seguranças. — Revelou Expedito. Sem falar que os serviçais debocham até dos escoceses da vizinhança. Um dia, vinha passando um deles e o contínuo Bangu teve o descaramento de perguntar: *Onde é que a boneca vai de minissaia?* Além disso, roubaram a auréola de prata da estátua de Santa Teresinha. Eu fui dizer que era de prata e os limpadores roubaram!

\*\*\*\*\*

Quando os patruchas lhe estendiam a mão, pastosa e grudenta, Crátilo saía correndo para o banheiro pra lavar as suas, imediatamente. Além das mãos, lavava ainda, com água e sabão, o trinco e a fechadura da porta do sanitário.

Reparava que a toalha do banheiro era um molambo, que a clientela da Ventura e os funcionários utilizavam. Na parede, havia um aviso para que não limpassem os sapatos com a toalha de rosto. Mesmo assim, a toalha estava sempre encardida e ensebada. Passou a levar a sua toalha para o escritório.

Para usar a privada, colocava pedaços de papel higiênico na tampa, para evitar o contato com a superfície. Mesmo assim, pegou ameba e oxiúro, vermes comuns entre a população patruchas, que sofre de anemia crônica, debilitada pelo assédio dos parasitas. Às vezes, depois que a Zulmira usava o banheiro, deixava a tampa da privada toda mijada e não dava descarga. Quando sentiu os estranhos pruridos do oxiúro, procurou um

médico estrangeiro, já que era *gato escaldado*, em relação aos serviços médicos locais. Logo procedeu ao rigoroso tratamento.

\*\*\*\*\*

Era comum aparecerem no escritório, entre os falsificadores de documentos, uns reis vestidos com espalhafato: saíões coloridos; ombros desnudos; coroas, pulseiras e colares banhados a ouro. Quando chegavam, os funcionários patrupachas corriam para servir-lhes café e água.

Crátilo observava o comportamento dos patrupachas. Havia, por exemplo, a forma engraçada de falarem: *como tu tá?* ou *como tá tu*.

Notou que os porteiros do hotel pareciam guardas de palácio real: faziam pose arrogante, com impostação da voz e a cabeça erguida, olhando acima das pessoas.

Percebeu, em toda parte, olhares de inveja e desconfiança, cheios de perfídia. Desse modo, colecionava adjetivos para classificar àqueles indivíduos. Chamava-os mentalmente de réprobos e tacanhos. Preguiçosos, mentirosos, debochados, cínicos e velhacos. Achava, por exemplo, que a demora em atender, nos restaurantes, era corpo mole deliberado. Ficou alterado, quando um garçom o discriminou. Sentou-se a uma mesa e o sujeito não vinha retirar os pratos e copos do cliente anterior. Esperou, esperou e, então, sentou-se em outra mesa, em que havia indicação de que estava reservada. O garçom veio, com uma cara enfezada, reclamando, com gesticulação estúpida. Crátilo retirou-se, falando que *os patrupachas não servem nem pra trabalhar num restaurante*.

Não havia na cidade um lugar de lazer ao ar livre, uma praça com bancos à sombra, para encontros e regozijo das pessoas. Não havia pessoas inteligentes com quem conversar. Sentia-se como numa prisão. Ficava também indignado com a riqueza ilícita e a indústria da corrupção exercida por 100% da população. Abominava, por exemplo, a falcatrua do Banco Continental, que pertencia à quadrilha formada pela família Bozongo, de ricos e devassos boçais, que governaram a Ilha durante 48 anos.

Era-lhe uma provação a vida naquele lugar, onde o monopólio do narcotráfico era exercido pelas autoridades. Em que a empresa Ventura tinha diretores tiranos e colegas desleais. O governo da Ilha devia cinco milhões de dólares à Ventura, por conta da construção de uma estrada, terminada há quase 10 anos, e não havia sequer promessa de pagamento.

Crátilo leu, no Patrupacha's Diary, um artigo a respeito de um bandido, exilado de uma metrópole, que não suportou viver livre na Patrupacholândia. Pediu para voltar ao cárcere na sua cidade de origem.

Na Ilha, havia gangues que assaltavam nos sinais de trânsito. Também, trogloditas armados em cada porta. Atentados terroristas perpetravam-se, de vez em quando. Túlio teve a casa roubada, exatamente na ocasião em que contratou vigilantes.

Havia, nos portões de algumas casas, a advertência: *Cuidado! Cachorros ferozes e treinados.* São os patrupachas mesmo, pensou Crátilo. Eles é que são os treinados em pilantragem e rapina, pensava. E dizia a si mesmo que era abominável aquele deboche, aquele barulho que faziam a toda hora, principalmente à noite. Ademais, a moleza de espírito, mesclada com a esperteza para o ludíbrio!

Sem falar na falta de civilidade! Não só cachorros, mas também pessoas *cagavam* nas ruas. As calçadas ficavam emporcalhadas de imundícias, nas quais todos viviam escorregando. Túlio havia visto uma criança *cagando* e duas galinhas comendo os caroços de arroz, que havia nas fezes.

O arquivista da firma contou-lhe que, certo dia, colocou o cartão de crédito na caixa eletrônica do Banco Patrupacha e o cartão caiu do outro lado, para dentro do banco. Foi reclamar e um guarda quis pegá-lo pelo braço. Ele disse ao guarda:

— A ge-gente não precisa de prisão, a ilha to-toda é uma prisão.

— Patrupacholândia é um lugar onde os livros são transformados em papel higiênico. — Sentenciou Crátilo, considerando ainda:

— Com toda essa gente armada, os coldres dos revólveres aparecendo nos bolsos das calças, a menor discussão no trânsito

— ou em qualquer lugar — pode provocar um tiroteio. Os jornais não cessam de noticiar casos de homicídios.

Túlio ri:

— Aqueles fu-fuzis não dis-pa-param. São armas ve-velhas que já não fun-funcionam. E, se um palerma daqueles atirasse, não acertaria.

— O Diabo é quem confia nesses primatas. — Responde Crátilo. E acrescenta:

— A sinfonia tresloucada das buzinas é um atestado da psicose coletiva deles. Depois, à noite, na escuridão das ruas, é preciso andar evitando os esgotos destampados. É quase impossível atravessar, no meio de um dilúvio de carros, entre explosões de buzinas e precipitações.

Na cidade, de ruas assustadoras e entulhadas de lixo, transitavam muitos carros, desviando dos buracos. O guarda, assustado com aquele ímpeto primitivo, dava saltos para se desviar da avalanche, cada vez que o sinal abria. Ele próprio não sabia o que fazia, no meio daquele inferno, apitando à revelia das cores do semáforo. O sinal abria, ao mesmo tempo, para o pedestre e os motoristas. Crátilo quase foi atropelado três vezes. Andar a pé era perigosíssimo. Era preciso correr, temerariamente, para atravessar as avenidas.

Crátilo às vezes tinha pena daquela gente que gritava nos sinais de trânsito, tentando vender roupas, água de coco e frutas; mas não chegava a comover-se. Enquanto alguns lutavam pela sobrevivência, outros se resignavam, dormindo no mormaço do dia. E havia os que assaltavam as pessoas pelas ruas. Também, os terroristas, que explodiam edifícios públicos e privados.

Crátilo pensava no que vinha enfrentando naquele lugar inóspito, na sua dificuldade de adaptação. Sem amigos, sem ter onde passear, tendo tido problemas de saúde na chegada — que, graças a Deus, não foram graves —, tinha consciência de que passariam lentamente os dois anos que precisava permanecer na Ilha. O trânsito, a poluição, os desafios do trabalho, as instalações do hotel, tudo era motivo de angústia. *Isto aqui é um favelão, avaliou.*

O galpão comercial, que não merecia o nome de *shopping*, a 200 metros do hotel, era o único lugar frequentável. Não era

fácil, no entanto, o acesso a pé, porque era preciso cruzar quatro avenidas de muito movimento. Um dia resolveu ir de táxi até aquele galpão. Tomou um táxi velho, caindo aos pedaços, que pifou no caminho, naquela confusão de caminhões e ônibus, no meio da pista movimentada. Pegou outro carro.

Habitualmente sentia-se tenso, com dor nas costas e nas cervicais, a cabeça quase sempre latejando. Achava que esses sintomas eram consequência da falta de exercícios físicos. Não havia espaço no hotel para fazer ginástica. O quarto era pequeno.

Aos domingos, deprimia-se tanto que sentia a cidade como uma coisa hedionda. Lembrava-se, como uma espécie de trauma psicológico, daquele hospital de indigente, onde ficara durante três dias. Sem água, um calor desesperador, a confusão do diagnóstico. Enfim, o susto geral, diante das condições da Patrupalândia. Uma poluição infernal. Um atraso civilizacional deplorável!

Nas cidades litorâneas, a praia costuma ser área de diversão e bem-estar. A Patrupalândia, no entanto, parecia até estar de costas para o litoral. A população se movimentava no sentido oposto da praia e não tinha o hábito de tomar banho de mar. Crátulo havia até esquecido de que estava numa ilha. Quando se conscientizou de sua localização geográfica, decidiu percorrer os quilômetros que separavam a zona residencial dos trechos litorâneos da ilha. Surpreendentemente, o motorista acertou o caminho. O escriturário pagou o ingresso para ter acesso à praia e entrou pelo portão, já que havia um muro por toda a cidade, isolando-a do litoral.

A praia era um grande esgoto. A sujeira cobria toda a extensão de pedras da orla marítima. A camada preta de dejetos dançava nas ondas, exalando mau cheiro: centenas de copos, garrafas e sacos de plástico boiavam na água escura. Tentou caminhar sobre as pedras. Vieram dezenas de vendedores ambulantes, com caras sombrias e ávidas, querendo vender-lhe artesanatos, bonecos de fetiche, colares de conchas, garatujas e discos piratas. Os patrupalas o assediaram tanto, que teve vontade de ir embora imediatamente. Voltou ao hotel,

desconsolado. Restava dormir, na expectativa de não ter pesadelos.

\*\*\*\*\*

Expedito, que tem contatos e pistolões na Gerência Geral, espera ser agraciado *por mérito*. Apesar da amizade que ele tem com Túlio, considera-o uma espécie de rival, de nível inferior. Desse modo se refere ao colega:

— Ele vai ser agraciado com a Ordem do Grão Pênis (assim chamava, pejorativamente, a Ordem de São Dênis, espécie de insígnia com que são premiados os melhores funcionários do ano, escolhidos pela Gerência Geral). Critica a empresa, debulhando um rosário de invectivas:

— Nepotismo e tráfico de influência são crimes definidos no Código Penal, passíveis de ação criminal. Não pode haver hierarquia, onde só há maus exemplos. Pra ser agraciado, é preciso prevaricar, satisfazer as ânsias carnis de algum prócer... E ainda se fala de honra ao mérito! A palavra *mérito* deveria ser escrita entre aspas e com reticências.

Crátilo reforça-lhe os argumentos:

— Como entender o critério de agraciamentos, se o Santiago, vulgo Matabispos, jogou um grampeador na cabeça do Dr. Armando Guerra e foi agraciado com o cargo de Diretor da Ventura, no Extremo Oriente?

Expedito concorda:

— Como é que o Túlio, com aquele cabelo horrível e os brincos nas orelhas, consegue lograr agraciamentos? Está em vias de receber a famigerada Ordem e anuncia que, no próximo ano, será promovido a Subdiretor, e, dentro de dois ou três anos, conquistará a função de Diretor. Esse arquivista ambicioso já sonha até com a mitra de São Pedro! Na verdade, a única ideia brilhante dele foi um plano infalível para demitir subalternos. Ele é habilidoso diante dos figurões e, nos bastidores, não hesita em destilar difamações contra quem quer que seja.

No dia seguinte, Dr. Clemente Brandão fez outra vez uma confusão infernal com os papéis da burocracia. Os funcionários já haviam percebido que nada funcionava e estavam perplexos com

aquela sandice do Diretor Interino, de conversar com um boneco de plástico.

— O homem é doido varrido. — Garante Expedito.

Crátilo concorda, e faz uma reflexão filosófica:

— As instituições humanas se resumem a uma competição de egos, num poço de presunção de pobres diabos.

— O sujeito destila veneno para embargar qualquer iniciativa inteligente. — Aquiesce Expedito.

— E o mais ridículo é que esse escritório é considerado pelos leigos uma organização de alto nível, diz Crátilo, e acrescenta:

— Mal sabem os incautos o que prevalece aqui... Essas excentricidades e o absurdo autoritarismo. Uma tremenda confusão, com um sujeito que cobra coisas que diz haver solicitado há tempos, mas, na realidade, é a primeira vez que ele as pede. E também a maluquice de determinar as tarefas de maneira enigmática, sem que ninguém entenda o que ele quer.

Expedito o interrompe:

— Segundo o Gibran, funcionário da firma no País dos Nibelungos, o Dr. Demente, quando era seminarista, apaixonou-se por uma mulher de borracha. *Affaire* que só acabou quando ele acendeu um cigarro e a queimou, sem querer. Ela explodiu.

Quando ele viajava com ela, uma vez, no aeroporto de Zurique, desconfiaram do pacote que ele levava. Ele disse ser sua mulher e provou, soprando pela válvula (ou *vúlvula*). Então, o suíço do aeroporto se convenceu. Aquela mulher fez a felicidade dele. Não foi amor perfeito, pois isso não é possível. Ele dizia que ela estava longe de ser um bom papo. Um dia, ela mexeu a mão e quebrou o despertador dele. Mas ela não traía, não mentia, não engravidava, nem passava doença. Era a mulher ideal. Amoldava-se ao desejo dele, a tudo...

Certa vez, resolveu passear com ela no carro. A polícia o interceptou e prendeu os dois, por atentado ao pudor. Mesmo sendo de borracha, a lei suíça exigia que tivesse roupa. No caminho ele gritava: *É de borracha, é de borracha!* — Foi preso por atentado ao pudor e desacato à autoridade. No final daquele espalhafato, os dois foram aplaudidos freneticamente pelo público.

Crátilo prossegue:

— O Túlio disse que o Dr. Demente tinha um namorado, que morava noutra país, a quem ele pedia até para que lhe comprasse cuecas e as mandasse pelo correio. Era um rapaz pobre, que não tinha muitos recursos pra gastar com esses caprichos.

Expedito retruca:

— Nossa profissão é a terceira mais antiga: a primeira é a das putas, a segunda é a do proxenetismo e a terceira, a nossa, que começou quando se aprendeu a vender as pessoas da nossa caverna pra outras cavernas. E arrematou:

— É uma depravação fundarem tantas sucursais em lugares infames como esta Ilha.

De súbito, uma explosão estremece as vidraças do escritório. Recomeçaram os ataques terroristas na Ilha dos Patrupachas. Uma semana antes, deixaram um bairro inteiro destruído; as ruas cobertas de vidros estilhaçados. Depois de cada atentado, ficava só a carcaça dos edifícios.

Na cozinha, o Bangu, voz em falsete, murmurava, enquanto colocava os copos na bandeja:

— O doutor disse que a solução para mim é deambular. Tô tomando um remédio que me faz chorar, principalmente, quando vejo comédia. E me dá esse *torcicólogo*.

Aparece Crátilo. Bangu lhe pede ajuda para redigir um pedido de aumento de salário:

— Dr. Crátilo, eu mereço um aumento. Escreva aqui uma petição pra *Sua Insolência*, o Gerente Geral. — O contínuo dá-lhe um papel e dita:

— Faço qualquer serviço e gozo de reputação, como meu pai sempre gozou e minha mãe ainda hoje goza.

Em vão, Crátilo tentou evitar essas frases. Bangu estava convicto de que repercutiriam positivamente.

Ao longe, ouve-se a voz roufenha e macabra do Dr. Clemente Brandão, dirigindo-se à secretária Zulmira:

— Chama um desses cachorros aí!

Vem correndo o Bangu, dizendo entre requebros: *Ah, sim senhor! Sim senhor! Sim senhor!* — Corre e, na pressa, derruba a bandeja cheia de copos pelo chão.

Dr. Demente, indiferente ao ocorrido, cobra de Zulmira a diligência de um telefonema. Pergunta-lhe se conseguiu fazer o contato solicitado.

— Não tinha ninguém. Ninguém atendeu no setor de agricultura. — Diz ela.

Dr. Demente, com voz de tenor:

— Era cultura, dona Zulmira! — Franze o cenho e murmura:

— Troglodita!

\*\*\*\*\*

Crátilo sentia muita angústia naquela situação. Estava numa ilha de gente abominável e num emprego de pessoas caóticas.

Depois do primeiro turno do expediente, foi ao melhor restaurante da Ilha, pertencente a uma família de franceses. Comeu um peixe apimentado e quis sobremesa de frutas, mas, segundo o garçom, as frutas que havia na geladeira eram para decoração.

Em seguida, foi tirar uma fotografia para o documento de motorista e o taxista entrou num emaranhado de centenas de carros. Crátilo ficou perplexo. Para tirar uma simples foto era preciso ficar horas no trânsito. Rezaria pra não precisar mais de fotografia tão cedo.

Levou quatro sacos de roupa suja a uma lavanderia. Os preços eram tão exorbitantes, que deixou apenas um dos sacos de roupa, com calças e camisas. Voltou com os outros três, cheios de cuecas, meias e camisetas, que ele mesmo lavaria na banheira.

Às vezes tentava achar divertida a experiência. Buscava ver o lado engraçado da situação. Admirava-se de como as patrupachas equilibravam na cabeça bandejas com frutas ou diversos objetos empilhados, que vendiam nos sinais de trânsito. Achou exótica a passagem de uma legião vestida de vermelho e preto, carregando bandeiras rubras e espingardas. Parecia a

torcida do Flamengo em procissão. Chegou a achar divertido um patrúpacha que vendia coco e cantava; e outro, deitado debaixo de um caminhão, com o telefone celular ao lado, à sombra da tarde escaldante.

Crátilo saiu do escritório, à procura de casa para alugar. Foi com um rapazinho da imobiliária, que lhe mostrou uma interessante mansão rósea, de dois pisos. Ao voltar depois ao local, viu que a casa ficava ao lado de uma favela e desistiu de alugá-la.

Já de noite, após ter passado no hotel, foi ao escritório a pé. Caminhava com a atenção aos esgotos que correm ao lado das ruas, cujas tampas servem de calçada aos passantes. Com muitas partes destampadas, o perigo de cair era iminente. No trajeto, um mulato gritou, de longe: *Doutor!* — E correu ao seu encontro para pedir-lhe 50 patrúpachis: oferecia-se para levá-lo a conhecer umas garotas. Era um taxista que dizia estar sem clientes.

— Não costumo frequentar prostitutas. — Esclareceu Crátilo.

— Não são prostitutas, são minhas amigas. Acredite doutor, eu nunca minto pra homens, só pra mulheres. — Insistiu o patrúpacha.

Crátilo o ignorou e prosseguiu, rumo ao escritório. Chegou ao edifício e bateu à porta. Abriu-a o vigia: um caboclo mal-encarado, vestido de soldado, com pistola e fuzil. Crátilo subiu ao terceiro andar e trabalhou até cerca de duas da madrugada, atualizando a correspondência. Ao terminar, saiu na escuridão, descendo a escada, até o andar térreo. Com isso, despertou o vigia, que dormia num colchão sobre o solo. O caboclo, com a cara sonolenta, pareceu assustado ou incomodado. Abriu a porta. Crátilo agradeceu.

Na segunda noite, ouviu do vigia a queixa de não haver recebido nada de Natal. Os outros da portaria, trabalhadores diurnos, tinham recebido propina, mas ele não ganhara nada. Então, Crátilo retirou da carteira a nota maior que havia e lhe entregou. Foi a última vez que se aventurou a ir de noite ao

escritório, com medo de que o segurança, armado de fuzil, se assustasse muito ao ser despertado...

Ao regressar ao hotel, tentou abrir a porta do quarto e não conseguiu. Tinham cortado o funcionamento eletrônico da chave. Foi à recepção, e a moça disse que ele teria de pagar adiantado o valor correspondente à semana. Pagou sem reclamar, mas não gostou do tratamento. Já estava ali há mais de um mês e achava que merecia maior consideração.

\*\*\*\*\*

Ao refletir sobre sua vinda para a Ilha, arrependeu-se de haver entrado naquela *fria*. Em pouco tempo, já havia sofrido como nunca. O hospital com instalações para indigentes, as precariedades da cidade, a falta de lazer e diversão. Depois, a difícil adaptação ao novo trabalho, as doidices do Dr. Demente e os transtornos das mudanças de hotel. Por fim, os taxistas exploradores e o trânsito caótico. Tudo confirmava a existência do inferno. Enfim, diante daquele desassossego, teria, como consolo, a oportunidade de adquirir paciência.

À parte esses infortúnios, ia começando a assentar a poeira. E sua cabeça dava menos voltas. Podia, ao menos, escrever aos amigos, já que havia Internet, embora nem sempre. Era preciso insistir duas ou três vezes para entrar em algum *site*. Estava, ainda dormindo no chão do quarto do hotel. Mas, havia visto uma casa velha, na rua do antigo Presidente: uma das poucas (talvez a única) iluminada. Estava decidido a alugá-la.

## O despacho

No seu gabinete, o Dr. Demente despachava alguns assuntos com a Tina, a outra secretária. Crátilo, que esperava a sua vez, escutou aquele diálogo surrealista:

Demente: — Hoje é primeiro de abril, não é?

Tina: — Não, Excelência, hoje é dia dois de abril.

Demente: — Hoje é primeiro de abril, não é?

Tina: — Não, Dr. Clemente, hoje é dia dois.

Demente: — Como eu ia dizendo, hoje, primeiro de abril...

Tina: — Desculpe, Dr. Clemente, mas hoje é dia dois de abril.

De repente, o Diretor Interino pega um lápis e um papel. Escreve: *1º de abril* e, embaixo, *2 de Abril*. Em seguida, começa a circular o número um, várias vezes, com força. Quebra a ponta do primeiro lápis, deixa-o de lado. Pega outro e continua circulando o número um, até quebrar a ponta do segundo lápis.

Tina: — Desculpe, Sr. Diretor, estou ficando assustada, vou me retirar.

Demente: — Eu não preciso da sua companhia! *Obediens usque ad mortem!*

Desde que Tina se retirou do seu gabinete, Dr. Demente passou a dizer que os funcionários careciam de *mortificações*. Indagado por Expedito sobre o que entendia por *mortificações*, o homem respondeu:

— Aplicar-se o látigo, com força.

Tina confessou a Crátilo que teve medo de que o doidão do chefe a enforcasse. Os funcionários se divertiram, ao tomar conhecimento do ocorrido. Crátilo, porém, ficou preocupado com a sorte da secretária. Clemente poderia demiti-la ou encontrar um modo sofisticado de torturá-la. O episódio ocorrera exatamente no dia em que morreram os cachorros. O superior hierárquico poderia acusá-la de haver eliminado os animais. Na opinião de Túlio e de Expedito, o próprio Diretor teria sido o autor do extermínio dos cães.

Quando Expedito levou os documentos da contabilidade para que o chefe os revisasse, ele os colocou debaixo da mesa e disse:

— Isso não tem urgência.

Desde então, perguntava, todos os dias, a Expedito:

— Cadê as prestações?

O Contador Geral já estava cobrando o envio das contas. O atraso no envio dos dados orçamentários poderia ser motivo de uma visita do Ouvidor, o que seria constrangedor para o escritório. Se o Ouvidor tomasse conhecimento desses disparates, o próprio Clemente, candidato ao agraciamento da Ordem de São Dênis, seria prejudicado.

Túlio recordou-se de que, na Ventura, ocorreram muitos casos exóticos, como, por exemplo, o do famoso Contador Geral Cabeça de Vaca. Quando o Contador era ainda um simples funcionário, arranjou uma bela amante e a usou como moeda de câmbio na negociação dos agraciamentos. O Gerente Geral se interessou por ela e, em troca, o funcionário subalterno virou autoridade. Esse funcionário, hoje Contador Geral, tem em suas mãos as mais avultadas somas de dinheiro e se faz de surdo ante o rumor que lhe mancha o tapete vermelho. Quanto à concubina, tem mãos finas para a carícia.

Tratava-se, por sinal, do mesmo cidadão que cometeu uma grande falcatrua, que quase arruinou financeiramente a Ventura e causou sérios prejuízos aos funcionários. Seria preciso que a empresa restituísse o dinheiro, indevidamente tomado de seus próprios servidores.

\*\*\*\*\*

A qualidade de vida de Crátilo melhorou após o amigo, Dr. Lauro, emprestar-lhe um carro. Dr. Lauro era um homem robusto, de nariz vermelho, diretor da empresa Palmeira, que também mantinha escritório na Ilha, com o propósito de desenvolver ali programas de tecnologia agrícola.

Crátilo conseguia dirigir o automóvel do escritório ao hotel e vice-versa, muito tenso, por causa das improvisações dos

motoristas patrupachas. Ao ver passar um táxi, tinha vontade de *dar banana* para o motorista.

\*\*\*\*\*

Ao caminhar à noite pela única rua iluminada, que era também a do hotel e a do antigo Presidente, o prazer de Crátilo consistia em não olhar para os taxistas que passavam, buzinando. Assim, vingava-se das safadezas que lhe fizeram quando precisara deles. Estava agora motorizado, graças ao Dr. Lauro. Embora já tivesse dirigido o carro do hotel ao trabalho, Expedito o convenceu de que devia contratar um motorista, pois só os patrupachas tinham condições de circular com segurança naquele caos das ruas da Patrupacholândia. Embora fossem, comprovadamente, barbeiros e mentecaptos, já estavam acostumados com a própria confusão deles. Subiam a calçada para cortar a fila do engarrafamento, avançavam o sinal, fechavam outros veículos e praticavam diversas peripécias. Mas, conseguiam chegar ao destino pretendido. Portanto, seria melhor arranjar o motorista. O Dr. Lauro, Diretor da Palmeira, trouxe-lhe o Franciom, um rapazinho magro e tímido, que conseguia fazer perigosas proezas, entre os buracos e a avalanche de carros da Patrupacholândia.

Malgrado dispor de carro e motorista, Crátilo não deixava de sentir a mesma aversão àquele lugar abominável, onde tudo era precário e triste, como numa prisão. Sua vida se resumia em trabalhar o dia todo e voltar ao hotel para jantar e dormir. Dormir era uma forma de esquecer aquele infortúnio, desde que não fosse acometido pelos pesadelos que, quase sempre, o sobressaltavam. Sentia muita insônia. Se ao menos pudesse dormir...

\*\*\*\*\*

Resolveu ir a outra praia no domingo. A maioria das praias, se é que aqueles esgotos mereciam tal nome, ficava dentro das favelas. Ninguém tinha condições de se aproximar, se não fosse

já nascido naquele pardieiro, com anticorpos suficientes para não adoecer mortalmente. Os mosquitos rondavam por toda parte, principalmente em lugares emporcalhados e fétidos.

Negociou com o porteiro da praia, que pediu cinco patrupachis para abrir-lhe o portão. Havia tanto saco plástico e tanta sorte de lixo, que se assustou. Ninguém entrava no mar, que parecia ser meramente decorativo. O patrupacha que o deixou entrar, disse que ele só poderia caminhar pelo lado esquerdo. Se fosse para o lado direito, teria de pagar de novo aos três sujeitos que ficavam sentados, vigiando o mar, entre os sacos de lixo. Crátilo perguntou por quê. O cara respondeu:

— Não sei.

Quatro vezes foi em direção à água e voltou, indeciso. Resolveu entrar no mar, tentando esquivar-se dos sacos de lixo, garrafas e alguns objetos não identificados, que as ondas impulsionavam sobre o seu corpo.

Na volta ao hotel, notou que a chave novamente não abria a porta do quarto. Foi à recepção. Uma mulher, com cara de jumentona, disse que já não havia lugar pra ele no hotel. Alegava que haviam chegado muitos novos clientes e que a reserva dele se esgotara no dia anterior.

— Você deveria ter saído ontem. — Disse ela.

Crátilo ameaçou dormir no chão ou no sofá do pátio do hotel, se não tivesse mais quarto disponível.

— Vocês não podem me mandar embora assim! — Protestou, sentindo-se humilhado.

— Vamos ver o que fazer. — Falou a senhora da cara asinina, completando:

— Estão chegando muitas pessoas que não têm onde ficar.

— Mas eu já estou aqui e quero renovar a reserva! — Reclamou, indignado.

— Estamos lhe fazendo um favor. — Teimou a exótica criatura.

— Não é favor! — Redarguiu ele. — Estou pagando!

Dito isso, deitou-se num sofá, diante dos novos hóspedes e funcionários do hotel. Vieram mais dois patrupachas espreitar o que estava acontecendo e mandaram que esperasse, pois iriam decidir a sua sorte.

Depois de meia hora, disseram que poderia dormir no quarto, contanto que, no dia seguinte, fosse embora. Assim fez o escriturário da Ventura, disposto a ir embora do hotel na manhã seguinte.

Ao amanhecer, foi ver a casa, cujo proprietário pedia cinco mil dólares por mês, com dois anos adiantados de aluguel. Estava disposto a aceitar, mas a empresa só podia emprestar-lhe o dinheiro de um ano adiantado. Era a casa de um cidadão chamado Bocó, que concordou em receber, em duas vezes, o total: \$ 60 mil num ano e \$ 60 mil no outro. Porém, Bocó logo desistiu da ideia. Já não queria o pagamento parcelado e sim os dois anos de uma vez, pois o pai dele só aceitaria alugar a casa mediante pagamento de dois anos adiantados.

A outra opção era a casa velha, meio mofada e com cupim, mas com piscina, na mesma rua. Como já vimos, uma das poucas ruas iluminadas da cidade. Estava disposto a alugá-la. Haveria ainda uma terceira opção, em outro local: uma casa que estava em construção, e para a qual prometiam fazer uma piscina. Havia montanhas de barro e buracos escavados ao redor da habitação; também, um trator estacionado à porta. Porém, a rua em que ficava era tenebrosa, uma escuridão que dava a impressão de que a humanidade voltara ao tempo das cavernas.

Envolto naquela aura pesada de confusões de toda sorte, Crátilo sentia que a sua tranquilidade dependia de ter o menor contato possível com aquela gente cretina e desonesta. Alugar uma casa era isolar-se do convívio com os cidadãos locais, embora tivesse que tratar diariamente com o motorista Franciom. Afinal, alugou a casa velha, por falta de opção, já que a nova, dada a lerdeza dos patruchas, teria ainda alguns meses de poeira pela frente. Para levá-lo a ver aquelas casas com teto de laje e sem telhas, César Loló, delicado rapaz, de fala femínea e andar requebrado, cobrou-lhe nada menos do que dois mil dólares de gorjeta.

Assinou o contrato com o gordo Mafungo, de corpo de elefante e voz de tenor, que lhe ofereceu, de quebra, os serviços de empregado doméstico do Baa, um risonho patrucha dos dentes muito brancos.

No desempacotamento da mudança, os trabalhadores ficaram dois dias e deixaram a metade das caixas sem abrir. Crátilo teve de insistir com o gerente da transportadora para que os patrulhas voltassem e abrissem o resto das caixas.

Quando se instalou, pensou que teria mais sossego. Porém, começou a enfrentar problemas de falta de energia elétrica e de água. Havia um gerador que não funcionava. Reclamou ao Mafungo, que mandou um eletricista tartamudo. No entanto, o rapaz não resolveu o problema. O eletricista voltou mais três vezes: o gerador funcionava dois dias e parava de novo.

Vieram as ferroadas dos mosquitos e o calor. Crátilo vivia se coçando, com o corpo cheio de feridas, pelas picadas dos insetos. O ar-condicionado era a salvação, naquele calor infernal. Todavia, com as sucessivas interrupções do abastecimento de energia e o gerador defeituoso, não poderia dormir. Nos postos de gasolina nem sempre havia estoque de óleo diesel. Prometiam enviar o caminhão-pipa e não o faziam.

O calor provocava-lhe suor, como se o quarto fosse uma sauna. Os mosquitos impediam-lhe qualquer pretensão de sono. E o eletricista deixava sempre óleo vazando no gerador. O problema só foi resolvido quando Crátilo contratou, por 300 patrulhas, os serviços de uma empresa estrangeira. O técnico, de origem alemã, fez um arranjo para que o gerador funcionasse, quando acionado manualmente, mas não de forma automática.

Todas as vezes que faltava energia elétrica de madrugada, o escriturário tinha de despertar para ligar o gerador, não sem antes verificar se ainda havia combustível. Às vezes, subia da máquina uma fumaceira medonha, quando o gásóleo estava acabando. Corria para despejar no motor o líquido do tambor de reserva ou desligar a máquina, quando a reserva se acabava. Para abastecer o tanque, utilizava uma mangueira, enchendo a boca de gásóleo. Quando faltava energia, mingua também a água.

Crátilo resolveu fazer uma revisão no ar-condicionado, que se enchia de poeira da construção vizinha. Telefonou para cerca de 20 anúncios do catálogo. De todos, apenas um atendeu ao telefone e prometeu vir, mas não apareceu. Bangu, o contínuo,

arranjou-lhe um conhecido. Era um jovem pardo, de pouco mais de 20 anos, desdentado, de olhos vivazes e conversa astuta:

— Gosto desta ilha, porque aqui tudo é permitido. — Dizia, com ar de deboche.

Em vez de fazer o serviço, ele lhe apresentou um contrato de manutenção, por um preço mensal exorbitante. Crátilo recusou a proposta, e o sujeito saiu sem fazer o trabalho.

\*\*\*\*\*

Depois de pesquisar em diversas lojas de automóveis, Crátilo comprou um carro simples, zero quilômetro. O veículo foi vendido sem nenhum acessório, exceto o pneu de reserva e o macaco. Recebeu o carro sem o triângulo e sem a chave de fenda. Também, com uma só via das chaves de ignição e das portas. Por fim, os patruchas lhe cobraram 700 patruchas pelas placas do carro.

O motorista do escritório, Khornu, disse-lhe que, antes de circular com o veículo, seria necessário submetê-lo a uma inspeção, que custaria 1.500 patruchas. Crátilo não lhe deu ouvidos e decidiu circular com o automóvel assim mesmo, pois num lugar onde a maioria dos carros eram sucatas ambulantes, tal inspeção parecia um absurdo. Depois de dois meses, os pneus estouraram. Certamente não eram os originais da fábrica, e sim, recauchutados.

Contou-lhe Zulmira que Amilton, seu antecessor, importara um Mercedes. Os patruchas da aduana entregaram-lhe o carro com a cobertura amassada e o painel todo arrebitado.

Aborrecido com o modo debochado e velhaco da maioria daquela gente, Crátilo chegou à conclusão de que eles — arrogantes, falsos e armados até os dentes — sonhavam ser como o ex-ditador Bozongo Carrascal. O ex-ditador mandara matar todos os adversários políticos e fora dono de todas as mulheres da Ilha. A conduta mórbida de Bozongo foi, em seu tempo, analisada pelo escritor Miguel Siciliano. Psiquiatra e antropólogo, Siciliano corajosamente escreveu um interessante livro sobre aquele psicopata. Do livro, então censurado, recuperou-se um exemplar, reimpresso quando acabou a

ditadura.

Na adolescência, o ex-ditador havia constituído um bando de delinquentes, dedicado ao roubo, à extorsão e à chantagem. Sua personalidade hipertrofiada mostrava um comportamento sexual insólito: gostava de expor-se desnudo em lugares públicos, atacar e violentar mulheres. Sua preferência eram as adolescentes virgens. Não resistia ao impulso de esperá-las à saída das escolas ou da missa, assaltá-las para estuprá-las e chantageá-lhes as famílias. Era a sua diversão. Obsessivo, narcisista e paranoico, a toda sorte de sadismo era dado. Envenenava as vítimas que não lhe elogiavam a virilidade. De todos esses prazeres antissociais, o que mais lhe comprazia era ter relações com a mulher de um amigo e logo dar-lhe conhecimento do ocorrido.

Colocava sempre o revólver carregado sobre a mesa e desconfiava de todos. Ressentido, irascível, inflexível, mandou prender, torturar e assassinar todos os seus adversários políticos. Governou a Ilha de Patrupacha por mais de 30 anos.

Houve uma eleição pra saber quem o povo considerava o cidadão mais importante da história do país. O ditador foi o escolhido, por maioria absoluta. Por que o tirano era benquisto? Afinal, no dizer daquele escritor, era *um narcisista, mulherengo, belicista, fornicador, poligâmico, concubino e dono de todas as mulheres da sociedade local*.

Miguel Siciliano foi fuzilado, a exemplo de todos os opositores à tirania de Bozongo, mas teve o prazer de denunciar os crimes daquele celerado. Deixou registrado que tal estilo de vida, sem escrúpulos, marcou toda uma geração e forjou um legado de conduta psicossocial que representava *um modelo inadequado* para o povo patrupacha.

Crátilo já havia tido a intuição de que o modelo do cidadão patrupacha era o ex-ditador Bozongo Carrascal. Aquele exibicionismo, a tendência à truculência e à falcatrua eram a melhor herança do sanguinário psicopata. Via-se o resultado do mau exemplo na desonestidade do fornecimento da eletricidade; no desvario com que conduziam os automóveis; nas festas com música estridente, fogos de artifício, danças de espalhafato, gritos e gargalhadas descomunais. Também, na sanha violenta

dos assaltantes e terroristas. Segundo se comentava, havia ainda o problema dos feiticeiros que imitavam a conduta do ex-ditador, sacrificando vidas humanas, nos terreiros de vodu, em memória daquele psicopata cruel.

\*\*\*\*\*

Se na cidade prevalecia aquela desordem, no escritório o clima não era menos estarrecedor. Continuavam os abusos e a maluquice do Dr. Clemente. Nos despachos, perguntava pelas prestações de contas, e o Exedito afirmava sempre:

— Estão debaixo da sua mesa.

E ele, indagando de novo:

— Segunda vez, onde estão as prestações, terceira vez...

la enumerando as vezes em que fazia a mesma pergunta, como se não escutasse a mesma resposta.

Quando Crátilo entrou para despachar, pediu licença. O Diretor, como sempre, exclamou, efusivamente:

— Ô como é que tá?

Escancarava um sorriso de político demagogo. Porém, ao começar o despacho, converteu-se de bela em fera. Antes que Crátilo falasse, foi pedindo, de maneira obsessiva:

— Me faz um relatório sobre a reunião dos comerciantes. Outro sobre a incidência de vírus na região e o número de óbitos. Me escreve uma informação sobre o organicista que vem na próxima semana. Prepara as estatísticas do consumo de arroz nas 15 comarcas. E, também, urgentíssimo, cadê a carta? Meu Deus do céu, o preço do terreno pra plantação de arroz. Este país é o único do mundo que importa alimentos de nações em guerra.

Dr. Clemente não perguntou pelo projeto de reforma do Museu Patrúpacha, que Crátilo elaborara com esmero, por ser *urgência urgentíssima*.

Estonteado, Crátilo não memorizou a lista de solicitações. Lembrou-se apenas de um pedido: a carta. Supôs que devia ser a mensagem que escrevera ao escultor para pedir que terminasse o busto do Dr. Clemente até a Semana Santa, a fim

de inaugurá-lo no dia da exposição das relíquias. Depois desses pedidos, o chefe acrescentou, de supetão:

— E o livro, cadê o livro?

Crátilo não sabia do que se tratava e, sem esconder a surpresa, indagou:

— Que livro?

Demente: — Não se responde a uma pergunta com outra. Cadê o livro?

Crátilo: — Mas não sei a que livro o senhor se refere...

Demente: — Terceira vez, cadê o livro?

Crátilo: — Qual livro, Dr. Clemente?

Demente: — Você sabe. O livro que eu pedi há uma semana.

Crátilo: — Não me lembro de que o senhor tenha pedido nenhum livro.

Demente: — O da livraria do bairro.

Crátilo: — Qual o título?

Demente: — Você sabe.

O Diretor Interino levantou-se, de súbito, fazendo menção de sair. Crátilo entendeu o gesto como um sinal de que já podia retirar-se, mas não. O homem — grande, careca e desvairado — voltou a sentar-se e fez um gesto com a mão para que Crátilo esperasse. Acendeu um cigarro, tragou e soprou a fumaça na cara de seu subalterno. Ficou alguns minutos tentando telefonar. Voltou-se para o seu assessor e disse:

— Vai ficar aí abancado o dia todo?

Crátilo pede licença e sai. Em seguida, vai à única livraria da cidade, recém-inaugurada, localizada naquele galpão que faz as vezes de *shopping*. Perguntou se havia passado por ali um homem careca, alto, nariz adunco, óculos enormes e fala grave, e se essa pessoa teria procurado ou reservado algum livro. Disseram que ninguém, com tais características, tinha pedido para guardar algum livro ultimamente.

No dia seguinte, Demente já não falou no assunto. Quando Crátilo entrou em seu gabinete, o estranho homem pegou uma das pastas que mantinha debaixo da mesa, ao lado das prestações de contas do escritório. Começou a folheá-la e a fazer

perguntas a Crátilo. Naquela pasta, ele anotava a lista de assuntos que lhe cobrava ostensivamente. E foi referindo-se a cada item:

— Cadê o relatório sobre a frequência ao museu, que eu te pedi há uma semana? Cadê as estatísticas de importações agrícolas, que eu te pedi há dois meses? Os comerciantes estão chegando... Cadê o número dos óbitos e os preços do arroz, que eram pra ontem?

Tomou das mãos de Crátilo o papel com as informações sobre as plantações de arroz, corrigiu a primeira frase e devolveu o texto. Era a quinta vez que ele corrigia só a primeira frase daquele ofício e o devolvia. No entanto, em todos os despachos, perguntava por que o documento sobre as plantações de arroz ainda não estava pronto, já que era urgentíssimo.

Crátilo quis dizer que as estatísticas estavam prontas e que tomara conhecimento dos outros assuntos somente naquele instante, mas a garganta se lhe travou e ele só conseguiu expressar uma frase entrecortada.

Clemente o interrompeu:

— O que que foi? O que que foi? O que que foi?

Por mais que Crátilo tentasse explicar, ele se recusava a ouvir e começava a criticá-lo, chamá-lo de medíocre:

— Acho que você não merece o emprego que tem. — Arrematou o Diretor Interino.

Crátilo, tímido, encolheu-se na cadeira, hesitou e gaguejou:

— Desculpe, o senhor não me falou que haveria uma reunião de comerciantes, nem me avisou previamente sobre o interesse nos óbitos e, perdão, o que mais? Ah, as es-ta-tísticas estão aqui. — Mostra um papel.

O diálogo prossegue de forma insólita.

Demente: — Isso eu vejo depois. Cadê a carta? E o testamento?

Crátilo: — Que carta, Doutor? A do escultor?

Demente: — Não! Oh, meu Deus! A carta que te pedi na semana passada e que era pra ontem!

Crátilo: — Não me recordo...

Demente: — Quais são os teus contatos no Palácio Patrúpacha? E na Promotoria? E no Arsenal do Estado?

Crátilo: — Não tenho, não conheci o pessoal dessas entidades.

Demente: — Entidades? Você já está aqui há mais de seis meses e não me sabe dizer quem são os teus contatos!

Crátilo: O senhor também parece que não sabe o que é entidade... Isso se sabe por dedução lógica.

Demente: — Dedução lógica? Boa, essa. E o problema da ameaça de cólera. Já não se pode comer peixe nem frutas. Quantos índios morreram? Os ratos estão invadindo a cidade, é preciso destruir tudo de uso pessoal. O rato defeca de susto na roupa das pessoas. É preciso queimar as vestes, as cobertas. É por isso que eu bebo. As atletas vêm aí: é necessário tomar medidas preventivas. Também vem o tal do compositor.

Ele abre, então, o colecionador e lê a lista de providências cujas execuções cobra de Crátilo:

- a) Preparação do concerto do organista.
- b) Estatísticas da epidemia de cólera.
- c) Relatório sobre o terrorismo.
- d) Dados sobre a preparação da Conferência Episcopal.
- e) As perguntas que eu te fiz há meses, sobre a atividade entrópica das comissões empresariais e as implicações ecológicas da construção civil.

Por fim, conclui, em tom de indignação:

— Até hoje você não me trouxe resposta a nada!

Crátilo, angustiadíssimo, murmura, sem convicção:

— É preciso mais tempo para tratar de tantos projetos...

Demente arremeteu, com sarcasmo:

— Quero saber o que foi feito.

Crátilo se remexe todo e diz:

— Eu tenho aqui outros papéis.

Clemente assume um ar solene:

— Papéis? Eu quero soluções e não papéis!

De repente, explode outra bomba, a segunda da semana. A janela de vidro estremece. Ouvem-se sirenes. Clemente permanece impassível. Começa a falar de algum assunto que só ele entende, num monólogo delirante:

— A proposta é uma só. O ônus é sem bônus! É muito difícil? É difícil fazer um relatório? Onde estão os novos adornos do jardim que encomendei na semana passada? E o arroz? Os canalhas querem arroz perfumado...

Clemente sempre confunde as funções de cada servidor. Embora os adornos do jardim fossem da competência de Expedito, responsável pela administração, ele estava atribuindo a Crátilo também essa tarefa, enviando-lhe os documentos respectivos. Depois do palavrório atabalhado do chefe, Crátilo declara:

— Não entendi bem o objetivo...

O Diretor começa a destrotá-lo:

— Como é medíocre... Eu pedi providências urgentes e você não fez nada! Você terminou mesmo a faculdade? Um funcionário da sua qualidade só serve pra porteiro de convento.

Crátilo suporta, a duras penas, aquela provocação. Com as mãos trêmulas, retira da pasta uns papéis e lhe entrega:

— O Expedito me deu cópia dessas coisas.

Demente pega o texto e faz perguntas, murmurando:

— Relação diâmetro x perímetro? Teto financeiro? Há acordo prévio?

Anota essas perguntas, com letras ilegíveis, à margem do relatório feito por Crátilo. Depois, devolve-lhe o papel, todo rabiscado.

Constrangido, sem entender bem o que ali estava escrito, Crátilo começa a suar frio, porque sabia da urgência com que a Gerência Geral exigia os documentos. Hesita, tosse, sente-se impotente diante da confusão mental a que lhe submete o seu superior hierárquico. Quase todos os pedidos do Dr. Clemente, em torno de 90%, vinham com a anotação de urgente ou urgentíssimo. Porém, a maioria não tinha a menor importância. O Diretor recusava-se, no entanto, a ver o relatório alusivo ao orçamento da escultura do busto. Assunto do interesse dele, já que pretendia inaugurar a própria efígie, no jardim da Residência.

Seria no dia da exposição de relíquias, objetos que ele coleciona desde o tempo em que cursou o seminário. O escultor Miguel Fatigoso, funcionário da Palmeira, fez um esboço do busto, e era preciso preparar o pedestal.

Para deixá-lo alucinado, Dr. Clemente Brandão escreve sobre o texto que Crátilo elaborou em duas noites de trabalho: *sine die*. E acrescenta:

— Não dá pra entender um texto tão mal escrito. Já estou há meia hora te atendendo.

Levanta-se, faz que vai sair e volta. E ordena a Crátilo, em relação à Zulmira:

— Manda a velhota chamar o Expedito!

Soa o telefone. Dr. Clemente atende:

— Quem fez o plantão? Como se faz a interlocução? É preciso salvaguardar as distorções procedimentais e fragmentar o espólio. Sim, depende da gravidade, vamos discutir o encaminhamento. O quê? Isso é coisa da sua economia pessoal. O quê? Não há dificuldade para os gestores.

Desliga. Depois, xinga o interlocutor:

— *Filho da puta!*

Crátilo sai do gabinete do Diretor estonteado, lívido, desfigurado, sem ter conseguido despachar o relatório sobre o esboço da efígie, que fora desenhado pelo Miguel Fatigoso. O desenho exibia a papada, os grandes óculos, a verruga e a longa testa do Clemente.

Chega Expedito, apressado, queixando-se dos funcionários:

— Estão atrasando o processo organizacional. O arquivista desarquiva e não encontra os documentos essenciais. Com esse tipo de burocrata, a empresa não pode funcionar. Crátilo, por exemplo, vive escrevendo pensamentos filosóficos durante o expediente.

Esse comentário desleal acrescenta uma pitada de veneno na má vontade que o Dr. Clemente tem em relação a Crátilo. Para acendrar mais a sua neurose, no entanto, ainda diz:

— Não acredito que um sujeito que só pensa em escrever seja útil ao serviço da empresa.

Imediatamente, Demente Loucão chama Crátilo, que chega, carregando um calhamaço de papéis. Na pilha, constam

promissórias, relatórios e o texto do projeto de reforma do Museu Patrúpacha. Angustiado por ter de despachar de novo com o seu desafeto, Crátilo se depara com o Diretor Interino que, naquele momento, conversava com Expedito.

— Eu gosto de Ernesto Carreiro. — Diz o Loucão. — Gosto desse revolucionário, porque é marxista radical. É o grande teólogo da libertação...

Crátilo desconfia que o assunto é uma armadilha, pela qual se quer descobrir suas ideias. Mesmo assim, arrisca um comentário:

— Essa crise decorre da usura. Ficar devendo é desmoralizante.

Isso foi o suficiente pra Expedito começar a delirar:

— Por que não se implementa uma ação conjunta contra os funcionários com mentalidade de advogados, que só servem pra burocratizar tudo? Nós, os economicistas, é que produzimos os projetos essenciais, as *joint ventures*, a captação dos capitais de risco e o acesso à ponta das tecnologias. A privatização é a grande alavanca da empresa mundial!

Demente se empolga com o assunto e acrescenta as seguintes observações:

— As demandas iniciadas não terminam. Fica-se discutindo o protocolo e a definição de normas, enquanto os dogmas suscitam injunções abstratas.

Expedito complementa:

— Não importa discutir a validade das liminares. O artigo 196 é infraconstitucional e eles não enxergam! Sou um funcionário de futuro porque digo o que fiz, menciono a lista dos serviços que prestei e postulo o mérito... Mas, em toda parte, só se encontra gente pouco cooperativa. Cairá sobre eles a espada de Dâmocles.

Demente balança a cabeça, concordando:

— Pra chegar ao topo é preciso ter muitos inimigos. Sobretudo, ser implacável para com eles. Mas não haverá solução do contencioso, se vocês não equacionarem a questão formal. Vocês estudam dois anos de teoria e têm três de estágio prático, mas os escritórios pecam por falta de pragmatismo!

Quando saem do gabinete do Diretor Interino, Crátilo se queixa a Expedito:

— Todo despacho é torturante. Primeiro ele agride. Depois, delira: cobra coisas que ainda não havia pedido, dizendo que eram pra ontem. Não despacha, e reclama que o serviço está atrasado. Manda refazer o trabalho diversas vezes e não tem coragem de enviá-lo ao Gerente Geral.

Expedito concorda e profere sarcasmos:

— Ele quer ser tratado como um deus, um imperador... Um Augusto, sacrossanto defensor do povo. Ou como um Júpiter, disfarçado de Porfirio Díaz e convertido em relíquia.

Eis que falta energia no escritório. O contínuo Bangu exclama, como sempre:

— Oh, se foi a luz...

Os outros funcionários ficam perplexos; porém, conformados. Os servidores da empresa pagam um preço alto pela eletricidade, mas nenhum deles paga a metade do que cobram a Crátilo.

Os colegas reclamam, mas parecem felizes na Patrupacholândia. Túlio, por exemplo, se ofende quando alguém lembra que ele está próximo do término do prazo de permanência na Ilha. Afirma que — apesar do terrorismo, da imbecilidade patrupacha e da barafunda da empresa — há algumas vantagens. Só reclama do Botelho Leite, Gerente Geral da Palmeira, a quem acusa de *estelionatário e homicida*. Assim se refere ao seu desafeto:

— Esse elemento — sus-suspeito de crimes de homicídio, um co-corrupto useiro e ve-vezeiro — não deveria ser só-sócio honorário da empresa! Ele tem a reputação mais su-suja que papau de galinheiro. No entanto, recebeu me-medalha de prócer e ganhou 35 vezes na lo-loteria.

— Não é só ele. — Contesta Crátilo. — Nesta Ilha insólita parece que todo cidadão é corrupto. Os que não são, se encontram na fila esperando a vez de ser. O crime aqui é estatal, não foi privatizado. A corrupção é ampla, geral e irrestrita. Duas classes de pessoas vêm à Patrupacholândia: os ingênuos e os pilantras. Os primeiros não sabem o que os espera. Quanto aos pilantras, têm o mais obstinado propósito de fazer falcatruas.

Crátilo se considera precursor da classe dos indignados, uma minoria ainda invisível. A recente tentativa de extorsão de que foi vítima, por parte da companhia distribuidora de energia elétrica, ampliou-lhe a convicção de que a sociedade patrupacha é uma corja de canalhas inveterados. Sentia que precisava passar uns dias sem pensar no assunto, para recuperar-se da raiva e do asco. Pois, mesmo pagando 800 dólares mensais pela energia elétrica, cobraram-lhe uma suposta multa de 20 mil patrupachis, equivalentes a 20 mil dólares. Isso, apesar de os geradores funcionarem dia e noite, transformando o ambiente e o céu da Ilha numa grande nuvem preta de fumaça. Tal multa chegou-lhe às mãos, por meio de carta, assinada pelos advogados da Companhia de Eletricidade, com a ameaça de corte de energia, caso não pagasse aquela importância em 48 horas. Era inconcebível que, apesar de os cortes de energia elétrica durarem mais de oito horas diárias, quisessem extorquir-lhe a soma de 20 mil dólares, e ainda ameaçassem cortar-lhe a energia.

Crátilo enumerava para si mesmo as agruras que vinha sofrendo ou já havia sofrido. Dentre elas, a truçulência sonora dos ilhéus, a insânia do trânsito, com buzinas e carros acelerados, que não lhe deixavam dormir de noite; a insalubridade do clima; os mosquitos; as bombas fraticidas dos terroristas; os assaltos e homicídios da cidade. No trabalho, as confusões causadas pela mente transtornada do chefe. A esses infortúnios, havia de acrescentar os vendavais, que, de vez em quando, se abatiam sobre a Patrupacholândia. Em tais ocasiões, os ventos uivavam nas janelas e derrubavam casas e árvores.

Quer nas noites de estardalhaço, quer nas ocasiões de iminente catástrofe natural, Expedito dormia como uma pedra. Segundo Túlio, o colega tomava um remédio que o nocauteava todas as noites. Era incrível como ele, morando na mesma rua de Crátilo, não reclamasse das buzinas e acelerações, nem dos bêbados que gritam nos botequins dos arredores.

Na semana seguinte, Túlio veio mostrar-lhe uns papéis do arquivo. Ouviu de Crátilo as mesmas queixas: na Ilha o subdesenvolvimento era sobretudo espiritual; o mau-caratismo das pessoas decorria do egoísmo e do mau exemplo do ex-

ditador. Reclamou ainda que o Diretor era valentão com os funcionários, mas era bufão com o governo local, porque não exigia o pagamento da dívida que a empresa precisava receber. Além disso, o ambiente de trabalho era péssimo, com aquele autoritarismo desconcertante do chefe.

Túlio contestou que, na Ilha, como na Ventura, era preciso saber defender-se. E que já havia colocado, por cima da placa do carro, outra placa com a inscrição *DIRETOR*. Essa placa já o livrara de problemas com os guardas, nas ruas da Patrupacholândia. Apesar de tudo, tem feito o máximo pra continuar na Ilha. Já completou 10 anos de serviços no posto, e a empresa quer transferi-lo. Mas ele diz que dali não sairá, nem que tenha de entrincheirar-se.

Crátilo fica perplexo de ver alguém gostar de um lugar tão repugnante. Túlio se orgulha de ter um sócio patrupacha, numa fábrica de cimento. Pensa Crátilo: *Deve ser um mafioso. Aliás, quem não o é, neste pardieiro chamado Ilha dos Patrupachas?*

Para amenizar-lhe as agruras, Túlio ofereceu-lhe os serviços de intermediário junto às raparigas. O arquivista se vangloriava de haver iniciado o Dr. Adolfo Dias na vida dissoluta. Levou-o a conhecer as meninas dos hotéis. O velho Diretor viciara-se nessas visitas. Túlio, meio gago, disse:

— O-o gere-rente fa-falava: vamos? — E fazia um gesto com a mão, movendo os dedos juntos, apontados para baixo. Assim, os dois saíam direto aos bordéis, depois do expediente.

Túlio também se orgulha de haver introduzido Exedito *na vida*. Disse, com intimidade cínica, em mau português:

— Batizei ele.

O encarregado do setor econômico e administrativo estava em Patrupacholândia sem a mulher, que vivia ausente a maior parte do ano. Exedito logo se afeiçoou às mancebas da Ilha.

Crátilo agradeceu a oferta, mas não aceitou a gentileza.

Túlio explicou-lhe que, depois que teve o problema no coração e no cérebro, resolveu aproveitar melhor a vida. Contou-lhe então o que ocorrera com sua saúde: um dentista tinha feito uma barbeiragem. O dente inflamou, ao ponto de atingir-lhe o coração e o cérebro. Ele teve de ir tratar-se no Primeiro Mundo. Teve de operar-se duas vezes... Uma história trágica, que ele

conta, às vezes, como uma espécie de justificativa para o modo libertino com que se comporta. Afinal, estava satisfeito com a sua situação. Veio jovem para a Ilha, casou-se com uma patrupacha e acha a vida divertida. Isto é, as moças dos hotéis o ajudavam a divertir-se.

Revelou que havia levado o Dr. Adolfo Dias a conhecer umas americanas. Previamente, advertiu-o de que era preciso sair algumas vezes com elas, antes de se consumir o objetivo final. Portanto, que tivesse cautela, para não botar tudo a perder. Mas o velho foi impetuoso. Quis avançar logo. E as garotas se esquivaram.

Crátilo desconversou. Apesar de ser solteiro, tinha a cabeça ocupada com os problemas da energia elétrica e as chateações do chefe. Não estava com ânimo para aquelas travessuras. Aliás, temia a lenda das mulheres vampiras, que mordiam o pescoço dos homens e os metamorfoseavam em monstros:

— Sei que isso é da fantasia popular, mas dizem que há sujeitos que ficam pálidos, crescem-lhes os caninos, além de ocorrerem-lhes outros fenômenos.

— Não é supers-superstição. — Confirmou Túlio. — Tem gente que jura que o ditador Bozongo morreu lo-louco, uivando como um lo-lobo.

Crátilo recordou que a velha Zulmira lhe havia falado de magia negra: espíritos possessos, agitados por convulsões. Prosélitos de insólitas seitas, armados de chicotes, vestidos com longas túnicas brancas e vermelhas. Indivíduos bebedores de sangue humano. Participantes de cerimônias macabras, realizadas em cemitérios, com sacrifício de bodes e porcos.

\*\*\*\*\*

Como era habitual, Demente chamava Crátilo, em pleno sábado, para alguma coisa urgente. Tudo para ele tinha caráter de urgência, ou de *urgência urgentíssima*. Começava, outra vez, um diálogo angustiante:

— Cadê a mensagem?

— Que mensagem?

— Você sabe.

— Não sei.

— Sobre o empréstimo que eu falei na semana passada.

— Mas o senhor não havia falado nada sobre nenhum empréstimo.

— Era pra ontem. Cadê o livro? O livro também era pra ontem.

Crátilo explica-lhe que foi à livraria, e o livreiro informou que não sabia do que se tratava. Não se lembrava de ninguém que tivesse encomendado nenhum livro nos últimos dias. Além disso, sem dizer o nome da obra, ficava difícil resolver o problema.

Dr. Demente crava-lhe os olhos vidrados, range os dentes, pega um cigarro e bate a ponta na mesa. Acende-o e, mais uma vez, sopra a fumaça na cara do subordinado.

— Isso não pode continuar assim. — Murmura num tom ameaçador:

— Você só me traz problemas!

Levanta-se, faz que vai sair, volta e torna a sentar-se. Passa, de inopino, a outro assunto. Pergunta pela minuta de um relatório feito na semana passada. Crátilo lhe diz que não foi guardada. Demente recomeça a ladainha:

— Pela segunda vez, onde está a minuta?

— Não foi guardada.

— Terceira vez: onde está a minuta?

— Já respondi.

— Quarta vez, onde...

De súbito, interrompe-se e pergunta o que é CPDE. Daí, prossegue:

— Você já estudou no Instituto Empresarial? Quero cópias de todos os *fax* expedidos em janeiro. É muito difícil tirar cópias? É muito difícil?

— CPDE significa Curso de Preparação para a Disciplina Empresarial, responde Crátilo.

— É muito difícil? Cadê o novo funcionário? Por que você não fez a apresentação dele? — Indaga o Dr. Clemente.

Crátilo tenta explicar que não é ele o responsável pelas apresentações dos contratados:

— O Expedito me disse que o novo funcionário tentou diversas vezes marcar uma audiência, e não conseguiu ser recebido em seu gabinete.

— E por que o motorista não veio? Preciso de um motorista amanhã cedo.

Era sábado. Crátilo ligou para o Khornu, que foi à Residência Oficial no domingo e ficou à disposição o dia inteiro, até às nove da noite: o Diretor Interino não saiu de casa.

## Os desmandos

A segunda-feira começou com problemas, quando Crátilo disse a Clemente Brandão que a secretária Tina queria férias.

— Não pode tirar! — Rebateu o homem estranho. E acrescentou:

— Aliás, vamos mandá-la embora. Pedi a ela que datilografasse um papelzinho, já faz meia hora. Eu não preciso dos serviços de uma pessoa tão incompetente.

Foi à sala vizinha, tomou o papel das mãos da funcionária e disse:

— Qualquer criança pode datilografar dez linhas mais rápido do que você. É incompetência demais!

Expedito entra na sala, enquanto o Dr. Demente resmunga:

— Falta profissionalismo em vocês! Será que é tão difícil fazer a inscrição nos prolegômenos do encaminhamento?

Tina, perplexa, retira-se. Em seguida, entra Zulmira, a velha baixota, de cabelo espetado e voz rouca. Dela Expedito se afasta, por causa das azedas flatulências que ela expele em ambientes fechados. Coloca sobre a mesa do chefe uma xícara de café.

— Quero num copo. — Ordena o Diretor.

Zulmira argumenta que é garçõete profissional e sabe que não é correto servir café em copo. Demente diz que servir café em copo é lícito, porque ele quer. A secretária insiste:

— Desculpe, mas não vou servir.

— Serve sim! — Manda Demente.

Zulmira: — Não é possível.

Demente: — É! É! É... SIMMMMMM!

Zulmira: — Não é! Prefiro pedir demissão a servir café num copo!

Demente, em voz baixa, ocultando um esboço de sorriso:

— Demita-se!

A secretária se retira, gritando:

— Eu vou-me embora, eu vou embora daqui!

A voz de Dr. Clemente faz um eco:

— Vai embora, vai embora!

O chefe volta-se para Expedito, que, ao adentrar o recinto, dera dois passos atrás, colocando-se sob o portal. Ordena-lhe:

— Faça constar em ata que a Zulmira está demitida.

Expedito pergunta:

— Mas ela pediu demissão ou foi demitida? Se o senhor a demitiu, é um caso. Porém, se foi a Zulmira que pediu demissão, ela própria tem de escrever um ofício, formalizando. Mas, se ela não o fizer, convém pensar se vale a pena demiti-la, tendo em vista a opinião da Dona Florícia.

Dona Florícia era a concubina do Gerente Geral. Ela protege a Zulmira, desde o tempo em que a secretária prestou-lhe serviços particulares em casa.

Demente muda de conversa:

— Isto aqui tem de ficar *clean*. — Dá ordens para retirarem os quadros das paredes.

— É preciso colocar uma cortina lilás com babados neste espaço. Também, trazer da Residência o piano de cauda pra colocar aqui a meu lado. E é necessário enxugar o orçamento. Vamos reduzir os gastos com comida. Os serviçais estão comendo como se fossem aristocratas. Como vai funcionar o cerimonial desse jeito? Não vai sobrar verba para oferecer os jantares! E vamos tirar da entrada do escritório o retrato da mulher do João Carlos Guimarães. É um objeto que não vale o que um gato enterra.

Expedito retruca:

— O piano pode se quebrar, quando se tentar trazê-lo. E se o piano se danificar, Dona Florícia e a própria Dona Mirela, a esposa do Gerente Geral, podem não gostar... E, quanto ao quadro, devo lembrar à Vossa Excelência que a esposa do Dr. João Carlos Guimarães é amicíssima da Primeira Dama da sociedade patrupachense. E se ela se queixar ao Presidente Dodô, a gente pode ser declarado *persona non grata*. Portanto, talvez valha a pena deixar o quadro onde está.

Túlio, de súbito, mete-se na conversa, como se já estivesse por trás da porta, escutando:

— Isso é um re-retrato da Condessa de Filadélfia! Va-vale mais de \$ 500 mil!

Demente o interrompe:

— Não discuta. Assessor meu não discute. Cumpre ordens.

E pronuncia, além de brocardos latinos, as duas frases que usa em ocasiões especiais: *É só de capitão pra cima* e o apócrifo: *Não está debaixo da saia*.

\*\*\*\*\*

Crátilo anda cabisbaixo pra não ver nada ao redor. Repugna-lhe a visão das caras antipáticas, num lugar onde tudo lhe parece feio e estridente. Envolto em mórbidos pensamentos, o escriturário murmura:

— Ilha infeliz, lugar abominável, onde as buzinas e sirenes, música estridente das esquinas, são uivos de animais selvagens.

Prefere não sair mais de casa e não ver ninguém. Mesmo porque, não tem aonde ir. Queixa-se do trânsito, em que trogloditas avançam com as camionetas na contramão, fechando os carros pequenos contra a calçada. Dos guardas armados, em todas as casas e edifícios. Das ruas esburacadas, escuras, com esgotos sem tampas, fios elétricos pendendo dos postes e lixo acumulado durante meses. Quando passa diante dos monturos de lixo, resmunga pra si mesmo: *Porcos, porcos, porcos!*

As poucas calçadas existentes estavam cobertas de fezes de animais e gente. Pior do que a falta de higiene é a deslealdade:

— É todo mundo querendo engabelar uns aos outros. —  
Constata.

Reclama, também, do egoísmo com que os motoristas disputam cada palmo de asfalto.

Ante a desonestidade da maioria dos cidadãos, Crátilo considera-se *espicaçado pelo esconjuro da canalha*. Vê sintomas de inveja nos olhares. Relembra, mais uma vez, que nem um fugitivo de penitenciária, oriundo de uma metrópole, aguentou viver exilado na Patrupacholândia. Pediu pra voltar à prisão em sua terra. Certamente achou o calabouço melhor do que a liberdade na estapafúrdia ínsula.

Crátilo recorda-se de que o patrupacha limpador de ar-condicionado disse gostar da Patrupacholândia porque ali valia

tudo, tudo era permitido. E, ao terminar o serviço, roubou-lhe um Buda de cristal da sala. O próprio presidente Hipócrates Dodô — careca, beijudo e sempre vestindo camisa branca — declarou, cinicamente, ao ser-lhe cobrada a dívida do governo para com a empresa Ventura:

— Esta é uma ilha de bandoleiros. — E continuou postergando o pagamento.

O escriturário criou antipatia até pelas prostitutas das esquinas. Ao passar por elas, tinha vontade de dizer às mais velhotas:

— Vão cuidar dos seus netinhos!

Túlio, por sua vez, denunciava sempre as excentricidades da Ilha:

— O Presidente tem o pen-pensamento voltado para um rapaz chamado Marquinhos. Por causa do efebo, con-converteu-se ao vo-vodu.

Acrescentou então Crátilo, com uma expressão debochada:

— A Ilha dos Patrupachas tem fama de ser pródiga, não só em corruptos oficiais mas também em incesto e sedução de mancebos. Dizem que o Dodô foi encontrado dormindo com um soldado, debaixo de um cobertor, num barco de pesca. Os eunucos cuidam do harém dos magnatas. Quanto aos cidadãos da Ilha, martirizam os albinos e usam-lhes os cérebros como taça para ingerir uma poção etílica local.

Observou ainda Crátilo:

— A interrupção do fornecimento de luz obriga as pessoas a comprarem geradores e combustível. A maioria da população, sem recursos, permanece às escuras e sem tomar banho durante semanas. A máfia patrupacha compõem-se justamente dos vendedores de geradores, fornecedores de combustível e dirigentes da Companhia de Eletricidade. Com o lucro dessa exploração, os mafiosos compram camionetas de luxo. Veículos com os quais, no trânsito, oprimem os carros pequenos. Adquirem também revólveres, exibidos por toda parte, como sinal de nobreza.

Arremete Túlio:

— Mudei-me de apartamento em vir-virtude do va-valor atribuído, a título de *potência*, na fa-fatura de energia elétrica. Fui

para um bairro pe-periférico e agora pago um pouco menos, porque já não há referência ao valor da *po-potência* na fa-fatura. Em compensação, estou, há um me-mês, com o apartamento inundado de me-merda líquida; os tapetes encharca-cados, pela infiltração que ve-vem do andar superior.

Crátilo reclama que em nenhum país se paga tão caro pela energia elétrica. Escreveu e telefonou, diversas vezes, ao Diretor da Companhia de Eletricidade e não teve resposta. Quando atendiam, transferiam a ligação a outros setores, até que caía. Outras vezes, atendiam e diziam que o assunto ia ser examinado, que informariam depois. Porém, esqueciam do caso imediatamente.

Todo mundo só pensa em enrolar a gente, repetia Crátilo:

— Um dia, um taxista me cobrou uma fortuna pra me levar à praia, que é aquele esgoto horrível. A capital da Ilha devia chamar-se Merdópolis ou Estercolândia. Aliás, quer coisa mais abominável do que esses hotéis, onde os patrupachas — por não poderem ir à praia — entram nas piscinas de bermuda e camiseta, com copo de cerveja na mão, cantando aos berros?

Túlio consentia. Para ele, os patrupachas eram uns porcos. Andavam com cachorros pra cima e pra baixo, emporcalhando tudo e sujando os sapatos com aquela imundícia. Apesar de gostar da Ilha, onde jogava nos cassinos e desfrutava de rameiras, não hesitava em censurar a conduta dos habitantes:

— Quando alguém quer se can-candidatar a algum cargo, perguntam lo-logo quantas mu-mulheres e quantas ca-cabeças de boi tem...

Túlio parou por um momento, sorriu ironicamente, lembrando-se de um episódio:

— Nu-uma noite de chu-chuva, na escuridão de um estacionamento, dei ma-marcha a ré e toquei de leve na camioneta de um ve-velhote. O sujeito veio com ar de espertalhão, mo-mostrando um arranhão, de cin-cinco centímetros, na la-lateral do carro. Resulta-ta-do: tive de pagar 500 dólares pelo mínimo arranhão. O homem que-queria 1.200! Mas, negocieei. E, a duras pe-penas, reduzi a indenização.

Crátilo não poupava suas críticas:

— Eles dão trote nos serviços médicos de urgência. Quando passa uma ambulância, não se sabe se é algo sério ou uma brincadeira de mau gosto.

Túlio emendava, implacável:

— São uns pa-palhaços, uns ta-tarados. Não se po-pode conversar 10 minutos com eles, sem que algum su-sujeito nos bata a ca-carteira.

Crátilo arrematava:

— A fumaceira, de gente fumando em toda parte, soma-se à poluição dos geradores a diesel, dando a impressão de que há incêndios permanentes.

\*\*\*\*\*

A Ilha parecia um lugar talhado pra tipos como o Dr. Demente Loucão, um sujeito que perturbava as pessoas e adorava bonecos de plástico.

Nas festas, quando Demente via algum fotógrafo, posicionava-se estrategicamente.

Na sua mansão, exibia a piscina aos convidados, vestindo aquela sunga indecorosa, com o barrigão caindo sobre as pernas e os peitos grandes como os de mulher. E ainda se gabava de ter sido campeão de natação.

Restava ao escriturário rezar para vir logo um Diretor definitivo.

— Qualquer um deve ser melhor do que esse maluco.

Indagava à Tina se ainda havia alguma possibilidade de que o Dr. Adolfo Dias regressasse. Ela respondia:

— Perguntemos aos cachorros: ele os tratava como filhos...

No escritório, permanecia o caos: intrigas, maledicências, cobranças de providências nunca dantes solicitadas, adiamento de qualquer decisão e reclamações sobre a morosidade do serviço. Naquela burocracia absurda, Clemente mandava refazer as informações dezenas de vezes, sem enviá-las à Gerência Geral ou a qualquer outro destinatário.

Expedito, como se adivinhasse o pensamento dos colegas, comentou, em voz baixa:

— Ele é um idiota, uma figura lúgubre. Uma personalidade sinistra. É o próprio Mefistófeles! E aqui vai uma fofoca: o Túlio disse que tocaram de madrugada na porta da residência da Diretoria, e o Demente saiu de camisola e sapatinho alto...

Crátilo riu:

— Aquela namorada que ele tinha foi embora, escandalizada. No aeroporto, na hora de se despedir, ela saiu dizendo aos motoristas: cuidado com esse cara, ele é um doido perigoso, um sádico...

Expedito concorda, com um meneio de cabeça:

— A serviçal da residência disse que a moça dormia no chão, e ele na cama de casal. O Demente a espancava. Mas um dia foi ele que chegou com a cara arranhada e os óculos quebrados, lembra?

— Acho que ela deu uns bofetes nele. — Ironiza Crátilo.

Expedito movimenta os olhos de um lado para o outro, com rapidez, como se a perspectiva o assustasse:

— Ele é muito mau caráter e debochado: disse que a Zulmira está com *cuzite aguda*, porque ela ficou dois dias sem aparecer no escritório e apresentou atestado médico. Sinto no ar que alguma coisa está por acontecer...

— O que poderia ocorrer? — Interpela Crátilo.

— Um prodígio, um escândalo, sei lá... — Encolhe os ombros Expedito.

— Tomara que alguma coisa aconteça... — Suspira Crátilo.  
— Se ao menos o Adolfo Dias voltasse...

Nesse momento, entra o Bangu, magrinho, de fala mole e solfejada, estampando constrangimento na cara:

— Quero falar um assunto desagradável. Eu vi sangue na pia. Parece que tem alguém com tuberculose...

Crátilo e Expedito notaram que havia, na pia do banheiro, algo que parecia fragmentos de muco escurecidos.

— Acho que não é sangue, diz Crátilo.

— Em todo caso, é uma tremenda porcaria... Isso grudado...  
— Comenta Expedito.

Bangu sugere que o banheiro passe a ser exclusivo do pessoal do escritório. Cada funcionário deveria ter a sua chave, e os visitantes não deveriam utilizá-lo.

Expedito foi taxativo:

— Vou pedir ao Túlio pra fazer cópias da chave pra nós. Assim, trancaremos o banheiro. O problema é ter de pedir autorização ao Clemente, cuja decisão pode levar até dois meses.

O banheiro exalava um cheiro de mijo estonteante. As toalhas de rosto eram molambos asquerosos, que os patrupachas usavam pra limpar os sapatos. Só o diretor tinha banheiro exclusivo, onde guardava o tal boneco de plástico, com o qual conversava de maneira espantosa.

Dias depois, Crátilo foi lavar as mãos com o seu sabonete Febo e notou que os estranhos flocos escuros que ficavam na pia eram fragmentos do próprio sabão. Viu, no espelho, as olheiras de cansaço. Bebia suco de maracujá todos os dias, na tentativa de ficar tranquilo na hora do despacho. Permanecia o dia todo sonolento, mas continuava tenso. Dormia mal, por causa das coceiras que lhe infernizavam a vida, principalmente à noite. Tinha uns sinaizinhos vermelhos na barriga e coceira no corpo todo. Só, no banheiro, monologava:

— Que será isso? Não consegui dormir à noite. São irritações na pele...

Tira as calças e sacode a roupa no mármore. Seriam entidades mágicas, onipresentes e invisíveis?

Foi a um dermatologista. Narrou ao médico os sintomas que se manifestavam, principalmente, de madrugada, por volta das quatro da manhã, quando já não conseguia mais dormir. O especialista achou estranho não encontrar marcas em sua pele. Crátilo confessou que se sentia tenso, angustiado; que vinha tendo problemas no trabalho, onde o chefe era um tipo difícil.

O profissional levantou as sobrancelhas, numa expressão de curiosidade, e atestou que a irritação que o desconfortava era algo psicossomático.

— Tome duas drágeas desse remédio, duas vezes ao dia.

Entregou a receita ao escriturário. Deu-lhe também um atestado médico para dois dias, o que o encorajou a não trabalhar na segunda-feira seguinte.

Crátilo leu a receita: *Tranquilex 90, duas de manhã e duas à noite*. Preferiu não tomar o medicamento.

Depois de alguns dias, de tanto despertar à noite se coçando e sacudir a roupa de cama, o escriturário notou que caiu um bichinho preto. Quando tentou pegá-lo, sumiu de repente no piso branco do banheiro. Era uma pulga, com certeza. Para combater aqueles insetos, comprou veneno em pó e colocou nos quatro cantos da casa. Foi inútil. As coceiras continuaram, sobretudo de madrugada. Só conseguiu debelar a praga quando mandou fumigar a residência.

Na sexta-feira, avisou a Túlio que uma empresa de fumigação faria serviços em sua casa e que ele tiraria um dia de repouso, recomendado pelo médico. Deixou, com a secretária Zulmira, um bilhete para o Dr. Clemente. Por descuido, porém, ou por achar que não necessitaria utilizar o atestado médico, atirou-o ao lixo. Enquanto tinha a casa pulverizada, perambulou pelas esburacadas ruas da cidade, debaixo daquele calor desesperante, que o fazia suar a cântaros.

Na terça-feira, foi trabalhar. De manhã cedo, encontrou Expedito, cujas primeiras frases foram:

— O negócio do Demente é chatear. Essa pândega está me roubando o equilíbrio.

Crátilo ainda tentou filosofar sobre o gênero humano:

— O mal do homem é querer ser qualquer coisa, menos o que ele realmente é. Cobiça o alheio e anseia pelo distante, numa inquietação permanente.

Expedito aquiesce:

— Recordemos de Caim e Abel!

— O Dr. Clemente mandou despedir a Zulmira... — Lamenta Crátilo.

Responde Expedito:

— Não! Aquele energúmeno me pediu que assinasse a carta de demissão. Recusei-me, e ele esqueceu o assunto. Ele faz todo esse barulho por causa de uma xícara de café. Há escândalos acontecendo, e a gente tendo de se ocupar com

coisas tão ridículas. A falcatrua do Cabeça de Vaca, por exemplo, que embolsou os donativos das famílias dos funcionários! Além dessa desonra, tem aquele caso da amante, que ele entregou ao Gerente Geral, em troca do cargo de Contador Geral...

Crátilo ironiza:

— É o que se pode denominar o *cornu da fortuna*...

Chega Zulmira, avisando que o Dr. Clemente mandara chamar os subordinados. Eles se apresentam. O Diretor Interino franze o cenho e ergue a cabeça, como se ungido pela certeza infalível. Desengonçado, a calva reluzente, como se polida com cera e flanela. Dá uma tragada tão profunda no cigarro, que a jugular se inflama. Começa a preleção:

— Egrégios, cabe-lhes organizar o programa da exposição das relíquias, que começará pela dentadura do ex-núncio. Será uma orgia de devoção. Também haverá inauguração, sobre estes escombros molhados de lágrimas, de luzente cimento.

Faz torções no rosto e prossegue:

— Sem óbice aos procedimentos, tudo visto e ponderado, a escultura divinatória luzirá no jardim. É a vitória sobre os abismos. É algo mais digno do que a imposição do látego redentor. *Oportet semper orare*. Até o vale de Josafá.

## **A exposição das relíquias**

Com sua fixação por assuntos de convento, Dom Demente, ex-seminarista, organizou uma exposição de relíquias no jardim da Residência. Exibiu sua coleção de peças sagradas e escapulários: a dentadura do Cardeal Raimundo Monte, introdutor da Ordem de Santo Ambrósio em Riacho Quente; um punhado de pelos do bigode do Arcebispo Atanázio Montalverne, dentro de um vidrinho, levado numa bandeja de prata, entre custódias; o pó das unhas do Bispo Guerra de Andrade, conhecido por haver obrado alguns milagres, como fazer jorrar água de uma fonte extinta e fazer chorar a imagem da Virgem da Paróquia da Perseguida; por fim, o crucifixo do Cardeal Azevedo Pereira, o famigerado Pereirinha, que exorcizava de 15 a 20 demônios de uma só vez.

Depois da solene exposição, a que algumas beatas compareceram, Dr. Clemente convidou-as a jantar em sua casa. Era estranho que uma pessoa com as características do Dr. Clemente pudesse ter amigos. Mas, segundo a Zulmira, o homem chamou umas beatas e o casal, Dr. Lauro e esposa, para jantar. Para não gastar o vinho, mandou o Bangu servir refrigerantes. Em seguida, levou os convidados a um restaurante. Depois que comeram e beberam, o garçom trouxe a conta. Ninguém fez menção de pagá-la. Até que a mulher do Dr. Lauro pediu ao marido que o fizesse.

## A visita do Ouvidor

Em busca de algum consolo, Crátilo esperava que, talvez provando o fel, desfrutaria o mel. Era preciso conhecer o esgoto pra valorizar mais os perfumes, assim raciocinava. Sonhava com o dia em que partiria definitivamente daquele lugar de provações. Os dias, no entanto, passavam com inexorável lentidão, aumentando-lhe a ansiedade.

No sexto mês da interinidade do Dr. Clemente, um ofício da Gerência Geral anunciou a visita, a título de inspeção, dentro de 15 dias, do Dr. Cláudius do Amor Divino, Ouvidor.

Em três dias chegou, inesperadamente, o velhote pardo, baixote, cabeça grande, com amplas entradas de calvície e restos de cabelo por demais crespos nas têmporas. Tido como um *Diretor heterodoxo*, Dr. Cláudius era reconhecido por defender, entre os íntimos, a bigamia em detrimento da poligamia. Veio inquirir os servidores sobre a situação do escritório. Expedito confessou a Crátilo que foi ele quem solicitou à Gerência Geral aquela inspeção. E, ainda que o Dr. Cláudius pudesse ser um *espia da alcateia*, não se deveria desperdiçar a oportunidade de lavar a roupa suja.

O Ouvidor perguntou a cada funcionário sua impressão sobre o clima imperante no escritório.

Expedito, falastrão, disse que a empresa parecia uma casa mal-assombrada. O Ouvidor declarou conhecer as excentricidades do Dr. Clemente. Concordou que os discursos do colega eram uma exibição de egolatria, com digressões de retórica vazia e circunlóquios surrealistas... Expedito falou de arbitrariedade e loucura. Dr. Cláudius já sabia das prestações de conta, largadas debaixo da mesa. Confessou que advertira o Dr. Clemente sobre a inconveniência daquela conduta inoportuna, que lhe prejudicaria o acesso aos agraciamentos da carreira. Aconselhou-o a não proceder daquele modo; do contrário, não poderia aspirar ao *status* de Subgerente Geral, o cargo mais cobiçado da carreira, e sequer chegaria a Contador Geral. Demente se justificou, afirmando:

— Talvez eu tenha exagerado na dose...

Túlio, por sua vez, falou do perigo de que as relações humanas se deteriorassem, a ponto de acontecerem incidentes graves, como alguns registrados em outros escritórios da Ventura. Recordou um caso terrível, em que um funcionário enraivecido jogou um grampeador na cabeça de um Diretor. Cláudius corrigiu-lhe o equívoco: não tinha sido na cabeça de um Diretor, mas na de um reles arquivista. Túlio prosseguiu, argumentando sobre a gravidade da situação no escritório e insinuou que talvez se tratasse do caso de um Diretor Interino possesso ou endiabrado...

O Ouvidor afirmou que não teria escrúpulos em solicitar um exorcista ou um psiquiatra para o Dr. Clemente. No entanto, contemporizou: todos sabem que ele é muito inteligente. Foi um dos primeiros classificados, quando estudou no seminário. Passou, de sacristão-coroinha a sacerdote, com brilhantismo. Era famoso por possuir um Q.I. excepcional. Fazia sermões como *a graça, deslizando sem atavios*.

Depois da conversa com o Ouvidor Cláudius, Túlio confessou a Crátilo:

— O Dr. Demente é rápido no ga-gatilha, mas atira mal e esco-colhe o inimigo errado.

Na sua vez, Crátilo confessou sua dificuldade em tratar dos assuntos da empresa com o Dr. Clemente. Reclamou da atitude *desorbitada* com que o Diretor o ameaçara de demissão. O Ouvidor pôs a culpa do problema no Adolfo Dias:

— O Adolfo não ensinava aos funcionários como trabalhar. Agora, ficam todos sem saber o que fazer. Além disso, ele é dos que puxam o revólver, quando se fala de cultura. Pelo menos, o Dr. Clemente é ilustrado, ouve o *Stabat Mater*, de Pergolesi, todos os dias...

Crátilo argumentou que o Diretor Interino não sabia corrigir defeitos de redação, sem humilhar os subordinados e sem fazer aquela confusão com os papéis. Dr. Cláudius, então, incentivou-o a defender-se, com unhas e dentes, no trabalho da empresa. Depois, mudando de assunto, mostrou-lhe uns versos herméticos, sobre a filosofia de Mestre Eckhart. O escriturário ficou perplexo em ver que há ouvidores que leem poesia, numa empresa onde só se fala de negócios ou da vida alheia.

Na reunião coletiva, o Ouvidor anunciou a designação do Diretor definitivo, Dr. Lúcio Ferro, que não tardaria a chegar, procedente do escritório no Oriente. Vinha com a missão de colocar ordem na Casa. Disse que o Dr. Ferro não era um carrasco, embora tivesse tal fama, já que demitiu muitos funcionários nos escritórios que chefiou.

— Quero tranquilizá-los. Dizem que Dr. Ferro não gosta de gente, mas esse comentário é da maior injustiça. Ele é uma espécie de arcanjo do Apocalipse...

Os funcionários desconfiavam da semelhança entre o Diretor designado, Dr. Ferro, e o Diretor Interino, Dr. Clemente, já que as duas *cavalgaduras* defendiam as demissões sumárias e eram arrogantes como tigres. E concluíram que valia a pena assistir à luta entre Belzebu, o Súcubo Alado, e Asmodeu, o Diabo Coxo.

Dr. Cláudius, gabando-se de possuir o dom da palavra, escreveu o seguinte relatório de sua ouvidoria:

*Os escassos êxitos financeiros, ao sabor de desconexões gerenciais, e os omissivos do numerário transferente incidem sobre a obstrução peristáltica do trânsito administrativo. Normas periféricas, opostas ao status consuetudinário, suspendem os fluxos gerenciais. A carência de tipologias preventivas supõe a expectativa de síncope programática. Carências de escopo para viabilizar a mobilidade. Vale dizer, elidem o ominoso sucesso. Antes de tal hipótese, sem retrocessos elucidativos, não se diluem as discrepâncias discricionárias. Há sintomas de exceções no lastreamento dos índices e no equacionamento das propedêuticas.*

## O enfrentamento

Clemente Brandão acende um cigarro e bafora na cara de Crátilo. Fala ao telefone uns 15 minutos e só então dirige a palavra ao escriturário. Tem as mãos trêmulas e fala em tom energúmeno:

— Por que a sua ausência, na segunda-feira, dia 21 de agosto?

— Saúde. — Responde Crátilo.

— Mostre o atestado. — Pede o Dr. Clemente.

— Acho uma injustiça. Já me justifiquei: por motivo de saúde. Não é suficiente? — Crátilo retruca.

— A sua ausência foi motivo de escândalo. — Advertiu o Diretor.

— O senhor um dia ficará também doente e precisará se ausentar do trabalho. — Pondera Crátilo.

O diálogo prossegue, ríspido e absurdo:

Demente: — Isto aqui não é uma casa de caridade.

Crátilo: — Não lhe peço caridade, mas consideração e cortesia.

Demente: — Se você não apresentar o atestado, eu pedirei à Gerência Geral a sua demissão por justa causa. O desempenho de sua missão tem sido de péssima qualidade. O atestado ou a demissão em 24 horas.

Crátilo (cheio de coragem jamais vista): — Já que o senhor é uma pessoa ruim e nefasta, pode me demitir e até me expulsar! Eu sentiria um alívio. Ficaria livre de servir a um idiota!

Demente (à meia voz, timbre macabro, erguendo a cara macilenta e o sobrolho crispado):

— Eu não preciso da sua companhia.

Nervoso como estava, sentindo calafrios e com as mãos trêmulas, Crátilo se esqueceu de dizer que havia faltado ao trabalho por causa das pulgas dos cachorros. Isto é, para ir ao médico, já que se havia acometido de coceiras infernais.

Deu de cara com Expedito, que, com um sorriso irônico, lhe disse:

— Já digitei a carta em que o Dr. Demente se queixa de você.

Crátilo chateou-se com o colega. Percebeu que Expedito estava bêbado, quando lhe disse que Demente iria *mandá-lo pra estratosfera*.

## O diálogo dos serviços

Certa manhã, Crátilo encontrou Túlio na cozinha, detrás da porta, prestando atenção ao que diziam os subalternos. O arquivista trajava gravata e sandálias, por causa de um problema nos pés. Queixava-se da vida:

— Vou tra-trazer meus vídeos e minha televisão pra cá. Agora fa-faço resistência pacífica, com meus ate-testados.

Ele tirou da pasta os papéis e leu: *trombose e sinusopatia aguda*. Vou tra-trazer um dos meus 14 atestados mé-médicos. Pois é, eu te-tenho 14 atestados, cada um com um tipo de do-doença diferente. Se reclama-marem por eu não estar vin-vindo todos os dias, eu mo-mostro os meus pa-papéis. É esse o meu mé-método de resistir aos achaques do funcionalismo da Ven-Ventura.

Enumerou, então, os seus problemas:

— De manhã ce-cedo é um inferno. Até eu sa-saber onde estou, pra onde vo-vou e até quem sou, é um horror... Esse remédio me de-deprime muito. Eu cho-choro, caem-me lágrimas. É um horror.

Andava pela sala, chupando o cigarro, quando um vendedor de seguros bateu à porta do escritório.

— Quer, Doutor? — O patrúpacha lhe oferece apólices.

— Falta isso, meu filho! — Túlio faz um gesto, esfregando o polegar contra o indicador, para dizer que não tem dinheiro.

O vendedor não desiste:

— Mas o sinhô não recebeu o abono a que os funcionários têm direito?

Por incrível que pareça, até os vendedores sabem do que acontece na sede da empresa, pensou Crátilo.

Túlio lembrou-se de que aquele vendedor já havia comparecido à firma para solicitar carta de recomendação da Ventura, a fim de conseguir uma viagem do governo patrúpacha. E o sujeito havia apresentado um extrato de conta bancária falso. Então, o arquivista pegou uma pasta onde havia retratos dos clientes e mostrou ao sujeito.

— Você é este aqui? — Perguntou.

O cara saiu rindo, cinicamente, como se o assunto não fosse com ele.

— A melhor notícia é que o Dr. Demente vai sair do escritório! — Chegou Zulmira, anunciando a boa nova.

Crátilo não escondeu sua alegria com a notícia.

Túlio arrematou:

— O Demente se vangloria de haver extinguido o próprio cargo. Os di-ditadores são assim: não admitem que venha alguém depois deles. Querem ser os pro-protagonistas do fim da história.

Apesar das expectativas, para desgosto geral, o Dr. Clemente permanecia no escritório da Ventura, naquela Patrupacholândia exótica e primitiva. Certamente ficaria, por longo tempo, na condição de Subdiretor, depois da chegada do novo Diretor.

\*\*\*\*\*

Manhã de ruído e barafunda, em que os clientes da empresa faziam fila no balcão de atendimento. Bangu, o contínuo, já se encontrava ébrio às 10 horas, depois de uma temporada no hospital dos Candelabros para tratamento do alcoolismo. Bangu disse a Crátilo:

— Comecei a sentir de novo aquela dor no peito.

Expedito, que tentava telefonar, reclama:

— Não adianta ligar pra quem quer que seja. Ninguém atende ou dá ocupado.

Bangu prossegue em sua lamúria:

— Fui ao médico, e o doutor foi logo me oferecendo uma licença, de 20 dias, pra tratamento de saúde. E me receitou três supositórios.

Túlio aproveita a deixa:

— Por fa-falar em saúde, parece que você não coordena mais os mo-movimentos. Foi acender o ci-cigarro e quase queima o cabelo da Tina.

A secretária também aparece para tomar um cafezinho e conta que, em certa ocasião, uma estagiária fez mandinga e ela ficou quatro dias inconsciente.

— Botei fogo na roupa, mas não queimou. Só chamuscou as minhas pernas. Fiquei com essa mancha roxa no olho. Desmaiei duas vezes. Passei quatro dias em casa, fora de mim. Tive uma visão: vi uma pessoa em pé, no cemitério, sobre o túmulo 36, fazendo o trabalho... Fui a uma sessão espírita, e disseram tudo. Felizmente ela foi embora.

Toca o telefone. Túlio atende. Ouve uma voz longínqua, que ele não entende bem:

— Deve ser a voz da morte che-chegando. — Diz ele e desliga.

— Eu tô o pi-pior de todos, com esses olhos vermelhos e a ca-cara amassada. Não dormi na-nadinha essa noite. Tem duas noites que eu não durmo, com um ca-cachorro arranhando as unhas na po-porta e gru-grunhindo. Aliás, como é que eu posso dormir, com essa do-dor nas pernas? O mé-médico disse que eu não posso andar, nem ficar em pé, nem fi-ficar pa-parado por muito tempo. É só deitado que eu não si-sinto dor. Amanhã eu não ve-venho, não estou em condições fí-físicas, sanitárias... Preciso cuidar dos me-membros inferiores, antes que eles apo-podreçam.

Dá uma volta na ponta dos pés e diz:

— Eu tô muito ne-nervoso. Na pró-próxima semana, provavelmente, co-cometerei suicídio.

Os colegas dão risadas.

— Ele *tá fodido*. — Brinca Exedito.

— Mas eu é que tô mal — confessa Tina —, tô fazendo *fizoterapia* e tô com *tigmatite*.

— Não está pior do que eu, que te-tenho angústia intravascular disseminada e pro-progressiva. — Disputa Túlio.

Bangu arremata, em tom triunfal:

— Quero minha aposentadoria!

— Vamos tocar uma incelença! — Debocha Túlio. Em seguida, recorda outro caso:

— Outro dia, só porque a Be-Benedita, do escritório no País dos Ni-Nibelungos, publicou uma receita de pe-peru num jornal, foi chamada à atenção. Onde já se viu?

— Não gostaram do peru dela? — Questiona Expedito. Bangu, trôpego, cabelo na testa e óculos na ponta do nariz, mostra os dentes amarelos:

— Dr. Túlio, vamos pro olho do furacão?

Referia-se à função de serviçais do Dr. Clemente:

— Pra mim é fácil — continua Bangu —, é só servir o cafezinho, a água e encerar o chão até brilhar; porque o *home* gosta de ver tudo brilhoso.

— E euuu? — Surpreende-se Túlio. — Pra ele chegar embriagado, per-perder os do-documentos e me cha-chamar de ladrão? Ele tem a bo-boca muito suja. Todo serviço que a gente faz, na opinião dele, é uma me-merda. Olha aqui (mostra os cabelos brancos, puxando-os). Tô me sentindo muito bem no arquivo. Nado 500 me-metros e ando 10 qui-quilômetros por dia.

Túlio tinha fama de ser inteligente, mas preguiçoso. Falava que não aguentava desaforo, porque fora mordido por cobra na adolescência. Era formado em Biblioteconomia e se sentia subaproveitado. Havia tido, nos tempos do Adolfo Dias, uma futrica com a Zulmira, porque ela se gabava de ser amiga da Mirela, mulher do Gerente Geral. A velha secretária contava intimidades sobre a primeira dama da Ventura. Era Mirela pra cá, Mirela pra lá... O dia todo com o nome dela na boca. Numa ocasião, Túlio perguntou a Zulmira, inopinadamente:

— Sabia que a Mirela foi vista com um crioulo na cama?

— Ai, *vige*, que tragédia! — Gritou Zulmira, benzendo-se. E correu ao gabinete do Diretor Adolfo Dias, para contar-lhe o escândalo.

O Diretor chamou Túlio pra confirmar a história. E ele:

— É mentira dela!

O Diretor mandou os dois se retirarem, chamando-os de ineptos e irresponsáveis. Depois, quando Túlio encontrou a velha secretária no corredor, confessou:

— Eu só-só falei isso pra vo-você deixar essa frescura de falar na Mirela o dia todo, sua *fe-fela da puta!*

Esse episódio ocorrera há mais de um ano. Como uma espécie de castigo, Túlio foi transferido para o arquivo, onde ficaria isolado, lendo jornal o dia todo, sem nada pra fazer. Para ele, os diretores da Ventura eram uns medíocres que nunca

falavam de música erudita, nem de artes plásticas. Eram também uns tarados:

— Aqui, pra se obter aumento de remuneração, o ca-cara tem de entregar a mãe, a irmã, o fi-filho... Vou processar a Ventura. Nos meus assentamentos, tem muita me-merda, muita co-coisa inaceitável. Saiu no jor-jornal uma no-notícia a propósito de um funcionário, na Nova Cosmolândia, que recebe sa-salário três vezes acima dos de-demais. Eu sou a favor da pe-pena de morte! — Afirmou, fingindo indignação.

Tina ria, com a boca desdentada. E reclamava do salário:

— Não dá pro gás.

— Vem cá, sua gor-gordota. Ouviu fa-falar no incêndio na Secretaria de Finanças da Ilha? Se esse escritório pe-pegasse fogo e todos pulassem pela ja-janela, eu seria o único a cair naquele fosso. Meu almoço há muito tempo é um co-copo de leite e um pe-pedaço de queijo branco. Meus 35 ga-gatos morreram de ma-maneira misteriosa. Só restou um, que por sinal é li-lindo e pe-pesa 10 quilos. Ele me acorda todo dia às seis da ma-manhã e só co-come na mão. Se deixar a co-comida no prato, ele não co-come — Vangloriava-se Túlio.

Tina suspira:

— Hoje faz 21 anos que levei uma peixeirada. Vou tomar cana pra comemorar. Naquele tempo, eu era enfermeira no Hospital do Setor Norte. Amarrava um Coronel pra dar injeção no braço inchado dele. Pegava os *doente* à força, abria a boca e botava comida dentro. Tinha o Robertão, um enfermeiro, que era especialista em matar doente desenganado. Mandavam a gente dar Apasal Trecatom. Mandavam eu dar dois, eu dava logo quatro. Dava banho *nos cara* com roupa e tudo. O *pintão* deles de fora...

Ante o olhar perplexo dos circunstantes, Tina se retira.

Túlio graceja com aquelas excentricidades:

— Ela disse, na semana pa-passada, que morreu a irmã de-dela e ficou rindo. Agora, veio dizer que a ti-tia dela mo-morreu. Dizem que quando ela trabalhou na Secretaria do Emprego, o che-chefe olhava pra ela e já per-perguntava: — Quem foi que mo-morreu hoje, Dona Tina?

Etilicamente encharcado, Bangu esboça um sorriso, em que se projetam vestígios de baba, nos beiços gordos. Oscila num pé e noutro:

— Vou *vestir ela* de bailarina e colocar em cima desta mesa. Vou fazer o casamento dela com o Khornu pr'ele *cobrir ela de porrada*.

— Tomara que o Khornu, que é ma-macho escroto, jogue uma bo-bomba nesses diretores. — Graceja Túlio e acrescenta:

— Uma vez eu esculhambei o Diretor da Americana, onde eu tra-trabalhei antes. Não é preciso ser um lu-lutador de bo-boxe pra dizer e fazer o que é preciso. Ele vivia localizando o problema de todo funcionário. Eu já ta-tava puto e disse: Vossa Excelência acha problema psiquiátrico em to-todo mundo... E não os seus próprios? O se-senhor se insinua para os clientes jovens e bo-bonitões, mas se faz de santo? E do-doido sou eu, né? Rapaz, o home saía do escritório e esquecia de su-subir o zíper. E a gente não poder fazer na-nada pra se defender de um *fila da pu-puta* desses...

Túlio caminhava e fumava, enquanto falava. Vestia um paletó escuro, com gravata de seda e sandálias havaianas:

— Tô de saco cheio da ca-cara de vocês. Vou sair por aí pra ver outras. Tem dia que eu não aguento ne-nem a minha cara, nem me olho no espe-pelho.

Saiu, fumando pelo corredor.

## O implacável Dr. Ferro

Para alívio de todos, duas semanas depois da partida do Ouvidor, chega, com ares de Condestável, o Dr. Lúcio Ferro Pires do Arroio, o *Durango Kid* da administração da Ventura. É um sujeito curvado, de pele escura, barba fechada, olhar furibundo e rosto de aspecto simiesco. Tem um sotaque afrancesado, de puro esnobismo — segundo Exposito.

No primeiro despacho com Crátilo, o novo Diretor o recebeu de cara amarrada. Olhou fixamente em seus olhos e disse:

— Se você trabalhar de forma correta, não terá problemas comigo. Mas, se for vagabundo, eu vou *pegar no teu pé*. Você vai ficar responsável pela emissão de cartas de recomendação para os patrúchas e pelo setor de *marketing* da empresa.

Depois, estendeu-lhe a mão, em sinal de despedida, e voltou-se para o computador. Crátilo entendeu que devia se retirar. Logo percebeu que o Dr. Ferro era um tipo romanesco: tinha a barba tão fechada quanto a cara; os olhos penetrantes e amedrontadores; a voz roufenha e nasalizada. Exibia um ar solene, que se alternava, de súbito, com algum disparate.

A primeira providência que tomou foi mandar Crátilo recolher o revólver do escritório, que andava no cofre do Dr. Clemente Brandão. Não era possível uma arma de fogo naquelas mãos... Crátilo se angustiou com aquela espinhosa missão.

A segunda medida do novo prócer foi contratar outra secretária. No concurso, eliminou as maiores de 40 anos e escolheu a Miriam. Era uma jovem patrúcha altona, morena e de farta gargalhada. À moça passou a solicitar todos os assuntos, ignorando a existência da Tina e da Zulmira, já velhotas e rabugentas. Com a nova secretária, ficava trancado horas a fio, e só se ouviam as risadas.

Depois, mandou polir o assoalho e fechar hermeticamente todas as janelas, de modo que, ao fumar, tivesse a sensação de estar numa sauna a vapor.

Mandou também colocarem um longo tapete, do corredor à sua mesa, a fim de que aqueles que pisassem ali não arranhassem o chão.

Ele chegava, de manhã, reclinava a corcunda pra ver se o chão estava bem polido. E logo mandava chamar um dos serviçais para alisar com cera o piso da sala.

A posse do Diretor foi celebrada com folguedo. Na Residência Oficial, Dr. Clemente — ébrio e aos tropeções — ria das anedotas do Dr. Lauro.

— As multidões são fêmeas, por isso eu não as temo. — Dizia ele a Lauro, que também ria, cambaleante, com os olhos semicerrados e a voz embolada. Enquanto os dois tinham frouxos de risos, Ferro fechava a cara.

\*\*\*\*\*

Relegado à função de Subdiretor, Dr. Clemente continuou procedendo de forma insólita. Prevenido contra os exotismos do seu colega, Dr. Ferro deu instruções a Expedito:

— Aqui só um manda. Não admito dois mandando. Que reforma é essa que o Subdiretor está fazendo? E que história é essa de alçar um busto no jardim?

Expedito mostrou-lhe o memorando que o Subdiretor Clemente Brandão mandara fazer para calcular o orçamento da escultura do jardim, um monólito em sua memória, para *realçar e perenizar a sua altivez e venerabilidade*. E, ao redor do pedestal, um pórtico com medalhões e outros apetrechos. Também, abraja um buraco na parede do banheiro pra fazer uma espécie de armário, onde guarda um manequim de plástico.

Dr. Ferro arregala os olhos:

— Um manequim? Efigie com medalhões? Monólito!

À proporção que dizia cada palavra, seu rosto se desfigurava de furor.

— Que maluquice é essa? Peça à Zulmira que chame esse idiota do Dr. Clemente!

O Subdiretor aparece, todo desengonçado, cigarro aceso no bico.

Dr. Ferro questiona o que significam essas *reformas*. Demente falou que tomava as iniciativas, segundo sua competência de coordenador geral da empresa, na condição de

responsável pelo tráfico do Diretor. Ferro o interrompeu, trovejando:

— Tráfico? Tráfico? Você é um louco! Você é um doido, é um louco! Coordenador, *porra nenhuma!* Remova imediatamente o espantalho que você colocou no jardim! Isto aqui não é um circo! Não é um manicômio!

Ao escutarem aquele estrídulo com que o Subdiretor era espezinhado, os funcionários sentiam o prazer da vingança: a satisfação de ver o maluco do Dr. Demente sendo tratado como merecia.

Por sua vez, Crátilo sentia-se constrangido pelo tratamento pouco cordial do novo chefe. Parecia-lhe que o Dr. Ferro era a intransigência e a vaidade personificadas. O novo Diretor da Ventura tinha também seus exotismos: um armário de vidro, com três prateleiras abarrotadas de medalhas. Costumava levar consigo vários fotografos a todo evento a que comparecia. Além disso, considerava quase tudo o que via ou o que ouvia *une merde*.

Acometido de algum mal secreto, esteve três dias prostrado. Depois da convalescência, reapareceu em público, concedendo uma entrevista ao *Patrupacha's Diary*. Declarou, então, solenemente:

— Já estou melhor da alergia. Já consigo até falar *merda*.

Com o uso dessa palavra, o homem se revelava inteiramente.

O novo superior perguntou a Crátilo, certa vez, sobre a conduta do Subdiretor Brandão. O escrivão disse que ele *vinha-se comportando razoavelmente*. Dr. Ferro irritou-se:

— Razoavelmente *porra nenhuma!*

Crátilo entra no escritório do Chefe com um *bom dia* ou *boa tarde*, polidamente, e não escuta o retorno do cumprimento. Sente-se constrangido por ter de levar os documentos da empresa para que seu patrão os corrija e de ter que tratar com uma pessoa tão antipática e arrogante.

Senta-se diante de sua mesa e espera três minutos para que o sujeito vire a cadeira e o rosto da direção do computador, que fica na lateral, e se posicione para receber os papéis. O

silêncio intimidador, os monossílabos e a cara enigmaticamente ressentida parecem pesar uma tonelada.

Crátilo tenta, em vão, adivinhar o motivo daquela atitude. Percebeu, pelo modo como Ferro fala com os outros, que a coisa é pessoal, pois somente a ele, à secretária Tina e ao Clemente, o Diretor da Ventura dirige aquele olhar raivoso. A Tina é burra e o Dr. Clemente é tresloucado, mas ele tem certeza de que não fez nada para merecer tal tratamento. Só se for coisa de outra vida, outra encarnação.... Pensa, perplexo. É possível que tenhamos sido inimigos em algum tempo misterioso, imagina Crátilo.

Sempre, na hora de revisar os documentos, Crátilo enfrentava a mesma expectativa desagradável. Havia dias excepcionais em que o figurão estava menos tartamudo. Dignava-se a pronunciar duas ou três palavras, entre suspiros pouco auspiciosos, que traduziam sua insatisfação com a redação dos textos. Depois de riscar a metade do que via escrito, entregava os papéis a Crátilo, dizendo um *obrigado*, meio sem vontade. Virava-se de lado e cravava os olhos no computador. O escriturário repetia *obrigado*, maquinalmente, e saía. Tinha a sensação do dever cumprido.

Angustiava-se, no entanto, quando se lembrava de que, no dia seguinte, teria de repetir a experiência. Todos os dias era aquela olhada de desconfiança e os termos pouco delicados ao corrigir os textos: *Não vou dizer essa porra!* ou *Isso tá foda!* — E outros comentários do gênero.

Um dos trabalhos que Crátilo tinha de fazer, na nova função, era copiar todas as notícias publicadas no Patrupacha's Diary sobre as relações comerciais entre a Patrupacholândia e o resto do mundo. Logo no primeiro dia de exercício de suas novas tarefas, Ferro queria que ele copiasse as edições do jornal inteiro, desde o início do ano. Crátilo não entendeu bem, mas começou a fazer o que lhe foi pedido. Como não conseguiu terminar no mesmo dia, Ferro o advertiu severamente:

— Você não fez nada do que eu mandei. — Sentenciou, com voz ríspida e olhos furiosos.

— O senhor me permite uma justificativa? — Ponderou o escriturário.

— Não quero justificativa. Quero que resolva o problema! —  
Ordenou o Chefe, em tom de voz impositivo e autoritário.

Crátilo saiu desconcertado e foi pedir orientação a Expedito.  
Este se esquivou:

— Ainda bem que estou indo embora! — Anunciava assim a  
sua partida, o que Crátilo considerava sorte digna de inveja.

Repentinamente, ouvem-se os gritos do Dr. Ferro, dirigindo-  
se ao Dr. Demente:

— Você é um louco! Você é um doido! Você prejudicou, por  
má-fé, o projeto de reorganização da Paróquia de Ponta Azul,  
onde poderiam ter sido plantados imensos hectares de arroz!  
Vetou a proposta da vinda de um professor para instruir os  
patrupachas! E o que dizer daquela estátua própria, inaugurada  
no dia de Santo Ambrósio? E quanto à promoção de intercâmbio  
de bilhetinhos, entre alunos de escola primária, pra celebrar o  
jubileu da Ventura! Você é um louco! E isso de pedir um texto de  
cunho, toda vez que lhe trazem documentos! Por que você vetou  
a palestra do Coelho, que é um engenheiro erudito?

Clemente respondeu apenas:

— O Coelho, aquele vaidoso, só ia falar mal da gente.

Brandão escutava rotineiramente a reprimenda do seu  
superior. Em seguida, trancava-se em sua sala. Nela, havia  
pilhas de jornais que ele amontoava todos os dias. Punha-se a  
fumar sem parar e a conversar com o manequim de plástico.

Na hora mais tensa, quando Crátilo lhe foi pedir, em nome  
do Dr. Ferro, a devolução da arma, ele retirou-a, tranquilamente,  
do bolso da calça. Abriu-a, girou o tambor e disse:

— Ó, está descarregada. Mas eu não vou te devolver hoje.  
Só amanhã, às 11 e meia.

Nervoso, com medo de algum desvario do seu superior,  
Crátilo não insistiu.

\*\*\*\*\*

Os patrupachas tinham o hábito de falsificar a assinatura do  
Diretor da Ventura nas cartas de recomendação e atestados que  
a empresa emitia. Quando compareciam para pedir as  
respectivas cartas (visando conseguir viagens do governo),

alegavam que o motivo da viagem era para participar de reuniões internacionais, mas não sabiam dizer que reuniões eram, nem o nome das capitais dos países aonde queriam ir.

## O atentado

A grande novidade na Ilha dos Patrupachas foi a notícia da prisão do chefe da quadrilha terrorista pelos esquadrões do Presidente Hipócrates. O jornal estampava a foto do bandido Ismael Gurjão, detrás das grades, vestindo uma camisa de listas horizontais.

Se no país a situação melhorava, não se podia dizer o mesmo da Ventura. Reinava um silêncio monástico quando, de súbito, Demente foi visto entrando no gabinete do Lúcio Ferro, empunhando um revólver. Ferro meteu-se debaixo da mesa. Demente, ofegante, revólver apontado contra o seu superior hierárquico, gritou, ironizando o sotaque afrancesado do chefe:

— Não tem *Pompidour* nem *Pompadour!* Vamos acabar com essa palhaçada! — E disparou dois tiros, cujas balas se cravaram nos móveis do gabinete. Em seguida, saiu desesperado pelo corredor, entrando no banheiro.

Os funcionários seguravam a respiração, tensos e lívidos. Demente, no banheiro, conversava com o manequim:

— Por que nascemos? Por que nascemos? *Exsurge Domine et judica causam tuam.* Medíocre!

Ele apertou duas vezes o gatilho, e se ouviram mais dois disparos. O manequim, cheio de ar, murchou e caiu, destroçado, no chão. Depois, o ominoso homem jogou a arma ao solo e afundou-se no sofá da sua sala, até ser recolhido, em camisa de força, à emergência do Hospital dos Candelabros. Por sua loucura, seria expulso da empresa.

Ninguém entendeu bem o porquê daquele ato desvairado. Por haver escapado do atentado, o Dr. Ferro ficou ainda mais temível do que antes. Os funcionários acreditaram que ele tinha corpo fechado e dons de feiticeiro e, o que era mais grave, um pacto com o Encardido.

A versão não oficial dos fatos foi a de que Clemente Brandão era sócio do Contador Geral, vulgo Cabeça de Vaca, o da falcatrua. Desse modo, recebera comissão das doações das famílias dos funcionários durante os 11 anos de funcionamento da famigerada Fundação Marquês do Riacho Quente, que era, na realidade, a maior fria da paróquia.

Muitos funcionários caíram naquele conto do vigário. Contribuíram para aquela espécie de cooperativa, durante cinco anos, aportando recursos para depois recebê-los com juros. Ao cabo dos seis anos seguintes, contudo, não receberam nada do prometido bônus de contrapartida. O dinheiro sumiu dos cofres da Ventura. Dizem que foi parar num paraíso fiscal. O trambiqueiro Clemente Brandão teria sido denunciado pelo Dr. Lúcio Ferro. Isso, porém, era versão extraoficial. Na opinião do Exedito, Demente era *muito pirado* pra envolver-se num plano de urdidura demasiado cartesiana.

Na despedida, o Dr. Demente, acompanhado de dois guardas altos, de costas largas e rostos crispados, foi ao escritório recolher suas coisas das gavetas. Pediu ajuda à Miriam, a patrupacha predileta do Ferro. Na sala, cheia de jornais velhos que subiam quase ao teto, ele apareceu com uma mala grande. Miriam foi enchendo a mala com o que retirava da grande gaveta: tecidos, cortes de calças e camisas, roupas, perfumes, sandálias, pentes e até um vestido de noiva. Apareceram, no meio daquilo tudo, alguns documentos confidenciais da empresa, que Miriam lhe mostrou, perguntando o que fazer. Ele, com ar de circunspeção, foi taxativo:

— Isso tem remédio!

E rasgou todos os papéis.

Para felicidade coletiva, o grotesco funcionário foi colocado à disposição da Gerência Geral e incluído na denominada *lista dos excedentes*, também chamada de *canil*, onde se recolhem as excelências que já não mordem.

Dizem que o Demente, depois de levar umas facadas, a título de *queima de arquivo*, driblou a morte e vive recluso num cubículo obscuro e imundo do Planeta.

Há, contudo, outra versão dos fatos, segundo a qual o Dr. Ferro, conivente com a falcatrua da Fundação Marquês do Riacho Quente, teria conta conjunta com Demente Loucão num paraíso fiscal. Tratar-se-ia, portanto, de um ajuste de contas entre sócios, em negócios escusos.

## Peripécias do ominoso homem

Passaram-se algumas semanas e a vida voltou ao normal. Para exorcizar os maus momentos, Ferro deu uma festa na Residência Oficial, com duplo objetivo. Primeiro, receber Carlos, seu primo, que chegava para se encarregar da contabilidade. Carlos substituiria o Expedito, que partia *por motivos pessoais*. Segundo, inaugurar a parede ao redor da piscina da Residência. Madame Ferro veio de avião visitar o marido, que convidou os amigos de copo. Os funcionários ajudaram a preparar a decoração do jardim. Antes de chegarem os convidados, o Chefe estava nervosíssimo, tinha o semblante crispado como um cachorro raivoso e a voz gutural, em falsete, esbravejando:

— Como é que essa lâmpada não acendeu ainda! Eles ficaram de chegar às oito e só vieram às dez e meia!

Em seu extremoso zelo pela estética, reclamava do patrupacha que consertara o refletor, cobrindo-o com um papel, a modo de revestimento.

— Não posso ficar nu, com a bunda fora da janela! — Esbravejava o executivo.

Depois de gritar com os empregados da Residência, dava risadas à chegada dos convidados. Apertou, satisfeito, as mãos de um exportador de frangos; um velhão careca, a quem considerava o seu melhor amigo. Falando sempre mal dos patrupachas, classificava-os de *burros, cínicos e preguiçosos*. Um dos principais alvos era a Tina.

— Não sei se o caso dela é má vontade absoluta ou burrice espessa. Ela se esquece de anotar os recados e não registra os compromissos na minha agenda.

De fato, a secretária parecia sempre indisposta, aérea. Isso, quando não dormia com a testa sobre a mesa de trabalho. Ficava, às vezes, cabisbaixa, sem olhar pra ninguém. Tinha, como os demais patrupachas, o hábito de sentar, inclinando-se tanto na cadeira que parecia mais deitada do que sentada. Tal como eles, dormia de roncar, logo depois de acomodar-se.

O Dr. Ferro, já alterado pelo efeito do vinho que tanto elogiava, começou a dissertar sobre a classificação dos

patruchas em diferentes categorias: havia os idiotas, que eram estúpidos, burros e incompetentes. E os imbecis, que eram canalhas e cafajestes rematados. Havia uma minoria absoluta de inteligentes, que eram os mais ladrões.

— Eles são religiosos de fachada. Vão à Igreja pra agradecer o fato de não terem sido flagrados no crime! — Afirmava o Diretor da Ventura, com voz pastosa.

Citou o caso do motorista Khornu, que saía com o carro, colocava a metade da gasolina que constava na nota e embolsava o resto.

Quando alguns convidados começaram a ir embora, a velhota Zulmira, bêbada, tirou os sapatos e dançou, ao som dos atabaques que animavam a noite. Descalça, com os sapatos nos dedos, trôpega, babando pelos cantos da boca, exclamava, com voz rouca:

— Eu tô muito doida! Eu tô muito doida!

Dando gargalhadas, ela chamava a esposa do Dr. Ferro e dizia:

— Vamos cair na gandaia?

O Diretor ignorava o estardalhaço e puxava assunto de futebol com o Túlio.

— Você torce pra um time cuja torcida é composta de marginais que cortam a bola, quando alguém a chuta pra fora do estádio.

Crátilo fazia de conta que estava interessado no assunto e esboçava um sorriso, pois todos, ao redor, davam risadas daquelas intenções de humor. Mesmo descontraído, depois de tomar diversas infusões alcoólicas, o Diretor dirigia a Crátilo um olhar de desconfiança ou de ressentimento. Um olhar que somente ele, o alvo daquela discriminação, parecia perceber. Crátilo observava como o Chefe do escritório se preocupava tanto com alguns detalhes e não percebia outros. O jardim estava suficientemente iluminado. O que faltava era baixar o volume do som. A música estava tão estridente que não se podia escutar o que se falava.

O mordomo Policarpo — gordo, grandalhão e de bocona desdentada — servia piramedezinhas de frituras sobre nergas de pão. Ferro costumava gritar com Policarpo, e chutar a porta de

casa, toda a vez que o mordomo não o esperava, de prontidão, para abri-la, quando ele chegava do escritório.

Crátilo e Túlio, entre os convidados, se divertiam com a pose dos patrúpachas ricos, que se gabavam de trocar de camionetas todos os anos e passar finais de semana em Nuebayol: *um lugar propício para gastar dinheiro ganho por meios escusos.*

Umaz bolinhas de fritura caíram sobre o sofá, quando Crátilo as levava à boca. Era o sofá novo, que também se inaugurava na ocasião. Quis pegar discretamente as bolotas, mas elas explodiram, manchando o tecido. Tentou limpar com o guardanapo e foi pior. Quis avisar os donos da casa sobre o ocorrido, mas eles falavam tanto que não conseguiu interrompê-los. Então, o jeito foi sentar-se sobre as manchas para escondê-las.

Madame Ferro era uma velhota esbranquiçada. De cabelo espetado nas laterais e fiapos de bigode nos cantos da boca, mostrava às visitas o retrato dela que um pintor elaborou: o rosto da mulher se achava semelhante ao de uma anciã.

— Ela acabou de pu-publicar um livro que fez para um cachorrinho. — Sussurrou Túlio.

Madame Ferro parecia ter a pretensão de entender de qualquer assunto. Falava sem parar, interrompendo e discordando de todo mundo. Dizia que os filhos dela são superdotados. Todos com pós-doutorado, só passavam em primeiro lugar e recebiam múltiplas ofertas de emprego. Túlio murmurou, discretamente:

— Ela é tão cha-chata que todo mundo go-gosta que viva longe daqui e que o Ferro faça suas estripulias.

Túlio emborcou um copo e disse:

— Agora vou saber se ela é bru-bruxa. Se ela entrar e sair várias ve-vezes pela porta, então ela é!

Ferro, por sua vez, vangloriava-se da coleção de sua adega:

— Aqui tem bebida de todos os continentes. Todos os dias eu bebo três copos de cada uma. É pena que o excesso faça mal ao fígado.

Madame Ferro o interrompeu:

— O fígado não se afeta com coisa nenhuma.

E começou a desfazer do marido, deixando os convidados constrangidos.

— Você só é Diretor porque herdou a função do meu tio. Aliás, você só é gente por minha causa.

Ferro ficou pálido, torceu a boca várias vezes e mudou de assunto. Levantou a taça de champanhe e exclamou:

— Vamos fazer um brinde à inauguração da parede.

Madame Ferro se retirou para a cozinha, sem mais.

Nas festas da Patrúpacholândia, a praxe era convidar a corte de algum rei tribal. O séquito entrava, em fila, vestido exoticamente e ao som de tambores e atabaques, com mulheres fazendo contorsões. O soberano trajava um saiote, com o ombro direito nu, e uma coroa de flores banhadas a ouro na cabeça. Sentava-se num trono portátil e observava a algazarra ao redor. Alguns jovens alojavam-se no chão, com pequenos cetros. Todos da festa eram obrigados a cumprimentar o reizete. Dr. Ferro tirava fotos com a figura folclórica, forçando um sorriso.

Subitamente, quando o cortejo ainda se estava acomodando, um velhote alemão desmaiou e caiu ao chão. Em meio ao barulho medonho de tambores, o pobre homem respirava com dificuldade, suando frio. Os nobres da realeza ocuparam as poucas cadeiras que havia no jardim. O desmaiado despertou, estonteado, depois de três tapas que lhe aplicaram. Para ser socorrido, teve de ceder a cadeira em que estava sentado. Arrastaram o velho para o outro lado do jardim. Uma moça, dizendo-se fisioterapeuta, massageou-lhe o peito. Um patrúpacha veio e abriu-lhe a camisa. O alemão suava a cântaros. Quando falaram em levá-lo ao hospital, o camarada saltou da cadeira dizendo: *Já estou melhor! Já estou melhor!* — O Dr. Ferro, no entanto, não parava de gritar com os motoristas, pedindo que se aproximassem rapidamente com os carros. Afinal, levaram o homem num automóvel, e a festa continuou.

A mulher do Carlos, uma patrúpacha da boca dentuça e voz estridente, já meio bêbada, falava de sua rejeição pelas discotecas. Dizia que eram lugares onde se dançava *assim* (fazia um gesto com a mão, em direção à braguilha do Carlos). Estava já todo mundo meio ébrio, inclusive a esposa do Dr. Ferro. Agora ela contava sobre o dia em que foram a uma boate em que havia

uma cama logo na entrada. Em suma, assuntos chinfrins que soavam por demais aborrecidos.

No meio da festa, faltou energia elétrica. Os convidados, já de barriga cheia, foram saindo todos ao mesmo tempo. Foi a hora do arquiteto Elias, funcionário da Palmeira, levar a maior bronca da Madame Ferro. Ela não gostou da decoração da parede. Disse que a cor das pedras era de péssimo gosto:

— Isso tá um cocô! Eu não quero essa *merda*!

O pobre Elias e a esposa, pessoas educadíssimas, ficaram pálidos e saíram desnorteados. Crátilo, por azar, ainda pisou no pé da Madame Ferro, no meio da penumbra, causada pelo apagão. Ela deu um grito e o olhou com fúria. Ele pediu desculpas, retirando-se.

\*\*\*\*\*

As festas eram um aborrecimento a mais para Crátilo. E tudo lhe parecia cansativo e tedioso. Chateava-se, sobremaneira, quando tinha de esperar até meia hora para que o barbudo Carlos, vulgo Primíssimo, saísse da sala do Dr. Ferro. Somente então, Crátilo podia entrar para despachar assuntos urgentes. Com o primo, novo responsável pela contabilidade, o homem era todo sorrisos e longas conversas a portas fechadas. Ao primo, contava anedotas anacrônicas e dialogava sobre futebol e comércio, dentre outros temas, considerados por Crátilo desinteressantes.

Ferro divertia-se, igualmente, com a Miriam, com quem conversava, intensamente, também a portas fechadas.

Com esses dois funcionários e a velha Zulmira, Ferro demonstrava extrema boa vontade. Chamava a velhota de *tia* e às vezes dizia, em tom bonachão: *ela é grossa como uma sucuri*.

Uma prova da descortesia do Ferro para com o escriturário foi a atitude que tomou, certo dia. Quando Crátilo entrou para despachar, Carlos já estava na sala do Chefe. O contador mostrava o balancete da empresa, em que havia disparidades. O Diretor volta-se para Crátilo, ostentando cara enfezada, e dispara:

— Por que você está me interrompendo? Não é pra me interromper!

Crátilo tenta explicar, e Ferro fala: — *Caguei*. — E continua dialogando com Carlos. Depois de meia hora, parece que as contas se ajustaram, mas ele prosseguiu indócil:

— Esse assunto deveria ser tratado por este escriturário.

Crátilo tentou dialogar:

— Ainda bem que o senhor está cuidando disso.

Ferro, então, resmungou:

— É, seu *fedaputa*.

Xingou-lhe, sem ênfase, e de forma quase sutil. Sutileza de arrogante casca-grossa.

Crátilo há algum tempo já vinha usando o talismã recomendado pela Tina: uma pedrinha verde, pendente de um cordão, ao redor do pescoço. No entanto, o amuleto foi de bem pouca utilidade, como os fatos demonstraram.

Desde o primeiro dia, havia percebido a estratégia de Ferro para intimidá-lo. A primeira advertência, tão desnecessária, dita logo na chegada do Diretor, pressagiava tudo: *Se você for vagabundo, vai se dar mal comigo, eu vou pegar no teu pé*.

Ferro chegava sempre tarde ao escritório, mas exigia que todos os funcionários chegassem cedo. Para Crátilo, não era fácil percorrer a distância de casa ao local de trabalho. Com o trânsito engarrafado e caótico, tardava cerca de uma hora no trajeto. Chegava cansado à sua casa depois do expediente. Acordava sempre com um peso na cabeça e muita sonolência, como se não tivesse dormido à noite. Padecia de insônia e acordava atormentado por pesadelos.

O horário do escritório era puxado e sua vida continuava uma tensão constante. Todo contato com os patrúpachas era difícil. Eles sempre tentavam tripudiar e levar vantagem em qualquer situação. As falsificações de documentos o irritavam sobremaneira.

Crátilo tinha de transmitir as notícias dos jornais aos outros escritórios da Ventura, em diferentes países. Além disso, era o responsável pela emissão de cartas de recomendação aos patrúpachas para que eles viajassem a outros países ou para que prestassem serviços de engenharia e agronomia ao governo

da Ilha. O próprio Ferro admitia que era uma insensatez emitir carta pra esse tipo de gente.

Em face desses inconvenientes, Crátilo dormia mal, sobressaltado e angustiado. Lamentava não ter aonde ir; não poder desfrutar na Ilha de um momento de lazer. A não ser, o da leitura de livros, de sua própria biblioteca, nos finais de semana. Não havia uma praça, um parque, um teatro, um museu; sequer, um cinema. Uma angústia comprimia-lhe o peito, como uma náusea que nascia do estômago e subia até a garganta. Era aborrecido ficar no trabalho todos os dias até depois das sete da noite.

\*\*\*\*\*

Depois daqueles tiros do alucinado Dr. Demente, um dos episódios mais dramáticos na Ventura foi a descoberta das falcatruas do Tito, o único patrupacha simpático, que sempre oferecia seus préstimos a todos os funcionários da empresa. Morenã, alto e risonho, ele havia sido contratado no mês anterior, e era o homem de confiança do Dr. Ferro. Era prestativo. Ia à casa de câmbio trocar dinheiro para os colegas de trabalho. Apenas não o fazia para os patrupachas do escritório, já que pertencia a uma tribo rival. O telefonema de um cidadão, de nome Armando Kofió, acusou-o de estar produzindo notas frias. Ele negou tudo. Disse que era tudo uma montagem. Ferro foi inflexível:

— Montagem sim, mas preparada por você.

Tito negou até o fim.

Ferro perguntou-lhe então:

— Como é que você, com esse salário de fome, pode ter um bar na praia do Jacaré?

— É um bar que o meu sócio deixou pra mim.

— Ele não conhece o instituto da compra e venda?

— Ele deixou pra mim. Tinha de ir embora e me deixou o bar. É um local de encontros. O homem leva a mulher que quer. Não sou eu que arranjo. Eu sou macho, não arranjo mulher pra outro homem.

— Não tem desculpa. Você está demitido. Assine a sua demissão.

— Mas eu não quero ir embora.

— Mesmo que se recuse a assinar, está demitido.

Tito olhou pra Crátilo, como se procurasse um defensor. Crátilo limitou-se a aconselhá-lo a tomar cuidado, pois tinha um inimigo lá fora.

— Eu tenho inimigo é aqui.

Dr. Ferro, qualificando os patruchas de debochados, cínicos e ladrões, vangloriava-se de haver *desidratado* o Tito: um funcionário que produzia notas frias e vendia as declarações da Ventura aos clientes que necessitavam daquele precioso documento. Também havia *desidratado* o motorista Khornu, não lhe permitindo mais colocar gasolina no automóvel. O Carlos e a Zulmira tinham de ir aos postos, acompanhando o motorista, para evitar que ele roubasse na hora de pagar o combustível do carro, forjando faturas falsas.

No episódio do Tito, Ferro quis responsabilizar o Túlio por não haver fiscalizado as notas comerciais.

— Ele não revisava os documentos. — Acusou o Chefe da empresa. — Deixou tudo correr frouxo. Além disso, é um rapaz que não liga pra família e passa as noites jogando nos cassinos.

Túlio, o vivaz arquivista, estava só. Tinha sido abandonado pela mulher, uma patruchacha que emigrou para Nuebayol, perturbada com a poligamia inveterada do marido. Túlio gostava de jogar no hotel Papoula Brilhante. Além de negligente, era sortudo — pensou Crátilo —, pois disse que ganhara 2.400 patruchachis na roleta, numa só noite!

— Puxa, o Chefe quer me-me fazer de bo-bode expiatório, mas eu só-só sou o arquivista da empresa: um a-amanuense renegado que, de boa fffé, atende, de vez em quan-quando, a essa clientela de pi-pilantras. — Murmurou Túlio, em tom contrito e ressentido, na presença apenas de Crátilo.

Dias depois da demissão do Tito, chegou uma carta anônima, em que o remetente reclamava só haver recebido 300 patruchachis como recompensa pela denúncia. A carta dizia que a empresa lhe havia prometido 600. Dr. Ferro disse a Carlos:

— Essa provocação não merece resposta. — E entregou-lhe o papel, que não chegou a ser arquivado.

No escritório, o calor infernal sufocava os funcionários. Um rato morto no ar-condicionado do corredor, onde Crátilo trabalhava, danificou o aparelho. Uma fedentina mórbida impregnava o ar. O Dr. Ferro havia cancelado a reunião marcada com os funcionários porque havia faltado água quente na Residência.

Crátilo não tinha sequer água fria nem energia elétrica em sua casa. O calor e as muriçocas não lhe permitiram dormir na noite anterior, já que o gerador havia apresentado defeito outra vez. Uma sonolência angustiante o entorpecia. Menos mal, já que ainda não havia contraído malária. Por sinal, havia circulado a informação de que uma jovem funcionária da Ventura, no escritório do Istmo de Safira, morrera vítima do impaludismo. A notícia causou consternação, mas logo passou. Como tudo passa, sobretudo, numa empresa em que as pessoas costumam ser indiferentes ao bem-estar ou à tragédia dos outros.

Pelo corredor onde Crátilo trabalhava, passavam todos os visitantes. A falta de privacidade e o barulho ao redor dificultavam a concentração. Alguns clientes reclamavam de mau atendimento por parte do Túlio.

A visão do corredor lembrava a Crátilo que ele sentia falta de um espaço para caminhar, de um ambiente para ir: um cinema, um parque, um jardim, um museu, uma loja de discos — algum lugar para aliviar as tensões do trabalho. Na sua percepção, seria preciso recuar 400 anos no tempo para entender a mentalidade da sociedade local. Achava que eles ainda estavam na Idade Média. A Modernidade não tinha chegado àquela caverna.

De repente, ouviram-se gritos em falsete. Era o Dr. Ferro, esbravejando com a secretária Tina. O homem gritou durante cerca de cinco minutos. Estava tão furioso que ficou vermelho como um carro de bombeiros. Crátilo temeu que o sujeito fosse ter um troço, mas o Diretor tinha as coronárias fortes. O problema foi causado pela secretária. Ela escreveu errado o nome de um dos convidados da festa que o chefe ofereceria no fim de semana. E ele ficou histérico, botando os bofes pela boca.

Depois daquele escândalo, chamou Miriam à sua sala para conversar. Já estava calmo e sorridente, como se nada tivesse acontecido.

Para despachar os assuntos com Lúcio Ferro, era preciso ligar antes para a Miriam. Ela lhe perguntava se ele estava disponível para receber os assessores. Crátilo esperava sempre o final da tarde para levar os expedientes e ouvir as reclamações do chefe.

\*\*\*\*\*

Ao chegar à sua casa, Crátilo encontrou-a sem abastecimento de eletricidade. Morava numa das poucas ruas da cidade em que havia lâmpadas nos postes de iluminação. Naquela noite, no entanto, somente em sua casa não havia energia elétrica. Ligou para o Mafungo, o corpulento dono do imóvel, que lhe prometera ajuda sempre que precisasse. Mafungo disse:

— Sinto muito, mas só amanhã pela manhã.

Crátilo decidiu que não dormiria sem energia elétrica, por causa do calor insuportável e dos mosquitos. Foi ao hotel Regente Patrúpacha, onde esteve hospedado ao chegar ao País. Pediram 270 patrúpachis para que ele pusesse a cabeça no travesseiro. Pechinchou, mas negaram-se a reduzir o preço. Não ficou. Foi à procura de outros hotéis. Visitou outros quatro. O primeiro era uma espelunca mais cara do que o Regente. Foi ao segundo, não tinha vagas. Ao terceiro e ao quarto, idem. Sua única vingança era ironizar os recepcionistas:

— Esta é uma cidade turística, tem muitos visitantes, está concorrendo com Miami e San Francisco... Seria talvez pelas praias limpas, higiênicas...

Com a cara patética de sempre, eles não entendiam ou fingiam não entender a ironia. No sexto hotel, havia um quarto disponível. Pagou e pediu recibo. Comprou uma garrafa de água, mas não conseguia retirar a tampa de plástico, que parecia colada ao gargalo. Finalmente a abriu e bebeu a água, saciando a escaldante sede que o fazia transpirar. O patrúpacha trouxe-lhe o controle remoto para o ar-condicionado.

No dia seguinte, Crátilo voltou pra casa e foi tomar banho. Não havia água. Chegaram, então, cinco patruchas, falando aquela geringonça de idioma, todos ao mesmo tempo. Descobriu que foram eles mesmos os responsáveis pelo problema, pois, ao tentarem consertar o gerador, causaram dano às instalações elétricas.

Ficaram toda a manhã, e depois até as três da tarde, ao redor do gerador, tirando e colocando peças. O empregado Baa segurava uma sombrinha sobre a cabeça do mais velho que, agachado e suando, manipulava o equipamento. Ao fim, deixaram a casa com eletricidade, mas o gerador ainda não ficou definitivamente consertado. Então Crátilo chamou uma empresa especializada, gerenciada por estrangeiros, pra consertar a máquina. Pagou 800 patruchas pelos serviços e deixou-se sob o ar-condicionado, artefato imprescindível naquele calor estonteante. É um desassossego, um inferno, pensou. Depois, mais tranquilo, esperou o quarto esfriar. O gerador, no entanto, voltava a apresentar problemas, mesmo depois que a firma estrangeira o consertou.

\*\*\*\*\*

Crátilo ainda fez nova tentativa de resolver a questão da energia, indo falar pessoalmente com o Subdiretor da Companhia de Eletricidade. Após uma hora de espera, disseram que o Subdiretor não podia atender. A solução era ligar para o Abelardo Bongo, do Protocolo do Governo, um velhote de 86 anos, que foi servidor fiel do ex-ditador.

Ninguém sabia explicar por que os sujeitos não cobravam também aos outros um preço tão alto pela energia. Para Crátilo, era inútil tentar encontrar racionalidade na atitude dos bandidos:

— A maldade não tem justificativa. Nesta Ilha, as forças do mal estão profundamente enraizadas. Nunca fui tão vilipendiado.

Túlio disse a Crátilo que escrevera ao Protocolo do Governo, na tentativa de resolver o problema da cobrança extorsiva da energia elétrica.

— À noite, quando estou lendo, e cai a energia, meto a cabeça na janela e grito: canaaalhaaas!

— Nós, que temos um po-pouco de sensibilidade, estamos ficando neu-neuróticos aqui. — Observou Túlio.

Crátilo redigiu carta de reclamação ao Protocolo, mesmo sabendo que não obteria resposta. A raiva deve ter contribuído para que sentisse dores no joelho. Estava quase sem condições de andar. Não podia ficar em pé por mais de dois minutos, nem subir escada; tampouco, andar depressa. Em tais circunstâncias, não podia mais sair de casa a pé, pois, na insânia do trânsito, era preciso correr para atravessar as ruas.

Quando ligou para o caquético Abelardo Bongo, o patrupacha do Protocolo fingiu perplexidade. Disse que o seu setor não tinha nada a ver com o assunto do preço da energia que a Companhia de Eletricidade cobrava aos estrangeiros. Crátilo reclamou que alguém tinha de frear aquele descabro. O velho retrucou que o assunto fora encaminhado ao setor jurídico do governo. Disse que ia receber uma delegação de ultramar e desligou o telefone.

\*\*\*\*\*

No escritório, sem paredes e com biombos de madeira como divisórias, uma goteira vazava do ar-condicionado, no meio do corredor. Carlos mandou colocar uma bacia de plástico no chão. Na sala ao lado, Tina e Zulmira conversavam. Ambas falavam alto e se escutava tudo nos quatro cantos do recinto. Carlos pediu um serviço a uma das funcionárias falastronas e o barulho acabou, temporariamente.

Dr. Ferro aparece, de inopino, no corredor. A Zulmira corre pra falar do time de futebol dele, assunto que lhe despertava o bom humor. Era uma forma de puxa-saquismo. Crátilo perguntava a si mesmo se teria de puxar o saco também para não chegar a ser tratado como a Tina e o motorista Khornu.

Carlos volta ao corredor e pergunta a Crátilo se há alguma novidade sobre o pagamento da dívida do governo patrupacha com a empresa Ventura. Crátilo, angustiado porque lhe haviam batido a carteira em pleno *shopping* Patrupacha's Mall, o galpão de lojas da cidade, responde:

— As notícias são as de sempre: facínoras que batem carteira, ministros acusados de falcatruas, terrorismo, generais narcotraficantes, etc.

Carlos fez careta, com ar de quem não gostou do comentário, que considerou um exagero:

— A Ilha dos Patrupas é a terra da oportunidade, um lugar ótimo pra se fazer *merchandising*.

— Terra do oportunismo... — Obtempera Crátilo. — A falta de dignidade dos habitantes revolta a própria natureza, que lança as fúrias erínias contra os patrupachas. Nunca fiz contato com algum *patrupa* sem que não saísse perdendo alguma coisa. Qualquer diálogo com eles enseja um prejuízo.

\*\*\*\*\*

Crátilo contou o seu drama à Dr.<sup>a</sup> Francilda Santos, a magrinha, assessora do governo. Ela teve a generosidade de oferecer-se para ir com ele à presença do Diretor da Companhia de Eletricidade. Apresentou Crátilo ao Diretor, um sujeito de aspecto arrogante:

— Este é o Dr. Crátilo Portela, escriturário da empresa Ventura. — E foi falando do caso, sempre num tom conciliador, mas colocando-se do lado do escriturário.

O Diretor, mulato engomado, estendeu-lhe a mão e olhou fixamente em seus olhos por alguns segundos, como se quisesse hipnotizá-lo. Quando sentaram, fez-se de desentendido e negou ter recebido as várias cartas de Crátilo. Com um ar de circunspeção e surpresa, voltou-se para o seu assessor, um gordo que se sentava ao lado. Perguntou-lhe se sabia algo do assunto. O balofo, com cara de espertalhão, afirmou que se tratava do caso de uma multa de 20 mil dólares. Crátilo argumentou que era um abuso o pagamento de 800 dólares mensais pelo fornecimento de energia elétrica. Pagava a energia mais cara do Planeta. Quanto à suposta multa, era uma extorsão e uma imbecilidade. Não havia outra palavra para definir a situação.

O Diretor e o gordo trocavam olhares cúmplices, mancomunados, para perpetrar a extorsão.

— Vou esquecer a afronta da multa, pois já não tenho condições de saúde para pensar nisso. — Apelou Crátilo. Quando falou nesses termos, os espertalhões se entreolharam e o Diretor disse que iria submeter o caso ao Departamento Jurídico. Era o mesmo golpe usado pelo velho do Protocolo.

— É um absurdo descomunal essa cobrança! — Insistiu o funcionário da Ventura. Reiterou que iria esquecer o assunto. Admirava-se de como eram capazes de aplicar um golpe tão baixo a um funcionário de uma empresa do porte da Ventura. Era uma vergonha aquela ameaça feita através de carta assinada por supostos advogados. E reiterou que não toleraria aquela desfeita.

— É um abuso, uma tentativa de humilhação. Eu já nem ligo o ar-condicionado, nem acendo luzes. Caminho pela casa pelo método Braille. Essa situação me levou à decisão de partir definitivamente daqui.

Ao menos, teve a satisfação de dizer àqueles mafiosos que pretendia partir definitivamente, o mais rápido possível, daquele lugar de gente tão *delicada*. Saiu do recinto com asco, mas sentiu o prazer de mostrar que a tentativa de extorsão não o intimidava. Agradeceu à Francilda o apoio recebido: no meio de tantos demônios, aparecera um anjo do bem.

Crátilo continuava com dor no joelho direito inchado. Andava com dificuldade. Na opinião de Túlio, o olhar do Diretor da Companhia de Eletricidade havia provocado o problema. Na Ilha, havia gente com olhar malévolos, que provocava danos nos outros.

\*\*\*\*\*

Crátilo imaginou que poderia haver tratamento de acupuntura para o seu joelho. Mas era difícil encontrar alguém com esses conhecimentos na Ilha. Túlio recomendou-lhe os serviços de um chinês que atendia no hotel Delícia Viva, ao lado da sala de massagens das garotas. Ele poderia usar os dois serviços, se quisesse. Crátilo foi ao local, mas o chinês havia desativado o setor de agulhas. Agora, gerenciava apenas a área de massagens eróticas.

Por conta dos prazeres velados com as *putas* patrupachas, Túlio foi abandonado pela mulher. Era uma jovem patrupacha que tinha o hábito de lançar garrafas ao mar. Parece que desistiu do esporte. Um dia, telefonou a todas as amigas do marido: umas 20 ou mais, esculhambando-as. Chamou-as de *putas inveteradas*.

— Eu sei que as mulheres desta ilha são todas umas vagabundas depravadas. Deixem o meu marido em paz, suas jumentas, suas cachorras históricas, ninfomaníacas! Ladronas de macho! — Proferiu esses impropérios e partiu no dia seguinte, pra nunca mais.

Também a Josélia, mulher do Acrísio, o dentuço e grandalhão Subdiretor de *Marketing* da Palmeira, deixou-o. No entanto, por diferente motivo. Arranjou, com a ajuda do Carlos, um emprego alhures e partiu, deixando o marido e os filhos na Ilha.

Desde a chegada do Carlos que Josélia se recauchutava. Tinha feito três ou quatro plásticas. Aumentou o tamanho dos peitos e tirou a barriga. Dizia às amigas que, se o marido não se cuidasse, ela o substituiria por outro, pois havia uma fila de candidatos.

Acrísio se desequilibrou depois da partida da mulher. Passou a embriagar-se cotidianamente, a cantar boleros nos bares e fazer arruaça. Tocava a campainha do apartamento do Túlio, de madrugada, sempre acompanhado de alguma prostituta e pedindo uísque. Dissipou, com depravação e vícios, o que havia ganho em pouco tempo. Os imóveis e os carros. Zulmira disse que a Josélia se vinha insinuando pra tudo quanto é homem:

— Aquela metida aproveitava toda oportunidade para dizer que é bonita.

A velha secretária recordou certa ocasião, dos tempos da gerência anterior. Num jantar formal, quando o Adolfo Dias se referiu a uma mulher bonita, a Josélia o interrompeu e perguntou:

— Assim, como eu? — Adolfo Dias deu uma gargalhada e falou:

— Não posso dizer nada, porque o seu marido está presente.

\*\*\*\*\*

A exemplo de Túlio, Carlos aprendeu a levar tudo na pilhéria. Com sua risadinha debochada, achava que a Patrúpacholândia não era lugar pra se viver casado. Numa ilha onde as mulheres nunca dizem não, a monogamia parecia uma insensatez. Ele sabia que estava num lugar ótimo pra quem queria *se dar bem*. Tanto no sentido sexual quanto no econômico, tudo era favorável. Além do mais, havia restaurantes esplêndidos. Afinal, que mal pode haver no sujeito procurar a prosperidade? O Túlio, por exemplo, estava ampliando o patrimônio. Chegou com uma mão na frente e outra atrás; em poucos meses, adquiriu dois imóveis e comprou dois carros.

— O Egídio Cruz veio como empresário da Fortuna Corporation e se tornou gerente do Banco do Desenvolvimento Patrúpacha — Revelou Carlos.

Egídio era um afortunado. Dava festas ao redor da piscina do prédio onde morava. Mandava soltar fogos, ligava o aparelho de som no volume máximo, erguia o copo e requebrava, ao som dos ritmos estridentes da música selvagem local.

\*\*\*\*\*

Para tratar do joelho, Crátilo procurou o Dr. Iracildo, médico recém-chegado, da empresa Palmeira. Logo soube, contudo, que o doutor estava internado. Tinha sido assaltado em frente ao hospital. Andando com dificuldade, por causa do joelho inchado, foi visitá-lo naquele pardieiro, localizado num lugar escabroso, cercado por três favelas. Dr. Iracildo tinha os olhos roxos e um grande hematoma no lado esquerdo no peito. A mão esquerda inchada. O ouvido direito roxo. Tomava soro pela mão esquerda. Contou que foi pegar o ônibus e dois ladrões o derrubaram. O mais forte deles apertou-lhe o pescoço com o braço e disse:

— Se se mexer, eu quebro!

Viram que só tinha 46 patrúpachis. Quiseram arrancar-lhe o anel de médico, por causa dos brilhantes e do rubi. Bateram-lhe na mão, e como o anel não saía, o encheram de porrada. Deram-

lhe muitos chutes na cabeça. Quanto mais ele pedia que não lhe atingissem a cabeça, mais lhe chutavam o crânio. Um dos bandidos lamentava não ter uma faca pra lhe cortar o dedo, enquanto lhe mordia a mão para extrair o anel. Durante o espancamento, Iracildo dizia-lhes:

— Sou médico, posso atendê-los um dia, numa emergência!

Foi espancado durante 15 a 20 minutos. Só o largaram porque achavam que estava morrendo. Não havia na rua quem o socorresse. Toda a gente que passava o via sangrando e fugia. Depois de ferido, saiu tonto. Arrastando-se, pegou um ônibus e depois um táxi, até a sua casa. Procedeu à automedicação, com uma injeção anti-inflamatória. Só no dia seguinte é que ingressou no mesmo hospital onde trabalha. Crátilo ficou impressionado com o ocorrido. Teve pena do Dr. Iracildo, que tinha fama de oferecer os seus serviços médicos, dizendo aos amigos:

— Se sentir alguma dor nas articulações, passe lá no hospital que lhe dou uma injeçãozinha.

\*\*\*\*\*

Crátilo voltou ao escritório e soube que outro rato havia morrido dentro do ar-condicionado, deixando no ambiente uma fedentina terrível. Reclamou ao Bangu. O contínuo disse que o rato vinha da rua, entrava pelo buraco do aparelho refrigerador e circulava por toda parte, até pelo teto.

— Vida de cachorro. — Atestou Crátilo. — Viver e trabalhar entre ratos e mosquitos venenosos, sem diversão nem cultura; nem sequer um cinema, nesta capital da beleza universal.

A porcaria que faziam no banheiro, com as toalhas de rosto encardidas e a tampa da privada toda mijada! A Zulmira, que não merecia o adjetivo *higiênica*, acusava o Bangu de limpar o sapato com um pano de prato. Para Crátilo, a toalha de rosto do banheiro, que tinha coloração entre cinza e marrom, também servia ao propósito de polir os calçados dos patrupachas. Tanta coisa aborrecida fazia-o sonhar com o dia em que se libertaria daquele carma.

— O jeito é ir pedindo aos dias que passem. — Riscava mais um dia na folha do calendário e contava, ansioso, quanto tempo ainda faltava para ir embora.

Havia banana, mamão e abacaxi nos mercados. Porém, em meio à algazarra e gritaria dos caboclos patrupachas, faltava dignidade à população da Ilha. Aliás, aquelas ruas escuras e esburacadas constituíam prova da preguiça, inoperância e patifaria das pessoas. Para ele, se num país faltava energia elétrica, era porque a população não prestava. Quanto maior o subdesenvolvimento, maior a corrupção.

No escritório, continuava a enxurrada de falsificações de documentos. Os patrupachas traziam extratos bancários falsos e simulavam a assinatura do Lúcio Ferro nas declarações. Apesar disso, Ferro dizia que os negócios entre a empresa e a Ilha dos Patrupachas continuavam *de vento em popa*.

A plantação de arroz e a reforma do Museu Patrupacha eram os principais investimentos. Ferro pediu a contribuição financeira da família Tubal, proprietária do Museu, para a reforma do local. O líder da família, que tinha título de monarca, foi ao escritório com alguns parentes, levando um pacote de dinheiro e o entregou ao Carlos, na presença de Crátilo. Como se desconfiassem de algo, fotografaram o Carlos recebendo o dinheiro. Ferro não foi trabalhar naquele dia, mas depois guardou a *bolada* no cofre. Desde então, o clã Tubal aparecia semanalmente no escritório. Perguntavam, a cada vinda, quando iriam começar os trabalhos de reforma do piso e do teto do Museu, comidos pelo cupim. E o Diretor da Ventura postergava sempre o início da obra. Recusava sistematicamente todos os orçamentos por ele próprio pedidos.

Um dia, apareceu na companhia um *fax*, no papel timbrado da Ventura, com a assinatura do Ferro, com uma transferência de 40 mil dólares para um banco nas Bahamas. Ele negou haver assinado tal *fax*, mas achou a assinatura idêntica à sua. Não quis investigar o caso, nem falou mais no assunto. Além disso, o documento sumiu do arquivo... Crátilo considerava o Dr. Lúcio Ferro um pilantra arrogante. Estava farto de sua hostilidade. Se pudesse iria embora, largaria o emprego; mas ouvia a voz da

razão e aguentava as chatices ignaras do chefe e o baixo nível geral de todos na Ilha.

\*\*\*\*\*

Ferro botou os olhões de déspota, ao mandar Crátilo visitar um território tribal, onde se poderia plantar arroz. Foram três horas de viagem, com o joelho doendo a cada oscilação do carro na estrada de poeira e buracos. Ao chegar, viu um descampado onde as tribos gritavam e dançavam ao som de tambores, numa procissão turbulenta. Dançavam em círculo, numa algazarra medonha. Com roupas coloridas, davam saltos e gritos. Crátilo tinha a roupa colada à pele. O calor infernal fazia o suor escorrer em seu rosto. Ficou sentado numa cadeira dura das 11 da manhã às 4 da tarde, diante daquele carnaval escaldante.

Os patrupachas faziam dezenas de discursos num dialeto monossilábico e onomatopaico. Colocavam bacias e panelas sobre cadeiras, a fim de que os pseudossoberanos ofertassem seus óbolos para a construção de uma clínica.

Queria livrar-se daquela maçada. Havia tomado café às seis e meia da manhã, pra viajar, durante três horas, numa estrada esburacada e empoeirada. O velho anfitrião o havia convidado para tomar o café da manhã e só serviu água. No meio da barafunda de tambores e danças, planejou escapar. Chamaria o motorista e sairia despercebido. Mas o velho anfitrião, um caboclo de escuras faces cadavéricas, era um cachorro vigilante, que lhe controlava os gestos. Crátilo adotou a estratégia de alegar cansaço e mostrar o joelho com artrite. Perguntou quando terminariam as cerimônias. O velho respondeu:

— O sinhô é convidado de honra.

Aquela confusão de batucada, dança e cantos desvairados causava-lhe um desconforto tremendo. Parecia uma tortura. Às duas da tarde, começou a sentir uma fraqueza de torpor e fome. Ainda bem que se tinha alimentado antes de sair de casa. Como o seu anfitrião não cumpriu a promessa de nutri-lo, pensou:

— O velho é maroto.

Nisso, o idoso cidadão começou a comer uma banana. Crátilo pensou em comprar alguma. Passou uma moça com uma bandeja repleta, na cabeça. As cascas sujíssimas, como se carbonizadas, mas o conteúdo era excelente. A Patrúpacholândia era a terra da algazarra e da banana. E também da desonestidade.

Tentou ouvir o que os primitivos falavam:

— *Na kua kua ke nhabe benhamhametuô, tchu cócó, é unanamianaasala cidi alapá é pé. Prebubutó utifafanhenheetunonomekoki tadecanóció. Berraíme.*

Depois de cada discurso, que era sempre a mesma ladainha histórica, alguns se jogavam ao chão, rolavam e rastejavam. As mulheres, com os bundões enormes, sacudiam os cotovelos pros lados e giravam. Davam a impressão de que iriam agachar-se, mas daí aceleravam velozmente o movimento dos quadris, como se as bundas fossem máquinas turbinadas.

Crátilo começava a imaginar como seria bom se caísse uma chuva torrencial. Não suportando mais o calor, retirou o paletó e a gravata. Em vão. O mormaço penetrou-lhe a alma, num torpor de derreter-lhe todos os átomos: dos pés à cabeça. Eram três da tarde e continuava o *cuócuó nhomó tutonocadecó*, entre aplausos da multidão. O velho nem se mexia. E a cantoria prosseguia, com palmas, danças e discursos. Entrou um time de futebol que cantava e gritava pra receber uma taça. *Que castigo!* — Pensou o enfadado escriturário, perguntando a si mesmo por que aquela gente supunha que lhe seria de interesse assistir àquele escaldante ritual.

Ao regressar a casa, sentia o corpo moído e o espírito massacrado.

\*\*\*\*\*

No dia a dia, Crátilo abominava a pessoa arrogante do Dr. Ferro. Um sujeito mal-humorado e raivoso, que gritava com os patrúpachas como um doido de rua. Não entendia o motivo da atitude hostil do Chefe em relação à sua pessoa. Ao menos, com ele não procedia da forma estúpida como fazia com os empregados da Residência e com o motorista. O próprio Ferro se

gabava de chutar a porta de casa, quando o empregado não estava de prontidão para abri-la.

Berrando como um energúmeno, Dr. Ferro despediu a Tina. Tudo porque ela queria férias depois das férias dele; não, durante. Ela desejava, desse modo, ter dois meses de alívio: o da ausência dele e o das férias dela. O Diretor não admitiu, no entanto, e gritou tanto, que a secretária pediu demissão.

Ela saiu chorando e ele, vermelho e exaltado, recolheu-se ao gabinete. Escreveu mensagem à Gerência Geral, dizendo que a Tina assinara carta de demissão, por motivos pessoais. Na realidade, ela não assinou carta nenhuma. Estaria ele se vingando da secretária que teve no escritório da Ventura, no País dos Nibelungos? Essa funcionária, depois de demitida, mandou-lhe carta por intermédio de um advogado, acusando-o de assédio sexual.

Se alguns eram perseguidos, outros eram protegidos. A velhota Zulmira, por exemplo, adulara do Dr. Ferro e sempre arrogante, posava de autoridade. Sem qualquer motivo, falava para os funcionários, em voz alta:

— Me respeite pra ser respeitado. Eu não atendo recado de ninguém. — Ela se sentia prestigiada, porque o Dr. Ferro a chamava de tia. Embora fosse semianalfabeta, dava palpites em tudo. O chefe se divertia com aquela boba da corte.

\*\*\*\*\*

Crátilo descobriu que, em sua casa, a empregada Maconda havia roubado 22 copos de cristal de sua coleção, cobertores de lã e casacos de extraordinário valor. Mandou-a embora. Ela saiu reclamando três meses de indenização. Dias depois, Crátilo recebeu carta de suposto advogado, cobrando três salários por despedi-la sem justa causa. O parágrafo final tinha tom ameaçador. Se em três dias não pagasse, responderia perante a lei. Certificou-se, então, de que não havia lei nenhuma que o obrigasse a pagar indenização à ladrona. Encheu-se de indignação e respondeu à carta, contando a causa da demissão. Em seguida, mandou outra carta ao delegado de polícia do bairro. Semanas depois, recebeu outra mensagem do advogado,

reiterando a cobrança e as ameaças, e afirmando que não havia encontrado nenhuma queixa na polícia, ao contrário do que Crátilo escrevera. Desta feita, o escriturário perturbou-se menos e simplesmente guardou as cartas numa gaveta.

Diante de tais chateações, Crátilo meditava sobre quanto já sofrera naquela terra de demônios. Depois de experiências difíceis, como haver suportado os desmandos do Dr. Demente e o mau humor constante do Dr. Ferro, sentia-se farto do trabalho na empresa. Parecia-lhe absurdo alguém tratar um subordinado com grosseria, sem motivo.

Ferro era um tipo pretensioso e mesquinho, que protegia uns e perseguia outros injustamente. Camisota, por exemplo, era um patrupacha protegido. Ele chegava, trajando camisa vermelha e apertada, sempre suada e fedendo. O Diretor o recebia com um sorriso e se punha a conversar longamente com ele. Crátilo não entendia por que Ferro protegia aquele pilantra, nem por que gritava tanto com os motoristas e a Noca — a nova secretária, que substituíra a Tina. Como um possesso, gritava por causa de uma vírgula ou quando a funcionária escrevia, como destinatário de uma carta, *Embaixada da República do Japão* ou *República da Arábia Saudita*.

— Eu já disse *trocentas* vezes a essa idiota que o Japão não é uma república! Nem a Arábia Saudita, nem a Jordânia! Mas ela continua colocando a palavra *república* em todos os envelopes!

Ao gritar, o neurastênico Ferro batia uma mão na outra, reproduzindo o som de uma bofetada. Parecia querer dar a entender que estava esbofeteando a secretária.

\*\*\*\*\*

Os patrupachas eram todos umas lástimas humanas. Uns primitivos. Não tinham educação nem cultura. Mijavam em toda parte. Crátilo sentia como um trauma psicológico aquela situação toda: a cobra que o porteiro matou no jardim de sua casa. O rato que morreu dentro do ar-condicionado e fez o escritório feder, horrivelmente, durante um mês inteiro. As ruas escuras e esburacadas; os esgotos abertos em toda parte, sobretudo no

mar, que era o esgoto geral da cidade. A praia, onde se pagava ingresso e era uma porcaria. O banho de mar, com os sacos de plástico batendo-lhe nos peitos e nos braços. A pilantragem do proprietário da casa, que garantira que o gerador funcionava bem, mas estava defeituoso. E, além de tudo, o rosto do Dr. Ferro, sempre expressando ressentimento. Com Crátilo, jamais gritara. Porém, ao fechar a cara, já o intimidava completamente. O escriturário sentia certo mal-estar, todas as vezes que deparava o Diretor.

Escrevia um diário sobre a estada na *Ínsula estranha*, no qual anotou o seguinte:

*O homem é um poderoso demônio. Tem a cara amarrada de um guaxinim. Sisudo, responde com um gemido — Huumm. E, quase sempre, reclama do mínimo defeito nos textos escritos: — Isso não foi revisado direito! — Diz, mostrando as palavras que aparecem repetidas no papel impresso.*

No dia da despedida do Lauro, diretor da Palmeira, Lúcio Ferro pediu a Crátilo que fosse o último a comer. É que havia o risco de faltar comida para os convidados. Os patrupachas deveriam ser os primeiros.

No dia do filme de tiroteio, que o diretor da Ventura mandou exhibir no jardim da Residência, pediu ao escriturário que ficasse de costas e vigiasse para evitar que algum patrupacha roubasse objetos.

Numa coisa ele tinha razão: a desonestidade dos patrupachas era incontestável. Um exemplo disso era o motorista Khornu, que roubava o dinheiro da gasolina do carro oficial. O engraçado era que, apesar disso, ele não foi demitido, ao contrário do Tito, enxotado como um bandido.

Na despedida do Lauro, serviu-se feijoada, com caldo de feijão, como tira-gosto. Também, comeu-se fartamente arroz perfumado.

— Os patifes verão que o nosso arroz é melhor do que o da Tailândia. — Dizia Ferro aos funcionários.

De noite, depois daquele lauto banquete, o infortunado escriturário não pôde dormir, com dor de barriga.

\*\*\*\*\*

No intuito de ajudar, Crátilo pediu ao Bangu, aquele pobre diabo, para fazer limpeza em sua casa. Chamou-o para prestar serviços, porque teve pena dele. Magro, sempre bêbado, com um salário de miséria, o contínuo parecia estar sempre faminto e subnutrido. Logo, porém, arrependeu-se do gesto solidário. Notou que o cidadão lhe furtou 100 dólares da carteira, além de um aparelho de som portátil.

Crátilo meditava sobre a índole dos patrupachas. Além da desonestidade inveterada, era evidente o complexo de inferioridade.

— Talvez por serem tão feios — imaginava o escriturário —, eles nunca devolviam o troco correto. Recordou o dia, em um restaurante com cheiro de mofo, em que um patrupacha trouxe-lhe o troco. Quando Crátilo ia pegando o dinheiro, o cara puxou as notas de volta, por entre os seus dedos. Agiu com tanta rapidez, que não deu nem tempo de o funcionário da Ventura segurar as cédulas. Deduziu, ironicamente, que se tratava de um garçom *eficiente*, tão rápido quanto um batedor de carteira.

Aliás, esse treinamento eles deviam fazer quando se cumprimentavam uns aos outros. Durante o aperto de mãos, cada um puxava a mão devagarzinho. Ao final, estalavam o polegar no dedo do meio. Esse estalo no dedo, com as mãos escorregando depois de se apertarem, parecia-lhe um código de pilantragem. A mão era puxada, como a carregar algo da outra. Eles pressionavam o polegar contra o dedo do meio, o que emitia o som de um sutil estalo. Certamente, significava o pacto para a aplicação de calotes.

Outro canalha rematado era o gordão proprietário da casa. Prometera pagar o salário do vigia, mas não pagou. O acordo feito era de que o proprietário pagaria essa despesa. O vigia, depois de três meses sem receber, fez as malas e ameaçou ir embora. Então, Crátilo, pra não ficar sem vigilância na casa, decidiu pagar do seu bolso a remuneração dele.

Depois de pensar em todos esses inglórios episódios, olhou-se no espelho e viu como o seu cabelo estava ficando branco.

Houve um dia em que o paspalhão do motorista Khornu não apareceu à saída do compromisso que Crátilo teve com os Tubal,

donos do Museu da cidade. Assim, Crátilo teve de passar, de novo, pelo vexame de pegar um táxi. Khornu esperava que o escriturário lhe telefonasse, mas este havia esquecido o telefone celular. Crátilo tomou um táxi de volta ao escritório. Entrou no engarrafamento e o taxista não sabia chegar ao endereço: *perto da loja Opeiba*. Naquela tapera, onde as ruas não tinham nome nem numeração, parecia impossível acertar o endereço de qualquer lugar. Como sempre, o taxista não entendeu — ou fingiu não entender — o que Crátilo dizia. O elemento foi noutra direção. O escriturário teve de ensinar o caminho, pois já sabia se localizar no bairro do escritório.

Ao chegar lá, encontrou a velha Zulmira, adúladora do Dr. Ferro, falando de suas experiências em outros escritórios internacionais da Ventura. Dizia ela que enfrentara vários chefes ruins e que o Dr. Ferro era gente muito boa.

Disse também que, quando trabalhou com o Diretor da empresa no Oriente, Dr. Alcino, ele acusou o falecido marido dela de haver roubado cinco mil dólares da contabilidade da Ventura. E cobrou dela esse valor, tão logo o homem passou desta vida para a de além-túmulo. O cara a esculhambou tanto, que a irmã da secretária foi tomar-lhe as dores. Chegou inclusive a ameaçar de morte o Diretor. O Dr. Alcino era um sujeito infernal. Puxava até faca para os funcionários.

Quando se apaixonou por uma jovem secretária, Alcino fazia chantagem com a moça. Afirmava que se suicidaria, jogando-se pela janela, se ela não quisesse nada com ele. Tentava seduzi-la a todo momento. O remédio foi a moça se casar, a curto prazo, com o primeiro namorado que encontrou. Só assim ela pôde fugir ao assédio do chefe.

A velha Zulmira era fofoqueira de marca e tinha imaginação. Ela gostava de falar dos malucos da empresa, não só daquele ex-Chefe, mas também do Amilton Pedro, o antecessor de Crátilo, nos tempos da gerência do Adolfo Dias. Amilton Pedro era considerado um doido, porque faltava ao trabalho duas vezes por semana, sob pretexto de achar-se deprimido. Um dia, jogou o gato da filha dentro de um caminhão de lixo que ia passando, paralelo ao carro dele. Depois dessa proeza, a mulher de Amilton

foi ao escritório, queixar-se do cônjuge para o Dr. Adolfo. Afirmou ao então Diretor que o marido a maltratava.

Ferro, que conhecia Amilton do tempo em que trabalhou com ele no País dos Nibelungos, confirmava a história de Zulmira. Disse que Amilton era um preguiçoso: aparecia no escritório todo descabelado, barbudo e não fazia nada; não produzia. Ficava com as mãos no queixo, inerte, com o olhar distante. Quando se lhe pedia alguma providência, ele tinha sempre três tipos de resposta: 1) *Não é comigo.* 2) *Estou ocupado.* 3) *Não adianta fazer, porque não vai servir pra nada.*

\*\*\*\*\*

Foi anunciada para breve a chegada do Dr. Marcuse, o advogado da empresa, que vinha fazer uma inspeção. Crátilo foi, pessoalmente, reservar o hotel Patrupacha's Inn para ele. Era o substituto do Dr. Cláudius, que foi Ouvidor, cargo extinto no ano anterior, quando aconteceram todos os disparates provocados pelo Dr. Clemente Brandão.

Os patrupachas disseram que estava confirmada a reserva do quarto individual, mas havia algo estranho na cara patética da atendente, o que parecia dizer ao escriturário que nem tudo estava realmente ajustado. A mulher da recepção disse-lhe então:

— Nós ligaremos depois pra confirmar a reserva.

— Como ligar depois, se já foi feita a reserva? — Perguntou ele, perplexo.

A atendente fez uma cara abobalhada e concordou que não precisava mais ligar pra confirmar, pois a confirmação fora feita ali mesmo, naquele momento.

No dia seguinte, ele recebeu telefonema do hotel, em que uma voz masculina confirmava a reserva. Ele agradeceu. Meia hora depois, tocou outra vez o telefone. A mesma voz lhe dizia que a reserva havia sido cancelada. Crátilo pronunciou meia dúzia de desaforos ao imbecil do hotel: que aquilo era uma falta de respeito, que aquele hotel não era sério.

Decidiu procurar outro, à véspera da chegada do advogado. Foi difícil achar vaga em toda parte. Percorreu todo o bairro do

escritório e nada, até que apareceu uma vaga, no Xangrilá Hotel. Reservou-a, e teve o cuidado de testar o ar-condicionado. Tudo funcionou bem.

Crátilo foi receber o advogado na sala VIP do aeroporto, um pardieiro destinado a visitantes ilustres. Era um local quente e cheirando a mofo, com um sofá encardido. Observava as pessoas que chegavam no aeroporto e se perguntava o que uma criatura, em sã consciência, ia fazer numa pocilga como a Ilha dos Patrupachas. Seguramente, os que chegavam com expressão alegre eram os ingênuos, que não sabiam o que enfrentariam. Os mal-intencionados chegavam rindo, sarcasticamente, da própria má-fé. Os que apresentavam semblante angustiado eram os que estavam conscientes do que teriam pela frente.

Comunicou-se com um sujeito alto e mal-encarado, que ali fazia as vezes de chefe do setor. Disse-lhe que ia esperar a chegada do causídico da Ventura e que gostaria de ser avisado quando o avião chegasse. O sujeito, de forma arrogante, perguntou-lhe qual era o tipo de avião. Crátilo informou o nome da companhia de aviação, mas o funcionário do aeroporto insistia em saber o tipo de avião. Criou-se uma discussão absurda, em que Crátilo se dizia perplexo de ver como o patrupacha desconhecia esses dados. Afinal, a empresa já lhes havia informado os dados, no requerimento em que a Ventura solicitara a sala VIP e pagara a respectiva taxa de reserva. Assim, tudo já estava esclarecido e não poderia haver dúvida sobre os pormenores de chegada do voo. Além disso, o nome da companhia de aviação lhe parecia suficiente para esclarecer tudo.

O homem do aeroporto escutou aquilo e se retirou, sem nada dizer. Crátilo conformou-se em sentar-se no encardido sofá fétido e esperar, lendo um livro. Depois de meia hora, chegou um nativo. Informou que o avião havia aterrissado há 20 minutos e já havia levantado voo outra vez. Crátilo reclamou do fato de não o avisarem sobre a chegada da aeronave. O advogado, certamente, já deveria ter saído e tomado um táxi em direção ao escritório. O tal chefe do setor aeroportuário respondeu à reclamação com desaforos. Falou que havia perguntado pelo tipo

de avião e Crátilo não havia respondido. Em seguida, aos berros, repetiu:

— Todos aqui são testemunhas de que perguntei sobre o tipo de avião, e ele não respondeu!

Crátilo, apesar de acometido por uma raiva descomunal, conseguiu dominar os nervos. Saiu dali para o escritório, onde teve de pedir desculpas ao Dr. Marcuse, já abancado no sofá, conversando fagueiramente com o Dr. Ferro. Este, por sua vez, pôs os olhos ígneos de sempre contra o seu assessor, mas não ficou nervoso. Parece que entendeu a situação, que se justificava pela confusão que o povo da Ilha costumava fazer.

Crátilo levou o advogado ao hotel e lhe augurou uma boa noite. No dia seguinte, foi buscá-lo. Soube então que o ar-condicionado não havia funcionado: o hóspede tinha passado a noite em vigília e vigilância, no combate aos mosquitos.

\*\*\*\*\*

Uma semana depois, quem visitou o escritório foi uma delegação de instrutores de mercado. O anfitrião patrúpacha chamava-se Tetê.

A reserva para a delegação foi feita no hotel Patrúpacha's Inn. O atendente foi um morenãõ alto, cuja mão era um relicário ensebado. Tratava-se do mesmo hotel cujo pessoal fizera com Crátilo aquela desfeita absurda de desmarcar a reserva já aceita.

Crátilo foi ao encontro da delegação recém-chegada e constatou que os hoteleiros estavam fazendo a mesma maluquice anterior. A reserva fora previamente confirmada por *fax*. No entanto, quando chegaram os 10 da comitiva, os patrúpachas disseram que não havia quarto disponível. Parecia existir algum mistério naquele hotel.

Crátilo já enfrentara aquela confusão. Da outra vez, vira o quarto vazio, onde se hospedaria o advogado. Quarto cuja reserva, no entanto, foi logo em seguida cancelada por telefonema do hotel.

Desta vez, o escriturário limitou-se a observar a situação, já que o Tetê estava cuidando de tudo. Pra disfarçar o problema, Tetê convidou o pessoal pra jantar. Era mais de meia-noite.

Trouxeram o cardápio meia hora depois, e eles jantaram estoicamente. Tomaram cerveja quente e esperaram algumas horas. Afinal, a delegação foi espalhada por diferentes hospedarias naquela *favelona*.

A programação do dia seguinte seria um passeio numa praia a duas horas de distância da Patrúpacholândia, a capital da Ilha. Tetê convidou Crátilo a acompanhar o pessoal da delegação e ele declinou do convite. Pensou consigo: — Pra quê? Pra entrar na estrada esburacada, no engarrafamento e ver só lixo dentro do mar?

O pilantra do Tetê não o avisou de que havia uma entrevista com o Presidente da Ilha e com o Ministro dos Assuntos Comerciais, embora tivesse prometido avisá-lo. E ainda fez Crátilo deslocar-se até a loja do Duty Free pra comprar cinco caixas de uísque e cinco de vinho, com a isenção de impostos a que o escriturário tinha direito, por trabalhar em firma internacional. O nativo mentiu ao gerente da loja, dizendo que toda aquela adega se destinava à festa de recepção da delegação da Ventura. Não aconteceu festa alguma.

\*\*\*\*\*

Com a falta de energia elétrica, no domingo de manhã, Crátilo não podia tomar nem um cafezinho. — Oh, terra miserável! — Disse pra si mesmo. Lembrou-se de que o fogão era elétrico, mas podia acendê-lo com fósforo. Pegou um palito e o acendeu. Consolou-se com um Nescafé. Viu pela janela os matagais feios ao redor e, num gesto com o braço, deu uma banana pra cidade.

Na segunda-feira, foi colocar uns documentos da firma no correio e voltou a se aborrecer. Claro que não foi aos correios comuns, pois sabia que a correspondência jamais chegaria ao destinatário. Foi à Fedex, mas o local estava fechado. Eram dez horas da manhã. Naquele pardieiro de estabelecimento, havia garrafas, copos e panos sujos espalhados pelo chão. Um cidadão andrajoso e fedorento dormia, estendido numa cadeira de plástico. Logo apareceu outro patrúpacha, que, com ar indolente, lhe disse:

— A pessoa que atende não tarda a voltar.

Crátilo esperou 10 minutos e perdeu a paciência. Resolveu ir à DHL. Saiu perguntando onde ficava. Ninguém sabia. Circulou, no trânsito lento e enfumaçado, até que viu a placa DHL, mas ali só recebiam encomendas grandes. O lugar de despachar cartas era mais distante, perto do aeroporto, de onde ele já tinha vindo. Voltou e perguntou. Disseram que era ali do lado, mas não era. Um cidadão risonho ofereceu-se pra acompanhá-lo. O sujeito já ia abrindo a porta e entrando no carro, quando Crátilo o enxotou. O homem, desconsolado, limitou-se a apontar na direção oposta à que havia indicado. No sinal, mendigos rodeavam o carro, como abutres em torno da carniça. Não tinha moeda. Eles insistiram. Abriu o sinal. Por fim, pareceu que chegava. Havia uma placa. A porta estava fechada. Bateu. Uma mulher disse que era mais adiante.

Chegou, finalmente. Não havia ninguém no balcão. Surgiram um homem e uma mulher dando risadas. A mulher pegou o telefone e o homem saiu. Chegou uma baixota e passou na sua frente, mostrando uns papéis. Ia furando a fila. Crátilo avançou, antes que a mulher entregasse os papéis à outra, e mostrou a encomenda. Ao fim, pagou 100 dólares pelo envio da carta com os documentos.

\*\*\*\*\*

No escritório, ante as falsificações e outras falcatruas dos patrupachas, Crátilo comparava a Patrupacholândia à areia movediça. Tamanha era a escuridão e tão tumultuado o trânsito, que andar na rua era correr o risco de cair num buraco ou ser atropelado.

Continuavam aparecendo falsificadores no escritório. Ferro, às vezes, os colocava pra fora, aos gritos. Não tinha medo de sofrer represália, naquela terra cheia de maldições, criminalidade e terrorismo. Em duas ocasiões, o Diretor recebeu envelopes anônimos, contendo excrementos secos. Era uma espécie de vingança dos patrupachas. Ou então do próprio Tito, contra a atitude drástica do Diretor da Ventura, que o havia demitido.

Ferro esbravejou depois de ler a matéria publicada no jornal *Patrúpacha's Diary*. Tratava-se da tentativa de sequestro de que Matatuto, comerciante de arroz e frangos, teria sido vítima. No dia 20 de outubro, um grupo de delinquentes o sequestrou, exigindo-lhe 10 mil dólares de resgate. Na ocasião, Matatuto entrou em contato com a esposa, oficial do Exército patrúpacha. A mulher foi resgatá-lo, acompanhada de uma patrulha militar, e conseguiu deter os sequestradores. Segundo a informação veiculada pela imprensa, o Exército patrúpacha prendeu a mulher do Matatuto no mês de dezembro, por ação não autorizada pelos superiores. Com ela, os seis soldados que dominaram os delinquentes foram também detidos. As autoridades policiais consideravam o caso de enorme complexidade, dada a suspeita de que o líder da gangue tinha ligações com o Exército. Ademais, os membros da quadrilha haviam subtraído material bélico de unidade militar na Patrúpacholândia, uma vez que foram apreendidos armamentos, uniformes e munições das forças armadas no local do delito.

A raiva do Ferro decorria do fato de que Matatuto mantinha, desde que chegou à Ilha, contato com o escritório, e ele não informou à empresa acerca do ocorrido. Só se soube do seu sequestro quando o assunto foi publicado nos jornais, e não em outubro, quando da ocorrência do fato. Matatuto chorava no escritório. Mentia que sua esposa estava presa, por ter com ele se casado, sem autorização de seus superiores hierárquicos.

Ferro se preocupava demasiado com os mafiosos da Ilha e não se empenhava em resolver o caso da dívida do Governo patrúpacha para com a Ventura. Não aprovava a ideia de processar as autoridades locais, estratégia à qual Adolfo Dias era favorável, mas que também nunca tentou utilizar. Ferro não tomou qualquer iniciativa em defesa dos interesses da própria empresa.

Carlos também era outro cínico. No dia em que noticiaram a morte do engenheiro Zé Sousa, o contador deu uma risadinha e disse, mudando de assunto:

— É a vida. — Zé Sousa, funcionário da Palmeira, tivera uma síncope e caíra de uma escada, já morto.

\*\*\*\*\*

O Diretor enviou a Crátilo, como sempre, recortes de jornais sobre a cotação da moeda, valores da bolsa e notícias sobre a Ilha dos Patrúchachas. Para que o escriturário divulgasse o material, junto aos escritórios da Ventura, em outros países.

O trabalho na empresa lhe era cada vez mais desagradável. Ver, todos os dias, a cara sisuda do Lúcio Ferro e ouvir-lhe as críticas aos textos que o escriturário redigia era um pesado sacrifício cotidiano. Meditava Crátilo sobre a validade daquela experiência.

Os esgotos abertos; os mosquitos perigosos; as praias sujas, cheias de copos e sacos de plástico; a ausência total de passeios turísticos e lazer cultural; a falta de água e de energia elétrica: tudo era motivo de desespero. O pior, no entanto, era a má vontade do Ferro por sua pessoa. Tinha pesadelos com o seu opressor e tentava esquecer-se de que tinha por chefe um indivíduo repugnante.

Ficava estupefato em ver como tinha gente que dizia gostar de trabalhar *numa merda daquelas*. Não fazia sentido para ele a ideia de samaritanismo nem o interessava nada das sociedades primitivas. Não era antropólogo nem médico sem fronteiras. Nunca tivera curiosidade por coisas tribais, florestas, mosquitos, falta de energia elétrica. Então, perguntava-se o que fazia ali, numa cidade que era o oposto de tudo que o agradava.

Gostaria de trabalhar num lugar onde pudesse desfrutar de teatros, cinemas, museus e livrarias. Gostava, sim, da natureza, mas de jardins cultivados, com canteiros de flores, lagos e praias despolidos. Somente pessoas ingênuas ou mal-intencionadas se aventuravam a viver num lugar daqueles. E sempre pagavam pela imprudência. Para os mal-intencionados, a Ilha era uma sinecura. Lúcio Ferro mesmo era um que debochava dos patrúchachas, mas adorava a Ilhota.

Arrogante e orgulhoso, o Diretor passava por Crátilo sem cumprimentá-lo. Quando havia mais de um colega conversando, Ferro saudava a todos, menos a ele. Se o via, fechava a cara, com aqueles olhos injetados de furor.

\*\*\*\*\*

Outro episódio dramático foi o do assalto aos três jornalistas da TV Ecumênica, que tiveram a infeliz ideia de fazer uma reportagem sobre a Ilha.

Por volta das 20 horas, na estrada que liga a Patrúpacholândia à cidade de Gema, onde se localiza o porto, dois indivíduos de aspecto aterrorizante, armados com pedaços de ferro, abordaram o carro alugado pelos jornalistas à empresa Hertz. Isso aconteceu no momento em que o motorista parou na estrada para consertar uma lanterna que havia caído.

Os ladrões subtraíram-lhes uma câmera Panasonic, com microfones, cartões de memória de informação e parte da filmagem feita — o que representava um prejuízo de aproximadamente dez mil dólares. O repórter Ciro Melo foi agredido pelos assaltantes, tendo sofrido escoriações.

Às vítimas pareceu estranha a rapidez com que tudo ocorreu. Era também esquisito o fato de, na ocasião, o motorista, recomendado pela Hertz, de nome Emanuel Odame, declarar-se perplexo, alegando não haver entendido o que tinha acontecido.

Após apresentarem queixa na delegacia, os agredidos foram avisados pela polícia de que vinham sendo frequentes os assaltos naquela via pública, considerada de risco para a segurança de passageiros motorizados.

Em face do ocorrido, os jornalistas cancelaram a viagem que fariam ao Istmo de Safira, onde teriam continuado a reportagem que lhes fora encomendada.

Sem dúvida, havia um mistério em tudo aquilo.

\*\*\*\*\*

Antes de conhecer a Ilha, acreditava Crátilo que o subdesenvolvimento da Patrúpacholândia era causado pela exploração estrangeira. Verificou, no entanto, que não se pode ajudar a quem não está em condições de receber ajuda ou não quer ser ajudado. Se os ricos da Ilha cuidassem das coisas públicas (ruas, parques, transportes coletivos, serviços de água e luz, etc.) com o zelo com que escolhiam o modelo de carro ou

construíam suas casas, aquele lugar seria como os do Primeiro Mundo. Assim pensava ele, observando as casas e os carros suntuosos, que pouca gente tinha na Europa ou nos Estados Unidos, e que os ricos da Ilha ostentavam. Na cidade, tudo o que era coletivo era da pior qualidade, pela total falta de zelo pelos bens públicos.

— Na praia, mergulha-se com os porcos, numa avalanche de sacos de plástico e detritos de toda sorte.

Assim raciocinava Crátilo, quando chegou um cliente, exalando repugnante odor e lhe estendendo a mão. O funcionário sentiu o sebo digital na palma e imediatamente pegou o vidrinho de álcool e esfregou nas mãos. Vinha adotando a mesma atitude, quando os colegas lhe apertavam a mão.

Ao aproximar-se alguém, Crátilo desconfiava que era pra espiar. O sistema de olheiros do Ferro era eficiente. Ele mesmo, o figurão, não deixava de aparecer com o telefone celular, espreitando. E, enquanto Ferro se vangloriava de nunca haver faltado ao trabalho nos 40 anos de serviço, Crátilo cogitava em escrever uma tese na área de Psiquiatria, intitulada *Por que os psicopatas não pegam gripe*.

Sobretudo, durante a falta de energia elétrica ou ao ouvir os desaforos do Diretor, Crátilo sonhava em livrar-se daqueles demônios das ruas e do escritório. Por tudo quanto havia sofrido naquele lugar inóspito e naquela empresa insólita, sentia desprezo pela população local e pelos colegas de emprego.

Na Ventura, era sempre a mesma safadeza. A velha Zulmira levando fofoca aos ouvidos do Lúcio Ferro, que vivia trancado com a Miriam no gabinete, sem que a Madame Ferro, do outro lado do mundo, soubesse de coisa alguma. E o Carlos, também, adulando o patrão e semeando intriga entre os funcionários.

Achava injusto o fato de que muitos prestassem serviço em cidades civilizadas, e ele tivesse de trabalhar num lugar tão abominável.

— Só os *cascas-grossas* gostam desta espécie de lugar. É impossível não detestar isto. Aliás, dizer que se gosta da Ilha dos Patrúchachas é a maior mentira. Só muito interesse financeiro pode motivar os aventureiros a aportar nestes páramos, mas não há dinheiro que compense o desgaste!

O dia todo Ferro ficava esbravejando com a Noca e protegendo patrupachas suspeitos. Estranho comportamento. Naquele ambiente de pilantragem geral, com falsificações de documentos e notas fiscais fraudulentas, Tito pagou por todos os bandalhos.

Nem o Gerente Geral, Dr. Clodoaldo Vieira, nem o Contador Geral, Cabeça de Vaca, nunca trabalhariam num lugar como a Ilha dos Patrupachas, nem jamais enviariam um filho a prestar serviços ali. Portanto, que autoridade teriam eles para mandar as pessoas para aquelas taperas? Viver na Ilha dos Patrupachas era regredir à caverna.

Angustiado com essas amarguras, Crátilo riscava no calendário cada dia que havia decorrido e notava que já não faltava muito tempo para completar os dois anos de sua missão.

Já não sentia tanta falta de gente inteligente com quem conversar, desde a chegada do Professor Serafim, um rapaz de cerca de 30 anos, de longos cabelos e voz aguda, que ostentava grandes brincos. Com esse novo amigo, conversava sobre as peculiaridades da Ilha. Divertia-se com as dificuldades que o professor enfrentava, embora percebesse que Serafim não sentia o mesmo repúdio pelas condições de vida nem pelo comportamento dos cidadãos locais. O novo amigo era antropólogo e viera dar aulas no Instituto Patrupacha de Idiomas.

Numa segunda-feira, Ferro chegou com a cara raivosa de sempre e pediu a Crátilo o texto do discurso que faria numa recepção, no Ministério do Turismo.

— Vocês são uns *merdas*, eu tenho de fazer o trabalho de vocês. — Resmungou o Diretor.

Crátilo, ingenuamente, foi porta-voz de um pedido da Noca, que queria sair mais cedo, naquele dia, para resolver um assunto particular.

— Nem *fodendo gostoso*! — Disse o homem, enfezado e arrogante.

— Que *vá tomar no cu*. Comigo não tem negócio de bom mocinho, não.

Em seguida, começou a esbravejar com o motorista Khornu. Naquele momento, entrava pelo corredor e passava entre os biombos o professor Serafim. Sem olhar para ele, Ferro

estendeu-lhe a mão e continuou falando sobre a estupidez do motorista:

— Perguntei ao Khornu o nome da praça onde há um tanque de guerra, e ele disse que se chamava Praça do Tanque de Guerra. Mas a praça não podia se chamar assim, tinha que ter um nome.

Logo em seguida, despejou outra queixa sobre o motorista:

— Já falei *trocentas* vezes a este imbecil que não entrasse em rua movimentada, mas ele escolhe as mais engarrafadas.

Então, fitou o Khornu e gritou:

— Na hora em que você pegou aquela rua, o carro estava com o tanque quase vazio!

Depois, pôs os olhos incriminadores na cabeleira e nos brincos do Serafim, e perguntou:

— Você é *viado*?

Serafim deu uma risadinha e baixou a cabeça. Ferro passou a criticar o professor antecessor de Serafim:

— Aquele *filho da puta* não terminou um trabalho que eu pedi a ele...

Fez uma pausa e continuou, voltando a queixar-se do motorista, mas já em voz baixa:

— Ele pede pra abastecer o carro no último momento, quando o tanque está na reserva. Tudo para evitar a fiscalização, que eu mando fazer, e tentar a falcaturia das notas falsas de gasolina.

Khornu havia confidenciado a Crátilo que vivia sob tensão, tomando remédios para o coração, em decorrência dos maus tratos que recebia.

\*\*\*\*\*

Crátilo, além de redigir as cartas de recomendação e divulgar as notícias sobre a Ilha, dedicava-se a coordenar as viagens que a Ventura oferecia às autoridades patrupachas. Achava um absurdo que a empresa patrocinasse passagens para membros daquele governo. Eles sempre criavam caso e se recusavam a viajar em classe econômica.

Um deles, um general de cara selvagem, jogou o bilhete aéreo sobre a mesa de Crátilo, dizendo, em tom de voz estridente, que não viajaria na classe econômica. Desprezou as passagens aéreas que a Ventura lhe oferecia e saiu pela porta.

Noutra ocasião, a Ministra do Turismo local, mesmo sabendo que viajaria de executiva, avisou, à última hora, que não iria, porque havia quebrado o pé. Porém, na hora da viagem, apareceu no aeroporto. Cynicamente, a assessora da Ministra ligou para Crátilo, querendo saber por que sua *chefa* não podia viajar. O escriturário teve a satisfação de informar que a passagem dela já fora cancelada. A assessora confirmou que nenhuma autoridade patrúpacha, inclusive os parlamentares, viajava em classe econômica.

\*\*\*\*\*

As histórias que Serafim contava sobre o povo patrúpacha amenizavam os aborrecimentos de Crátilo. Era engraçado como o professor estava numa situação de tal modo vulnerável, à mercê das maldades dos nativos da Ilha. O Instituto onde lecionava lhe arranhou moradia numa tapera, em cujo quintal diversas famílias moravam e circulavam o tempo todo, fazendo barulhos infernais. E, na rua em frente, a algazarra era apocalíptica, com autofalantes e camelôs, que entravam pelo portão aberto ou pulavam o muro para mijar e evacuar em frente à sua porta. À noite, costumavam também satisfazer as necessidades sexuais, recostados no muro, nas árvores ou no chão, emitindo ruídos espantosos.

O diretor do Instituto arranhou-lhe um guarda-costas, um funcionário que era, na realidade, um hóspede inconveniente, que o seguia por toda parte e dormia no quarto ao lado. Às vezes, o seu segurança saía e o deixava trancado, já que só havia uma chave, que ficava com o nativo. Serafim fez cópia dessa chave, apesar da indignação manifestada pelo homem que o vigiava. O sujeito dizia que ele não podia sair só, porque seria assaltado. Serafim dormia com a porta do quarto trancada, com medo do guarda-costas. O patrúpacha fechava todas as cortinas,

porque as pessoas metiam a cara na janela para espreitar o que havia dentro de casa.

O professor queixou-se ao Diretor do Instituto. Disse que não precisava de segurança, que Deus era o seu guardião. Depois de muito insistir, o Diretor despediu o homem. Após esse episódio, o ex-segurança passou a olhar para ele de maneira estranha, *cinicamente*, segundo o antropólogo.

Serafim chamou um chaveiro pra trocar a fechadura, já que o seu ex-hóspede e ex-segurança também tinha cópia da chave. O chaveiro trouxe uma fechadura caríssima e a instalou, reclamando. Serafim, querendo ser simpático, ofereceu-lhe uma cerveja. O homem ficou com raiva e se retirou, depois de receber volumoso pacote de notas de patrupachis. Após o serviço, a porta continuava sem fechar direito. Ao chegar à noite, o professor não conseguiu abri-la. A chave ficou presa. Conseguiu retirá-la, mas, ao colocá-la de novo, outra vez ela não saía da fechadura. Serafim arrombou a porta e quebrou a chave. Chamou o mesmo sujeito. Ele cobrou mais caro ainda, e o professor recusou o orçamento. Chamou outro, que disse não poder tocar na porta, porque o trabalho fora feito por alguém de outra tribo. Se mexesse naquela porta, ficaria doente e não arranjaría mais emprego algum. Se arranjasse, o dinheiro que ganhasse seria para se tratar. Afinal, com grande prejuízo, Serafim encontrou outro patrupacha, que colocou uma tranca na porta e a isolou. Desde então, passou a sair pelos fundos da casa.

Crátilo ria daqueles episódios grotescos. Tudo na Ilha dos Patrupachas era motivo, ao mesmo tempo, de galhofa e indignação. Serafim comentou que viu muitos mendigos andando nus pelas ruas. Sujos, buscando comida, caminhavam eretos, com a cabeça erguida, como se estivessem vestidos. Não havia manicômios na Patrupacholândia.

Serafim comentou também a fraqueza do Dr. Lúcio Ferro pelas mulheres patrupachas. Num coquetel recente, em que homenageou o pessoal da Câmara de Comércio, o professor apresentou ao Diretor da Ventura uma aluna, que tinha um protuberante bundão e disse:

— Essa é uma tradicional mulher patrupacha.

O Diretor respondeu

— Eu tô vendo... Mas a bota está furrequinha.

O coquetel era pra lançar o Camisota como Presidente da Câmara de Comércio. O Camisota andava sempre de camisa vermelha, bem justinha ao corpo, e ria, mostrando os dentões. Exalava um mau cheiro insuportável e tinha a mão ensebada, como um receptáculo de imundícia. Sua função era arranjar mulheres para o Dr. Ferro.

Recentemente, Camisota levava um arranhão de faca no bíceps direito. O corte lhe fora aplicado pela mulher do Matatuto, porque ele quis devolver à patrupacha um computador que lhe havia comprado por 300 dólares. Essa mulher já havia saído da cadeia e tinha sido expulsa do Exército da Ilha, por envolver-se no tráfico de armas com elementos das Forças Armadas locais. Por sinal, Crátilo livrou-se de uma enrascada, pois Túlio sugeriu que o escriturário comprasse o tal computador. O problema é que a máquina, afinal, não funcionava, e a coisa resultou naquela confusão perigosa.

Madame Ferro, que havia regressado à Ilha, tomou abusivas doses de caipirinha e, meio trôpega, com a voz engrolada, elogiava a aluna do Serafim:

— Você é o máximo! É bonita e gostosa. Você tem que andar de nariz empinado.

Noutra roda, a Zulmira ironizava, mostrando à Madame Ferro a mulher do Carlos, uma patrupacha feiosa, de dentões salientes. Zombava:

— Olha aí sua prima! — Disse, e deu uma risada rouca, debochada e bêbada.

Aquela festança parecia a Crátilo um completo absurdo. Favorecer aquela gente que só sabia fazer falcatrua e pilantragem era um desperdício injustificável.

\*\*\*\*\*

Soube-se, no escritório, que o Joko, cliente da Ventura, comerciante de frangos, morrera na prisão. Fora indiciado por narcotráfico. Será que valia a pena associar-se àquela gente trambiqueira? Será que Ferro não desconfiava que se estava

arriscando, metendo-se naqueles negócios escusos? A imprudência do homem era tal, que ele não via o perigo e continuava recebendo no seu gabinete o Camisota fedorento e outros elementos suspeitos. Mesmo depois da morte do Joko, pululavam patruchas no gabinete do Chefe.

Sempre ávidos pela carta de recomendação, que a companhia lhes proporcionava, os clientes continuavam falsificando a assinatura do Diretor da empresa.

Crátilo começou a suspeitar que poderia haver uma rede mais ampla de bandidos, por trás daquela trama. Uma rede, na qual a própria Ventura poderia estar envolvida. Preferiu, entretanto, não comentar com ninguém essa desconfiança, sobretudo com o Serafim, que era falastrão. O professor era o amigo com quem criticava os patruchas, mas não lhe poderia falar da desconfiança quanto à idoneidade do Diretor. Se o fizesse, poderia provocar um escândalo. E, no fim, ser ele próprio, Crátilo, o demitido. Isso apesar de não ter qualquer relação com o caso.

Crátilo sentia uma angústia, que se prolongava por 24 horas, todas as vezes que tinha de tratar com o Ferro. O Diretor transmitia-lhe uma energia negativa nas críticas e expressões pejorativas que usava, embora nem sempre de forma explícita. O tom de voz e as insinuações, perceptíveis nas frases irônicas e indiretas do chefe, denotavam a discriminação e a perseguição de que Crátilo era vítima. Certa vez, Lúcio Ferro viu muitos papéis sobre a mesa do escriturário:

— Se eu tivesse que trabalhar assim, com essa desorganização, não conseguiria. — E logo lhe enviava os assuntos complicados da empresa, que o escriturário lutava para resolver.

Ferro queria empreender a reforma do Museu Patruchas, mas ele mesmo retardava o início das obras. Queria começar a plantação de arroz, mas não assinava o respectivo contrato com os donos dos terrenos, nos quais não confiava. Queria levar muitas vantagens no negócio e postergava a assinatura, na expectativa de obter o máximo de lucros.

— O Ferro é bom pra ser chefe aqui, nesta espelunca. — Avaliou Serafim.

O professor estava à mercê dos patruchas. O dono da casa que lhe foi destinada como moradia vivia numa outra, no mesmo quintal, ao fundo. Todos os dias, mijava debaixo da janela do Serafim.

Onde morava, não adiantava o antropólogo fechar as cortinas para os patruchas não chatearem. Eles controlavam a sua vida:

— Você saiu e nem me disse! — Reclamava sempre o vizinho, cinicamente.

Quando entrava na sala do Diretor do Instituto, Serafim se benzia. O homem queria que o professor desse aulas nas férias.

— Quanto vou ganhar? — Perguntou Serafim.

— Dá pra tomar um *cartuchin*. — Respondeu o *patrucha*, referindo-se à cachaça local, que se usava como combustível para cozinhar.

\*\*\*\*\*

Qualquer assunto que fosse preciso tratar com patruchas ensejava a maior chateação. Ligava-se pra uma empresa local ou para as autoridades do governo, as pessoas nunca estavam. As telefonistas diziam que iam transferir a ligação. Esperava-se por cinco minutos, o telefone continuava mudo. De súbito, ouvia-se um suspiro. Quando alguém atendia, era sempre com uma voz sonolenta. Quando se falava o problema ou se pedia alguma providência, a pessoa dizia que não sabia o que fazer e prometia uma resposta depois. Esse *depois*, no entanto, equivalia a *nunca mais*: o interlocutor esquecia o assunto e não voltava a ligar para dar qualquer satisfação.

Um percussionista patruchista tinha uma viagem aérea paga pela Ventura e queria remarcá-la para o dia posterior. Quando o escriturário ligou para perguntar o horário do voo, a moça da agência disse que quem cuidava do assunto estava ausente, mas prometeu ligar depois. Claro que não ligou. Crátilo insistiu o dia todo e não conseguiu resolver o assunto.

Aumentava a ansiedade do escriturário. Faltavam poucos meses para completar os dois anos da sua estada naquele exílio. Sair daquele lugar era questão de sobrevivência. Iria, de bom

grado, até de helicóptero, para qualquer país — desde que fosse pra longe dali. Qualquer lugar seria melhor do que aquele ambiente inóspito, de gente tacanha e desleal, onde as condições de sobrevivência eram tão precárias e em que o chefe não lhe era simpático.

Túlio havia falado a Crátilo a respeito da visita que fizera a um terreiro de vodu, onde tomara conhecimento de que o ex-ditador tinha sido assassinado com uma estaca no coração. Os feiticeiros adoravam a imagem do general que matou o ex-ditador Bozongo. Esse militar colocou a cabeça cortada de Bozongo dentro de um vaso de vidro, com álcool, sobre a sua mesa de trabalho, para que o espírito do morto não fugisse.

Túlio mostrou-lhe também cópia de uma reportagem de jornal, em que se publicava a teoria do Dr. Miguel Siciliano, segundo a qual os feiticeiros dedicados à magia negra aprenderam seus costumes sinistros com o atroz ex-ditador. Foram muitos os crimes cometidos pelo tirano, com diferentes agravantes. Mortes a tiro, punhaladas, envenenamentos, enforcamentos, degolas e empalações. Durante o período ditatorial, foram experimentados diferentes métodos de tortura: espancamento, choques elétricos, pau de arara, extração de unhas, perfuração de olhos e ouvidos, extração de testículos e outras perversidades de que a espécie humana é capaz.

Crátilo horrorizou-se com essas estórias e não dormiu bem à noite. No domingo, foi à casa do Túlio, falar-lhe sobre sua intenção de abandonar a Ilha, ainda que tivesse de sair do emprego. O colega arregalou os olhos e disse:

— O Clodoaldo Vieira vai dizer que você n-não teve a mínima capacidade intelectual nem psicológica de cu-cumprir a missão. Vai dizer que vvo-ocê jogou merda no ventilador. Você acha que arruma outro emprego a curto prazo?

Crátilo caiu em si. Faltava pouco para ir embora da Ilha. Desistiu, portanto, da ideia de sair antes do tempo. Só queria que o seu próximo posto não fosse complicado como a Ilha dos Patrupachas. Precisava viver em algum lugar do mundo onde pudesse fazer o tratamento do joelho, à base de fisioterapia, ginástica, dieta, acupuntura, chás de ervas medicinais e remédios homeopáticos. Disse ele a Túlio, rindo do próprio infortúnio:

— O imperador Carlos V morreu de gota porque não havia fisioterapia naquele tempo.

Pensava no alívio que sentiria quando fosse embora. Estaria longe das vibrações negativas dos patrúpachas e do Diretor. No entanto, temia que a Ventura o mandasse a outro país infausto, com outro chefe cruel. Não levaria saudade nem do Serafim nem do Túlio. Nem mesmo do galo Zaratustra. Aliás, comprara o animal porque, segundo diziam, os galos afastavam influências mórbidas de feitiço e mau-olhado. Afinal, segundo Túlio, o problema que Crátilo tinha no joelho era consequência de algum malefício que lhe haviam feito: *Um alfinete cravado numa efígie, sabe-se lá...* Naquela Ilha, valia tudo e tudo era possível.

Crátilo lia o *Diário de um Louco*, de Nikolai Gogol, e identificava os personagens com os colegas de trabalho. A cara feia do chefe prepotente, a fazer escândalos com a falta de vírgulas e acentos nos textos escritos, e que, no entanto, só falava bobagens. Os lacaios chafurdeiros e imbecis. E a exemplo do personagem do Escritor russo, sonhava com o dia em que estaria livre daquela corja. Detestava aquelas demonstrações de submissão e os interesses mesquinhos de aumentar os patrimônios, entre outras atitudes pouco auspiciosas.

Quando chegou a hora de empacotar a mudança, avisou o dono da casa de que o seu prazo de permanência na Ilha se havia esgotado e que deixaria o imóvel, como estava previsto no contrato de aluguel. O gordo Mafungo revoltou-se com a notícia de que o inquilino entregaria a casa. Perguntou quando poderia mandar alguém para fazer uma inspeção e quem pagaria, se Crátilo ficasse um dia a mais além do que estabelecia o contrato. O escriturário respondeu que a qualquer hora poderiam fazer a inspeção e que sairia no dia em que o contrato terminasse: 30 de setembro.

Não tardou muito, apareceu o capataz, com aspecto de troglodita. Veio em nome do dono da casa. Com modos grosseiros, batia as gavetas e anotava muitas coisas numa lista de exigências. Abriu cada janela, acendeu cada lâmpada, encontrando defeitos em toda parte. Anotava-os e comunicava-os a Crátilo: lâmpadas queimadas; uma vidraça trincada; a piscina suja; fechaduras quebradas; prateleiras da cozinha e do quatro

de empregados danificadas; e aparelhos de ar-condicionado sem funcionamento. Eram defeitos existentes antes de Crátilo ocupar a casa. O nativo também exigia três chaves de cada porta. Crátilo argumentava que algumas coisas já se encontravam defeituosas antes de seu ingresso na casa, mas o capataz teimava, contradizendo-o. Bisbilhotava tudo e anotava em sua lista de futuras cobranças. O capataz mentiu ao dizer que havia água quente no banheiro. Quando Crátilo ocupou a casa, o dispositivo de aquecimento já estava estragado. Sentindo-se injustamente acusado de haver quebrado o aparelho, Crátilo retrucou:

— Nunca usei isto neste país de alta temperatura.

O homem, no entanto, insistia em culpá-lo de haver danificado o dispositivo. Não adiantava Crátilo argumentar que não precisava usar aquilo. O capataz o contradizia sempre. Com o dedo em riste, dizia que muitas lâmpadas não acendiam. Em vão, Crátilo explicava que uma chuva recente havia danificado o abastecimento de energia da casa, deixando a metade das lâmpadas apagadas. Aborrecido com a insolência daquela figura execrável, o escriturário foi ver televisão e recomendou ao empregado Baa que acompanhasse o sujeito na inspeção.

Na saída, o elemento mostrou-lhe cópia do contrato, apontando com o dedo a frase que mencionava o dia 30 de setembro como a data de saída do inquilino. Crátilo confirmou que sairia, com prazer, naquela data. E repetiu que a piscina estava suja porque o limpador pegou o dinheiro pra comprar material e não voltou; que a casa tinha problemas elétricos toda vez que chovia, o que danificava os aparelhos de ar-condicionado, sendo preciso chamar eletricitas para consertá-los a cada dois ou três meses; que o gerador nunca foi automático; que dormiu três vezes em hotéis, nas ocasiões em que faltou energia elétrica, e o gerador não funcionou; que chamou uma companhia, a qual trocou uma peça de 800 patrupachis e cobrou mais 300 pelo serviço; que nunca usou a água quente naquele lugar tão quente por natureza. Além disso, reclamou que o Mafungo não cumpriu a promessa de pagar o salário do segurança, conforme havia prometido.

Naquele mesmo dia, à noite, Crátilo verificou que as lâmpadas do banheiro não acendiam. Retirou uma delas e

balançou pra saber se estava queimada. Aparentemente estava normal. Chegou à conclusão de que o capataz do Mafungo poderia ter queimado as lâmpadas com a força negativa do seu pensamento. Duvidou, porém, dessa hipótese, porque um troglodita daquele não poderia ter poderes sobrenaturais.

Para reinstalar a energia elétrica, que faltava na metade da casa, buscou um eletricista, que pediu materiais ao preço de 406 patrupachis. Resolveu comprar ele mesmo os fios elétricos e as lâmpadas. Foi com o professor Serafim ao centro da cidade, no meio daquela confusão de carros, e comprou tudo.

Na volta, perderam-se, no meio de tanta gente e tanto carro. Os carros ficaram parados no engarrafamento. Voltaram pelo sentido oposto e foi pior. Perguntavam aos passantes, que vendiam bugigangas dos dois lados da pista, a direção do Patrupacha's Mall. O famigerado galpão era a melhor referência de caminho, já que sua casa ficava perto do local. Alguns informantes apontavam para um lado e ele seguia na direção. Com o trânsito quase parado, perguntava ele, de novo, e outros cidadãos indicavam a direção oposta.

Crátilo se exasperava até com o professor, a quem culpava de haver indicado o caminho errado. Parecia vivenciar o limite do insuportável. Tinha sede e calor. O ar-condicionado do carro não aliviava a sensação de torpor. Sentia as orelhas quentes e os pés suados, como se tivesse febre. Tirou os sapatos e as meias. Armou-se de paciência, até os dentes, e decidiu esperar até quando Deus quisesse. Não havia outro jeito. Enquanto os carros se deslocavam com velocidade menor do que a dos pedestres, Serafim, com tranquilidade estoica, contava casos sobre as maluquices do povo patrupacha. Os carros avançavam alguns centímetros.

Ficaram quase três horas no meio daquela algazarra de gente. Os pedestres corriam de um lado pro outro. Dos dois lados da pista, havia camionetas abarrotadas de gente.

Durante o engarrafamento, contou-lhe Serafim o episódio da sua queda num dos buracos de esgoto que havia na cidade.

O professor atravessou a rua, na pista de alta velocidade, que obriga o pedestre a correr. Do outro lado, no escuro, pisou em falso e o pé entrou na vala. Bateu com a cabeça no solo e, ao

sair do bueiro, sentiu tontura. Sentou-se no chão. Passaram duas mulheres e riram. Ele conseguiu levantar-se e pegar um táxi. Percebeu que sangrava pelo nariz. O taxista queria cobrar-lhe três vezes o valor normal da corrida, quando Serafim desmaiou no trajeto. O taxista o deixou no hospital dos Candelabros, onde ele despertou numa maca, com a enfermeira lhe perguntando se ele estava bêbado e se tinha dinheiro para pagar o tratamento. Como não tinha, disseram que não poderiam tirar o raio X. As enfermeiras riam, falando que era comum caírem pessoas nos buracos. Por sorte, veio Carlos do escritório e emprestou-lhe o dinheiro. Não havia sido grave. Foi mais um susto, dentre tantos.

Comentou ainda Serafim a pobreza em que vivia. Sua moradia era arranjada pelos patrúpachas do Instituto. Quando entrou na casa, só viu uma cama, uma mesa e quatro cadeiras de plástico. No contrato que assinou, estava escrito que lhe proporcionariam os utensílios domésticos necessários. Teve de implorar para que lhe colocassem fogão e geladeira. Dormia no chão, num colchão encardido. Sentia menos calor daquele jeito, em contato com o solo. Ao pedir um guarda-roupa, os funcionários do Instituto se indignaram. Comprou, com o próprio salário, um ventilador, sem o que não poderia dormir. O artefato fazia com que os mosquitos perdessem a *autonomia de voo*. Confessou que dormir era, afinal, o seu único prazer naquela terra miserável.

— Exceto quando se tem algum pesadelo que mostra onde estamos vivendo. — Ironizou Crátilo.

— Soube que o grande perigo na Ilha é ser albino. Eles esquartejam os albinos, porque pensam que um pedaço deles dá sorte. Usam-lhes o crânio como cumbuca pra beber *cartuchin*, aquela cachaça que embriaga ao primeiro gole. O cérebro é a parte mais cobiçada dos albinos. Descobri, também, que a palavra *gato* quer dizer *alimento*, no idioma local. Por isso é que eu tinha cinco gatos e agora só me restam dois. — Contou Serafim, com uma risadinha femínea.

— Os do governo têm carros de 600 mil dólares, e a Ventura continua pagando passagens aéreas pra esses canalhas, que só querem viajar na classe executiva. Mais incrível é o Dr. Ferro proteger o Camisota, fedorentíssimo! O cara chega, exalando

uma catyinga do inferno, que empesta todo o escritório. E o Ferro o recebe de braços abertos. O primíssimo Carlos não confia no Camisota. Acha que ele é traficante. — Argumentou Crátilo, com a testa franzida e o olhar triste.

Serafim contou que viu, certo dia, em frente ao Instituto, onde ia tirar cópias, um taxista parar o carro e mijar na rua. Logo, vieram dois caras e urinaram no mesmo lugar. As pessoas passavam indiferentes. Subitamente, apareceram dois caras algemados, acompanhados de outros, que os escoltavam. Todos pararam e mijaram. Efetivamente, a Patrupacholândia era um banheirão público. Os mictórios eram as valas abertas, nas laterais das ruas.

— Quando eu ainda não sabia andar na cidade, o guarda-costas me fazia descer do ônibus antes e pegar um táxi até à porta de casa. Depois eu descobri que não precisava pegar aquele táxi, porque o ônibus para em frente à minha porta.

O professor confessou que a experiência estava servindo pra ele aprender a ficar só. Antes, costumava puxar conversa com os patrupachas. Depois, fechou-se, quando viu a índole do povo. Estava farto das perturbações que eles lhe causavam. Uma das coisas que mais o irritava era chegar e ver o portão fechado com o cadeado. Tinha de pular o muro da própria casa! Disse aos vizinhos que um dia chamaria a polícia pra prender a si mesmo. Descobriu que dividia o consumo da energia elétrica e da água com os inquilinos do quintal, mas só ele pagava por todos. Um dia, queixou-se ao Diretor do Instituto:

— Vocês me matam desse jeito! Se eu morrer aqui, a culpa é de vocês! — Exclamou o pobre homem.

O Diretor se sentiu ofendido e reclamou ao Ferro, que fez o Serafim pedir desculpas.

Noutra ocasião, um vizinho chutou uma bola com força em sua porta. Ele reclamou e pediu silêncio, porque estava estudando, e o cara disse:

— Amanhã eu trago mais gente pra jogar.

Certa feita, foi cortar o cabelo e a cabeleireira observou:

— O corte de cabelo é mais caro pra você.

— Por quê? — Indagou, perplexo.

— Porque o seu cabelo é diferente e pode quebrar a tesoura. — Alegou a mulher.

No dia em que foi ao funeral do avô do dono da casa, assistiu a uma espécie de carnaval, com que os *patrupas* celebram a morte. Comeu e bebeu de graça. Viu, também, como os órfãos recebiam dinheiro dos visitantes, além de divertirem-se: comiam doces, bebiam aguardente, cantavam aos berros e dançavam de maneira exótica — com a bunda arrebitada e os cotovelos abertos.

Na volta, no ônibus deteriorado, uma moça pegou-lhe o telefone celular e anotou-lhe o número. Desde então, nunca mais a garota deixou de ligar pra ele, fato que o professor considera uma afronta irritante.

Noutra ocasião, num bar, quando ele conversava com um francês, uma prostituta aproximou-se. Serafim não deu atenção à mulher e ela disse:

— Ah, já percebi que você não gosta de mulher!

E ele respondeu, com voz afeminada:

— Nããoo, meu amoor!

Finalmente, depois de três horas de engarrafamento, Crátilo conseguiu chegar a casa. Agradeceu então a gentileza da companhia do professor, sem o que a experiência teria sido pior.

\*\*\*\*\*

Crátilo recebeu o orçamento que o Mafungo lhe enviou, no valor de quase 10 mil *patrupachis*, cerca de nove mil dólares, pelas coisas que desejava fossem consertadas na casa pelo escriturário. O homem queria uma reforma inteira, desde consertos de portas à substituição de lâmpadas. Também, instalações na cozinha e até 80 quilos de cloro.

O funcionário da Ventura preparou, por escrito, resposta àquela provocação, para passá-la ao sujeito junto com as chaves da casa. Fez um relatório, no qual mencionou que entregava a casa com material de limpeza da piscina; 20 quilos de cloro; lâmpadas substituídas; aparelhos de ar condicionado em boas condições; os assentos dos banheiros e a fechadura da porta, devidamente substituídos por novos. Esclareceu que os vidros da

sala estavam quebrados quando recebeu o imóvel. E a cozinha do quarto dos empregados, também, já estava danificada; que os empregados não necessitaram utilizá-la para cozinhar, porque receberam alimento fornecido pelo próprio inquilino, durante os dois anos do contrato de aluguel; que o aquecedor de água nunca foi usado e estava sendo restituído nas condições em que foi recebido; que a casa estava pintada; que devolvia o gerador em melhores condições do que quando o recebeu; que mesmo os problemas elétricos, causados pela chuva, foram reparados por sua conta, embora o contrato de aluguel especificasse: se as instalações fossem danificadas por algum fenômeno natural, e não por ato de vontade ou de negligência do inquilino, o proprietário deveria repará-las.

Concluiu a carta, com todos os detalhes, para entregá-la ao proprietário. Preparou-se, psicologicamente, pois já havia ficado histérico quando recebeu as faturas exorbitantes do velhaco, que pretendia extorquir-lhe dinheiro. Planejou a estratégia de entregar a chave sem ter de mostrar de novo a casa, como queria o dono do imóvel. Telefonou ao Mafungo, que prometeu mandar um empregado receber a chave.

Assim, Crátilo chegou e parou o carro numa posição estratégica, com espaço para que o empregado do Mafungo estacionasse. Desse modo, assim que o sujeito parasse o carro, Crátilo entregaria a chave e a carta, tendo ainda espaço para manobrar e ir embora, sem ter de ser submetido a outra inspeção da casa. Dito e feito. Quando o antipático capataz apareceu, acompanhado de um velhote, Crátilo entregou-lhe as chaves, a carta e foi saindo. O homem aproximou-se pra pedir-lhe que mostrasse a casa. Crátilo reclamou que seria humilhante ter de submeter-se a uma nova inspeção. Que o dono da casa lesse o que estava escrito e visse os recibos dos serviços que fizera, de acordo com o contrato do aluguel. E não deu tempo pra que o sujeito argumentasse. Foi saindo com o carro, deixando pra trás aquela casa que esperava nunca mais rever. Dali, encaminhou-se diretamente ao hotel Regente Patrupacha, onde reservara um quarto para passar os últimos dias na exótica ilha.

Aprontou-se ainda para eventual reclamação do dono da casa, anotando num papel algumas ideias para reiterar que estava entregando o imóvel em melhores condições do que

quando o recebera. Na realidade, estava fazendo mais do que seria a sua obrigação. Estava consertando coisas gastas, ainda que desse encargo o contrato o isentasse. Também se preparou para, caso o Mafungo viesse cobrar-lhe algo, dizer que o proprietário é quem lhe devia — dentre outras coisas — o salário do segurança, que ele ficara de pagar e se fizera de esquecido.

\*\*\*\*\*

De uma hora para outra, começou um vazamento nos canos da Residência. Duas semanas se passaram, com os operários quebrando paredes, sem conseguir tapar a fuga de água por diversos lugares. Então, Ferro chamou Crátilo e Carlos à sua sala e determinou, com o olhar furioso e a voz solene:

— Não aguento mais essa situação. Minha casa fede a merda. É um exercício de demasiada humildade para mim. Vou viajar durante uns dias. O Carlos tomará conta do escritório.

Em seguida, virou-se para o computador, e os dois funcionários se retiraram, sem comentários.

Ferro sumiu durante três dias. Ao regressar, fez, na Residência Oficial, uma homenagem ao Serafim. Pelos relevantes serviços prestados à educação patrúpacha, o professor foi condecorado com a Ordem de São Dênis, à qual Túlio chamava de *Ordem do Grão Pênis*. No jantar, foi a mesma conversa de sempre, começando e terminando pela ridiculização do Amilton, aquele *doido varrido*, no dizer do Ferro.

— A mulher dele era uma santa. Queixava-se do marido neurótico. Ele havia colocado o gato da filha numa caixa de sapatos e jogado no caminhão de lixo. Além disso, chegava sempre descabelado e barbudo.

Depois de proferir sua maledicência contra Amilton, o Diretor elogiou a velha Zulmira, por sua fidelidade e por haver reunido 10 diretores da Ventura na casa do Ferro, na filial de Moscou, para comer feijoada e beber vodca. Daí, falou das porcelanas e dos copos de cristal, comprados na Rússia. Madame Ferro repetiu a história das compras que fazia: saiu para comprar bananas e comprou copos de cristal. Depois, Lúcio Ferro

discorreu longamente sobre os diferentes tipos de tapetes de sua coleção.

Crátilo tentava disfarçar o sono quando, por fim, o jantar foi dado por findo pelos anfitriões. No final da noite, o Diretor chamou a atenção de Crátilo porque não havia nenhum jornalista no evento:

— Divulgar não é ficar com o rabo sentado numa cadeira o dia todo. É preciso telefonar pra os jornalistas. — Asseverou, com os olhos vidrados de raiva e em tom de voz amedrontador. Além disso, você não me esclareceu sobre o que eu deveria falar com os jornalistas, caso eles tivessem vindo. Eles teriam vindo aqui e passado a mão na minha bunda...

Dito isto, Ferro pediu-lhe um relatório de todas as atividades desenvolvidas no setor de *marketing*, com ênfase nos contatos realizados com os plantadores de arroz.

— Fez carinho, tem que comer. — Disse, enigmaticamente, e acrescentou, após uma pausa: — Vamos apertar os *colhões* deles...

Crátilo trouxe a advertência com indignação. Achava que vinha trabalhando corretamente e havia mandado *e-mails* aos jornalistas, que não apareceram porque não quiseram.

Lúcio Ferro não perdia a ocasião de reclamar de alguma coisa ou tentar ridiculizá-lo. Quando estava de bom humor, brincava, dizendo aos outros:

— Olha o relógio dele... — E os funcionários riam do relógio colorido de Crátilo.

\*\*\*\*\*

Depois de uns dias, o famigerado Cabeça de Vaca visitou a Patrúpacholândia. Era uma criatura muito branca e gorda. Tinha o cabelo engomado, pele feminina e rosto meio andrógino. Ficou dois dias apenas na prodigiosa terra dos patrúpachas.

Crátilo não foi solicitado a trabalhar durante as visitas que o figurão fez às autoridades locais. Achou melhor assim, porque, desse modo, ficou o fim de semana naquela pasmaceira, no hotel. Embora, com o telefone celular ligado e no bolso, conforme mandou o Lúcio Ferro. O Diretor da Ventura e seu

primo Carlos levaram Cabeça de Vaca aos compromissos na Ilha. No dia da despedida, o estranho homem passou velozmente pelo escritório e os funcionários se perfilaram para apertar-lhe a mão. Ao passar pelo corredor na companhia do Cabeça de Vaca, Ferro aproximou-se de Crátilo e o advertiu ali mesmo, diante do Contador Geral:

— Quando você estiver em reuniões comigo, tem que abotoar o colarinho! — Ordenou, com o olhar fulminante de sempre.

Constrangidíssimo, o escriturário concordou com um *sim, sim, claro*. E logo fechou o botão por trás da gravata. Depois, ficou remoendo interiormente aquela advertência idiota, de um sujeito prepotente. E prometeu a si mesmo esquecer o assunto, mas já sabia que tinha de apertar o pescoço, toda vez que estivesse diante do ominoso homem. Consolou-se com a consciência de que faltava pouco para ir-se definitivamente daquele inferno.

Horas depois, Miriam lhe telefonou, informando-o de que o Ferro mandava que o representasse num compromisso às sete da manhã, antes do horário em que Crátilo devia enviar as notícias do dia para o computador do Diretor e para as sucursais da Ventura, em diversos países.

## **As estranhas transformações do Dr. Lúcio Ferro e de outros habitantes da Ilha**

Passou-se mais uma semana e, de uma hora para outra, a fortuna girou os dados e os números, no rodopio das transformações.

Ferro começou a aparecer no escritório com o rosto desfigurado, pálido e decaído de ânimo, com a voz engrolada e as mãos trêmulas. Carlos e Miriam cochichavam pelo corredor. Era impossível ocultar aquela coisa estranha. Espalhou-se a notícia de que o Dr. Ferro fora acometido de um grave problema. Tivera algo semelhante ao que ocorrera com o ditador Carrascal, por causa do terrível vício de chupar o sangue de suas vítimas.

O Diretor da Ventura passou a fugir dos raios do sol. Transformou-se num tenebroso ser noturno, que dormia num ataúde. Não era superstição, afinal, a lenda dos vampiros da Ilha dos Patrupachas? Não eram delírios da imaginação popular? Ferro transformara-se num monstro. Um dia apareceu pálido, os olhos vermelhos, a voz mudada. Os dentes cresceram, deformando-lhe a boca. Não se sabe se havia sido contaminado por alguma harpia-vampira ou pelas misturas de poções de sua adega. Vagava pelas noites de lua cheia, nas ruas fantasmagóricas da Ilha. Perdido, sem achar o caminho dos bordéis.

Para Túlio, o homem se havia metido com o vodu. Decidira invocar as invisíveis substâncias e, numa noite de ventos desatados, bebera raspa de múmia, veneno de cobra vesga e asa de morcego. Para ser grande, era preciso servir à maldade.

O flagelo não se limitou a atingir o Diretor da Ventura. Abateu-se, também, terrivelmente, sobre toda a Ilha. Havia centenas de nativos contaminados de vampirismo. Ficaram pálidos, com olheiras enormes e cresceram-se-lhes os dentes.

Segundo a tese do antropólogo Siciliano, os terremotos e furacões que aconteciam na Ilha eram causados pela impiedade do torcionário Carrascal. Uma pessoa capaz de tanta crueldade atraía maldições e catástrofes. O resultado daquelas perversidades eram as pestes e os vendavais que assolavam a

Ilha. A maldição foi associada aos crimes hediondos do ex-ditador.

Para Crátilo, o anátema da peste poderia ser consequência do comportamento do sanguinário sátrapa, que era considerado, pela maioria da população, herói nacional e benfeitor da Patrúpacholândia.

Os jornais divulgaram o artigo do Antropólogo, que associava um fato ao outro. Recordaram o tempo em que o ditador mudou o nome da Patrúpacholândia para Cidade Carrascal.

Ao lado da manchete, que mostrava fotos dos contaminados de vampirismo, havia reportagens sobre os episódios relacionados às crueldades da ditadura.

O Patrúpacha's Diary estampava uma reportagem sobre o livro do Antropólogo, em que denunciava os crimes do ditador e seus acólitos. Os cadáveres das vítimas eram atirados ao mar. Para que não flutuassem, os verdugos abriam-lhes os ventres e retiravam-lhes as tripas.

Um dos mais horripilantes crimes do ditador foi o das três belas irmãs Wangara. Carrascal começou a odiá-las, desde o dia em que, numa festa, a mais jovem, Anita Wangara, recusou-se a atender o convite para comparecer à mesa do tirano. Ela teria respondido:

— Ele que venha até aqui, em vez de mandar recados por terceiros.

Quando a moça passou a fazer oposição política ao regime arbitrário, Carrascal mandou prender os maridos das três irmãs. Não contente, confiscou os bens do pai delas e determinou que um grupo de esbirros as sequestrasse e as executasse a golpes de marreta. Os cadáveres foram lançados num precipício, dentro de um jipe. No dia seguinte, os meios de comunicação noticiaram as mortes como um acidente. Dias depois o ditador fazia discurso público, lamentando a má sorte das pobres mulheres.

Nas páginas seguintes do jornal, os articulistas discorreram sobre as porradas que levou Álvaro Caco, em quem aplicaram a tortura do sono: quando tentava dormir, levava pancadas. Foi impedido de dormir durante 11 dias e 11 noites, até morrer de cansaço. Recordaram também assassinatos como o de Eugênia

Naná, que liderou uma greve, abatida com três tiros nas costas. Outros crimes foram evocados: o do líder sindical Alfredo Kofo que, quando passava em sua bicicleta, foi emboscado por agentes policiais. Eles o alvejaram à queima-roupa. Havia outras histórias terríveis, de presos encontrados enforcados. Também, dentre diversos casos, o do Coronel Menguá, que teve a ousadia de se declarar candidato a governador. O seu cadáver foi encontrado numa vala, juntamente com o da sua secretária, num descampado.

Crenças e superstições à parte, Crátilo tendia a acreditar que o infortúnio de uma população poderia ter por causa a crueldade do ditador. Como uma espécie de maldição ou castigo, ainda que depois de 20 anos.

O escriturário tinha certeza de que estava imune à horripilante afecção, ainda que a peste fosse transmissível. Não contraíra malária, tampouco pegaria a doença dos bebedores de sangue. Porém, não deixou de sentir profunda angústia por toda a situação. Embora não conhecesse os subterrâneos mais tenebrosos da Ilha, sabia que algo de macabro havia nos bastidores daquela sociedade mentalmente enferma. Ignorava, porém, a profundidade do abismo. Não imaginava que pudessem ser tão trágicas as consequências sofridas pela população patrupacha. Parecia-lhe claro que aquela situação denunciava uma vertiginosa decadência. Certamente, era a implacável força do imponderável, que atuava para fustigar aqueles ignorantes.

\*\*\*\*\*

Quando, de chofre, o Dr. Ferro se transfigurou, exigiu que o motorista Khornu levasse diariamente mulheres jovens à sua cama. Madame Ferro se havia refugiado em Nuebayol. O prócer tinha uma sede maldita, que precisava saciar. O seu apetite hemático foi crescendo, até à prática contumaz do mais mórbido parasitismo sadomasoquista: passou a sorver mênstruo. Ficou com o aspecto de um gnomo verdoso, os dentes caninos crescidos e lábios sempre vermelhos. Passou a deitar-se num féretro cheio de flores, iluminado por círios.

Teria sido vítima de magia negra? Teria alguém espetado a sua imagem em miniatura, com alfinetes? Era assustadora a prática do vodu nos subterrâneos da Patrúpacholândia. Estaria o Diretor da Ventura possuído por Exu?

Segundo Túlio, que acompanhava atentamente aqueles acontecimentos trágicos, Zulmira levou o chefe a vários feiticeiros, que sacrificaram galinhas nas encruzilhadas. Uma necromante afirmou que a causa do problema eram os urubus que sobrevoavam a Residência Oficial. Untou-lhe o corpo e murmurou encantamentos. Por fim, Ferro foi tratar-se em Nuebayol, salvando-se com uma transfusão de sangue. Zulmira garantiu que, depois do tratamento, o Diretor adquiriu qualidades de bruxo-vidente e passou a desenvolver poderes sobrenaturais.

Quando a situação chegou a esse ponto, todo o pessoal da Ventura já abandonara a Ilha. A epidemia de vampirismo se alastrava, com imprevisíveis consequências.

Já de malas prontas, Serafim chegou ao escritório, queixando-se de estar acometido de malária ou vampirismo. O único médico confiável era o Dr. Iracildo, que havia partido desde aquela sova dos assaltantes. Na realidade, o professor estava psicologicamente abalado com aquela situação. O sintoma que tinha era *uma dor nos quartos*.

Túlio, por sua vez, havia conversado com alguns feiticeiros necromantes, que se vangloriavam de cruzar os ares, montados em bodes, carregando infusões maléficas. Um deles assegurou ao arquivista que havia feito um trabalho contra o Dr. Ferro: havia esfaqueado um bode e comido os testículos do animal. Também, havia invocado criaturas sinistras, viciadas em sugar o sangue de crianças. Desse modo, acreditava que Ferro se transformaria num inseto e seria capaz de sugar a jugular de suas vítimas.

Na Ilha, havia vampiros que desenterravam cadáveres para comê-los. Serafim, arrependido dos pecados, rezava de modo contrito e citava o Apocalipse. Afirmava que a peste vampiresca era um castigo do Anjo Exorcista para aquela *terra nefanda*.

A empresa evacuou todos os seus funcionários, facilitando-lhes a transferência a diversos países onde havia escritórios da Ventura. Zulmira zarpou para a megalópole Nuebayol. Carlos partiu com destino ao Istmo de Safira, com sua mulher

patrúpacha. A Crátilo só restava fazer as malas e deixar aquele pavoroso lugar. Que coincidência feliz, a oportunidade de ir embora, naquele momento crucial. Fugiria da horrível epidemia, para nunca mais regressar à terra de demônios!

\*\*\*\*\*

Crátilo chegou ao aeroporto com três horas de antecedência, mas já haviam vendido a sua passagem aérea. Reclamou, mas não teve jeito. Comprou outra, sem prolongar a discussão. Os patrúpachas ainda implicaram por causa de sua bagagem. Parece que estavam adivinhando que aquela seria a sua partida definitiva. Um deles mandou-lhe abrir a mala e revirou quanto havia dentro. Outro examinou-lhe o passaporte e notou que o seu visto havia expirado em outubro. Era primeiro de novembro e, portanto, ele não deveria estar ali, não poderia viajar. Teria de regressar e renovar o visto. Crátilo explicou-lhe que a sua missão na Ilha estava encerrada e prometeu-lhe que aquela seria a última vez que causaria tal inconveniente, pois jamais regressaria.

— Não se trata de regressar ou não regressar. O problema é outro. — Argumentou o patrúpacha.

Crátilo sabia que, até o último momento, seria molestado pela ruindade dos cidadãos da Ilha. Sabia que só ficaria tranquilo quando pusesse o pé no avião. Estava com dor de cabeça, de tanta raiva. Qualquer morte lhe parecia melhor do que a ideia de permanecer naquele lugar macabro.

— Isto quer dizer que eu não posso nem entrar nem sair? Que você quer que eu faça? Quer me colocar na prisão? — Indagou ao patrúpacha.

Tentou explicar ao seu interlocutor que não era necessário nenhum visto para entrar e sair da Ilha. Mas, mesmo assim, o governo local emitia visto. Depois de muita conversa, o sujeito da alfândega o deixou passar.

Sentiu o costumeiro asco de ter de tirar os sapatos e pisar no chão de meias, na hora de passar pela fiscalização. Além disso, o *patrúpa* o obrigou a abrir a bagagem de mão e revistou tudo, antes que ele passasse pela cancela. Por fim, colocou

numa bandeja os sapatos, o relógio e o cinto. E, com medo de que as calças caíssem, passou pela cancela.

\*\*\*\*\*

Por incrível que pareça, a melhora da situação sanitária na Ilha se devia a um índio estrangeiro, de nome Chico Tabatinga, oriundo de uma tribo que habita as selvas de um país remoto.

O aborígine levou à Ilha dos Patrupachas a vacina do sapo, que não apenas curava, mas prevenia os casos de vampirismo. Chico Tabatinga aplicou em muitos patrupachas a tal vacina, que consistia em esfregar a baba de determinado sapo sobre uns arranhões na pele das pessoas.

Como medida de salvação, o governo patrupacha passou a importar sapos para aumentar a sua população de batráquios. Estava também construindo criadouros em lagos e lagoas. Construíram-se ainda vomitórios públicos, para que os vacinados precipitassem os bofes boca afora, já que a vacina provocava vômito.

Chico Tabatinga foi condecorado com a Medalha da Democracia e rebatizado pelo Cardeal Arcebispo com o nome de Juvenal Bongo Bongo. A medalha que ostentava, em vez da tradicional águia, era um sapinho verde, circundado pela cobrinha espiralada — que simboliza a Medicina. Os próprios feiticeiros, reconhecendo-se impotentes para curar o mal, deram o braço a torcer e aplicavam a vacina do sapo, a três por dois, em todas as regiões patrupachas.

Controlada a epidemia, Ferro, outra vez com o rosto rosado e sem as olheiras mórbidas, implorava ao Gerente Geral da Ventura para regressar à Ilha. Prometeu que voltaria com o mesmo entusiasmo. E enviou-lhe diversos atestados médicos, comprovando sua cura definitiva daquela pavorosa patologia. Perguntado se não temia uma reincidência da praga vampiresca, respondeu que não lhe importava nenhum perigo. Que o bom funcionário é aquele que cumpre qualquer missão. Disse que regressaria à Ilha dos Patrupachas e dali não sairia. Para provar a sua abnegação como empresário, não perderia a oportunidade de investir na construção de piscinas para a criação de sapos.

## **TERRA DE DEMÔNIOS, OU: A ILHA UIVANTE DE MÁRCIO CATUNDA — UMA NOVA ESTRATÉGIA ROMANESCA**

Este livro foge a quase todos os modelos esperáveis de romance brasileiro. Não se trata de um romance brasileiro urbano porque não se passa numa cidade brasileira. Não é também um romance regionalista, pois toda a sua trama está ocorrendo a milhares de quilômetros de qualquer região de nosso país. E nem é um romance psicológico. Trata-se, na verdade, de um novo e surpreendente tipo de literatura engajada e de denúncia também.

Todos os seus personagens principais parecem ser pessoas reais, de carne, osso e alma. No entanto, quando o leitor mergulhar nessa trama inconveniente, desesperada e desalmada, verá — com um quase indefinível espanto, um desconforto crescente e gargalhadas terríveis — que a maioria dos caracteres deste livro há muito perderam esse terceiro componente, imprescindível à existência de um ser humano.

Notará ainda que todos eles, sem quase uma exceção sequer, interagem em cenas microapocalípticas: numa realidade triste, patética e insólita. Tudo se passa num país estrangeiro, onde o dinheiro é o principal assunto recorrente em quase todos os momentos da ação, como um elo de *com/fusão* entre todos eles. Um lugar em que tudo é permitido, menos o amor.

Estamos aqui, nestas páginas de ficção, imersos por completo numa distopia destrambelhada. Como os calhambeques que trafegam caoticamente pelas ruas e estradas esburacadas desse distante país decapitado. Um lugar onde tudo funciona ao contrário do que deveria ser, do que se poderia esperar. Onde ação nenhuma se completa para o bem.

Acompanhamos o roteiro *desalquímico* das atribuições, trabalhos, aborrecimentos e peripécias desmoralizantes de Crátilo Portela, em sua indignada estada-travessia pela ilha dos demoníacos Patrúpachas, numa contínua aceleração humorística. E assim, percebemos que há zonas no mundo onde de fato o desenvolvimento moral e espiritual, a felicidade, a ética, a harmonia, o estado de bem-estar social, a cultura — no seu

exato valor — jamais serão atingidos. Há muito pereceram ou nem sequer por lá nasceram, em algum momento do passado.

Crátilo Portela, o personagem fio condutor da trama deste livro, meteu-se numa peregrinação por um buraco negro da civilização e da História. Um choque total e complexo de mundos inconciliáveis, um desencontro completo de civilizações e mentalidades. E estamos falando de um romance que é realista, na medida em que descreve — com um enorme senso de observação — outro tipo de mundo, de panorama social, de paisagem mental. Mas essa descrição tragicômica percuciente assume um caráter inteiramente surrealista e desemboca na direção de um paroxismo de eventos e metamorfoses. Tal descrição ultrapassa os anteriores parâmetros de um realismo mágico, a que estávamos convencionalmente acostumados. Refundem-se aqui, portanto, muitas tradições romanescas. Com um furor humorístico que, diríamos, percussivo e radical.

A literatura de ficção brasileira pouco se aventurou nos mundos de fora do país. Há poucos romances ou novelas em *língua brasileira* que tenham suas narrativas acampadas em terras ignotas, como este aqui. Esta é a primeira característica peculiar, dentre tantas outras bem originais e relevantes deste livro. Características que proporcionam ao leitor o necessário estranhamento e um tipo de leitura imersiva sem precedentes em nossa tradição literária.

Desde as primeiras linhas da narrativa, o leitor se vê entranhado e conduzido, por um narrador onisciente, num mundo de pesadelo. Passa então a ser levado, aos trancos e barrancos, num contínuo de ações e sucedimentos que não param de ocorrer. Numa velocidade de enxurrada, que não dá tréguas a qualquer contemplação. Não há um instante de paz, uma clareira de bem-aventurança, um momento de tranquilidade na vida do atormentado e poético Crátilo Portela, na ilha dos maldosos Patrupachas. Ilha de todas as distopias do mundo ali concentradas, lugar onde até para se tomar banho de mar em águas fétidas e poluídas tem-se de pagar. Pois até ele, o mar, tem um porteiro e foi privatizado. E a própria natureza prepara suas revoltas incomensuráveis diante de tantas vilanias.

No que concerne aos modos de interpretação do mundo e dos homens, esta obra de Márcio Catunda reinstala — de um modo inesperado e extraordinário — o maniqueísmo. E o realiza numa escala mais alta, de mais vibratória gradação. Ao fazê-lo, segue no sentido contrário do que a tradição pós-modernista tentou forçar às narrativas contemporâneas e até à própria filosofia.

Assim, esta obra traz de volta o pensamento binário, as dicotomias clássicas anteriores do bem e do mal, do bom e do ruim, do certo e do errado, da luz e da escuridão. Porém, através de um novo aporte.

Seus personagens todos estão cingidos de qualidades aéticas diretamente apreensíveis pelo olhar, por suas características físicas e comportamentais moralmente empoeiradas. Não são ambíguos em nenhuma de suas manifestações. Não há nenhuma gradação entre o branco, o cinza e o negro em qualquer ação que cometam. Tudo aqui é inesperadamente esperável. Tudo é horrivelmente circunscrito e imposto, na retina do leitor, sem qualquer retorcida ou difração narrativa. Pois o revoltado narrador do romance não está possuído de qualquer hesitação em suas fotografias morais, já que aquilo que capta e desvenda, sem nenhum filtro ou inflexão prismática atenuante, tem a facilidade exatíssima do mal: quase todas as cenas são antiepifanias ruidosas, barulhentas, imbuídas da cruel nitidez do espalhafato. Aliás, há muito de teatral e de cinematográfico nesta obra, pois muitas vezes o seu fluxo ficcional vertiginoso transforma-se em hilariantes esquetes de diálogos em suspensão, de teatro do absurdo.

Este é o livro dos desperdícios morais de Crátilo Portela, uma história ao contrário do que deveria ser o mundo. Aborda medíocres rituais irrelevantes que não levam de modo algum a qualquer iniciação o atribulado peregrino. Uma história de peripécias nefandas e inúteis, de tormentos desnecessários. A ilha uivante dos devassos patrupachas sendo uma zona de desaprendizagens mortais e imorais; de aborrecimentos absolutamente inócuos e ridículos, que não levam a qualquer sabedoria; de sofrimentos incessantes e sequenciados que não trazem qualquer lição em seu bojo. Trata-se de uma *desiniciação*

caótica, que nada acrescenta ao seu neófito. Uma deseducação, a modo de tortura cotidiana, que não lhe adiciona nenhuma qualidade. Uma destruição quase completa e inconsequente de todos os rumos e de todas as esperanças, em um novelo emaranhado de *desacontecimentos*, sem quaisquer finalidades. As experiências *kaficômicas* de Crátilo Portela, na ilha dos Patrupachas, não servem para nada. Suas provações têm a natureza demoníaca da gratuidade.

É claro que este romance, *Terra de Demônios*, tem uma base autobiográfica relevante, se levarmos em conta a trajetória de seu autor. Márcio Catunda é poeta e diplomata viajado por quase todos os continentes. Esta obra de ficção desenfreada está assombrosamente municiada por suas vivências, aqui poeticamente aglutinadas. Muitas delas experimentadas em vários países do chamado Terceiro Mundo: improvisados e já caquéticos Estados da periferia, com suas sociedades inabordáveis e incompreensivelmente tribais. Sociedades maremoto-congeladas em si mesmas. Que não podem ser medidas e compreendidas por nenhum parâmetro aristotélico e racional. E, paradoxalmente, segundo aqui nos parece dizer fixamente o autor, nem por outra qualquer forma de aferição que seja.

Sem jamais serem portadoras de nenhum substrato edênico ou genesíaco, não passam de sociedades imundas, permissivas, grotescas, apoéticas e amorais. Que já não podem mais ser redimidas por nenhum olhar antropológico, em busca do bom selvagem, ou de premissas e primícias ontológicas salvacionistas. Ou mesmo, por um inocente olhar poético inaugural. Aqui, até as práticas mágicas (as tecnologias invisíveis do espírito) são envenenadas pelo egoísmo mais dilacerante e assassino. Tudo chafurda na lama do crime e da maldade.

Um romance (ou uma demasiada novela?) como este, de Márcio Catunda, é muito mais operativo no desvendamento das atuais condições da máquina enlouquecida de certas sociedades do mundo atual do que a maioria das teses oriundas das pesquisas de campo das chamadas Ciências Sociais. Esta obra funciona mais na elucidação de todo um mundo estéril, em sua nulidade de base. Nulidade que se acha no esterco de sua raiz,

de sua voracidade diabólica. Um mundo que só aparentemente se mostra incompreensível. A respeito desse mundo, este livro elucida mais do que o mais científico, objetivo e panorâmico estudo com métodos pré-moldados sobre determinada sociedade remota. Porque ele vai até o fim, em busca das causas das coisas, dos costumes, dos hábitos, comportamentos e práticas sociais.

O seu modo é o do *romance de desaventuras*, da sátira sem melindres, da narrativa irônica hiperbólica, da antipatia sagaz e ressoante. Da nada neutra impermeabilidade a um universo tosco e retorcido. Universo em que foi obrigado a mergulhar o seu ingênuo, quixotesco e cada vez mais molestado personagem: um escritor por vocação feito escrivão por força das desvairadas e avariadas circunstâncias.

Tudo tem de ser visto e dissecado com a pupila do desconforto e do escracho de quem mergulhou no próprio inferno. E, diante do inferno, não pode haver imparcialidade, generosidade ou isenção poética. Não se pode ser amável nem politicamente correto com um mundo habitado por diabos e demônios. A única maneira de descrever esse território pastoso e movediço é desancando-o a cada frase, a cada milímetro ventoso das palavras. Não pode haver piedade nem pieguice para com os patrupachas que estão tornando a Terra cada vez mais inviável e insuportável. Eles têm de ser chibatados com o látigo do verbo enfurecido, que desvenda a magnitude de seus males e de suas práticas nauseabundas. Chibatados com a raiva poética do verbo, em chamas mais fortes e agudas que as labaredas desse inferno que engendraram.

Este romance é uma máquina fofa-espinhenta de guerra, de achincalhe — um eletroencefalograma do mal. Uma descida, com o ardido estro da vingança justa, ao coração das trevas contemporâneas. É o lugar onde duas sociedades são dispotas: a brasileira e a da Ilha dos Patrupachas. A brasileira, mostrada através dos componentes burocráticos e administrativos de uma determinada empresa multinacional, chamada picaramente de Ventura. As duas sociedades são remoídas pelo fulgor analítico da luz da narrativa, necessariamente impiedosa.

Não há brechas para os destinos do mundo, no muro grafitado por essa ampla narrativa panorâmica de uma ilha inviável e fumacenta. Uma ilha desencantada. A tinta de suas frases é negra, forte, vulcânica, fuliginosa.

Este livro é uma erupção. Rompe definitivamente — com sua aura de fumaça vidente, satiricamente — com os modelos das acetinadas ambiguidades furta-cores das narrativas pós-modernas. Modelos cujo sistema era o de ocultar-nos a própria existência do mal.

A maioria dos personagens desta obra não possui qualquer qualidade moral. Todas as pessoas da ilha são mortos-vivos. Menos uma — apenas uma! —, que o leitor conhecerá durante a leitura deste relatório alucinante de vicissitudes e maldades imbecis. As demais são pessoas imantadas pela sombra emblemática de um ditador nigromântico, que lhes serve de modelo de ser e ação. Tal um selo atmosférico dissolvido na atmosfera do país, um diagrama sobrenatural.

Todos eles são de fato personagens unidimensionais, personagens planos. Que podem e devem — precisam mesmo — serem descritos num átimo de relâmpago analítico-caricaturista, em duas ou três palavras, pelo observador-narrador onipresente. Devem ser revelados numa única expressão fotográfica e definidora, quase física, pois o mal os aplainou, não têm quaisquer maiores dimensões psicológicas. Já não possuem inconsciente ou espessura. Nem podem habitar qualquer outra dimensão que não a reificante, em cujo reino — nada romântico, feito de externalidades rasteiras — proliferam como feras.

Talvez esse *cartoonismo* de traços, aparentemente unidimensionais, seja a melhor maneira de a literatura voltar a mostrar, de um modo gráfico-lancinante, a realidade — nada enigmática — que tem diante do nariz nos tempos atuais.

Esse também constante estado de prevenção crítica, essa constância de uma permanente atitude desconfiada, com um pé sempre atrás. Esse estado *pré-conceituoso* do narrador, aqui instalado, talvez seja a maneira mais eficaz de a literatura novamente retratar, filmar (sem os filtros epistemológicos da moda) as tais sociedades pós-modernas deixadas em frangalhos

morais. Sociedades assim reduzidas pelo furacão anárquico-fascista das práticas neoliberais que se abateu sobre o mundo.

Aqui houve uma necessária contorção das práticas narrativas. Voltou-se a certos esmeros técnicos do romance com começo, meio e fim do século XIX. Retornou-se ao romance de personagens anterior ao romance psicológico. Mas aqui também se adicionaram novas perspectivas a partir da redescoberta de que o mais profundo está mesmo na superfície (*A profundidade está escondida. Onde? Na superfície.* — Hofmannsthal). No que se mostra nos gestos, nas atitudes, nas fisionomias e nas características físicas já fossilizadas e recorrentes. Pois, para aquele escritor que sabe ver com olhos bem abertos, já não há como cair em qualquer cilada, quando se empreende a narrativa-vertigem, de linguagem transparente, que é este romance de proa da novíssima literatura brasileira universal. Pois há sempre um modo de evasão certa da acidental Ilha dos Patrupachas.

Carlos Emílio Corrêa Lima  
Fortaleza, 11 de março de 2013.